

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES

DANIEL MITTMANN

PENSAR UM FUTEBOL-MENOR: O CLUBE ESPORTIVO AIMORÉ COMO EXPRESSÃO DA
COMUNIDADE DE SÃO LEOPOLDO, RS

PONTA GROSSA
2021

DANIEL MITTMANN

PENSAR UM FUTEBOL-MENOR: O CLUBE ESPORTIVO AIMORÉ COMO
EXPRESSÃO DA COMUNIDADE DE SÃO LEOPOLDO, RS

Dissertação apresentada no Mestrado em História, Cultura e Identidade, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves

PONTA GROSSA
2021

M685 Mittmann, Daniel
Pensar Um Futebol-Menor: o Clube Esportivo Aimoré como expressão da comunidade de São Leopoldo, RS / Daniel Mittmann. Ponta Grossa, 2021. 140 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves.

1. Futebol. 2. Cidade. 3. Clube Esportivo Aimoré. 4. São Leopoldo. 5. Prática torcedora. I. Chaves, Niltonci Batista. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 981.65

TERMO DE APROVAÇÃO

Daniel Mittmann

PENSAR UM FUTEBOL-MENOR: O CLUBE ESPORTIVO AIMORÉ COMO EXPRESSION DA COMUNIDADE DE SÃO LEOPOLDO, RS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 08 de março de 2021, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. NILTONCI BATISTA CHAVES (UEPG)
(Orientador)



Prof. Dr. CONSTANTINO RIBEIRO DE OLIVEIRA JUNIOR (UEPG)



Prof. Dr. FABIO LUCIANO IACHTTECHEN (IFPR)

Ponta Grossa, 08 de março de 2021

Aos meus queridos tios, sempre presentes na minha história, Ataiades Bobsin dos Santos e Irene Mittmann dos Santos (In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

A UEPG pela oportunidade de estudar gratuitamente e de quebra experimentar um pouco a vida em Ponta Grossa e o gostinho do interior do estado do Paraná. A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a Fundação Araucária pela bolsa de estudos e a possibilidade, o que não é pouca coisa no contexto atual, de me dedicar integralmente aos estudos de pós-graduação e a pesquisa.

Aos colegas da turma de 2018 pelas trocas de experiências e de conhecimento, em especial aos amigos Bruno José Yashinishi e João Francisco Miró Medeiros Nogueira, com os quais compartilhei muitos bandejões, mates, cafés, frustrações e expectativas. Aos companheiros de pesquisa do Núcleo de História Intelectual.

Ao meu orientador de pesquisa acadêmica e de histórias e vivências da noite princesina, o entusiasta do fantasma dos Campos Gerais, o Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves.

Aos amigos de longa data, amizades estas que tendem ao infinito, ao meu irmão aviador Claudio Bolzan, o Révi, ao físico Sérgio Mittmann, além de tudo o primo Doutor, ao quadrinista e gaiteiro da Macedusss & Grupo Gabriel Renner, com quem desde meados dos anos 2000 “rompemos fronteiras” e ao xavante Aroldo Garcia dos Anjos (Salve o Brasil), com quem além de compartilhar o mesmo teto pude dividir as amarguras de se viver longe do Rio Grande do Sul, aprendi muito sobre o extremo sul do Brasil (em especial que: Bagé Cresceu!).

A minha família, no topo da lista, minha coroa Oldina Maria Mittmann que já compartilhou muitas e muitas horas de sua existência ouvindo meus lamentos e sempre incentivando as minhas iniciativas. Minha irmã, Jaqueline V. Mittmann Magedanz, com quem entre encontros e desencontros, entre muitas diferenças, acabamos sempre nos aproximando quando se faz necessário. A memória do meu velho e querido pai, Eclair Mittmann, com o qual – mesmo depois de sua morte – estando a cada dia mais distante temporalmente continuo aprendendo coisas novas ao invocar as lembranças que tenho de nossas conversas.

A família Bolzan que valorosamente contribuiu com esse trabalho, além de me brindar a companhia na existência do cotidiano.

A minha companheira de vida Camilla Voigt Baptistella: com quem divido as contas, a casa, os planos de futuro, coisas boas e coisas ruins, entre elas a leitura dessa dissertação, os momentos de indecisão na vida, as idas a Ponta Grossa e quem eu deixo saturada com minhas lamúrias de saudades da terra gaúcha. E, de quebra, durante esses quase três anos de pesquisa foi parceira (involuntária) na escuta de dezenas de hinos de variados e variados clubes de futebol.

Ao Clube Esportivo Aimoré, o “Bravo índio capilé” cantado em seu hino, sem o qual não existiria essa pesquisa e certamente São Leopoldo seria uma cidade menos interessante.

E por fim, como canta o pelotense Vitor Ramil no final da sua canção Satolep, a qual abre o seu primeiro álbum A Paixão de V Segundo Ele Próprio, “e viva o Rio Grande do Sul”!

Eu sou São Leopoldo, eu sou o Aimoré, eu sou o Rio dos Sinos.
(Macedusss & As Desajustado Banda)

RESUMO

A pesquisa aqui presente tem como objetivo tratar do que chamaremos de futebol menor. Entendido nesse trabalho, a partir de uma leitura deleuziana, o universo que cerca os pequenos clubes de futebol (os times não midiáticos). Os quais disputam segundas e ou terceiras divisões, limitando-se geralmente as competições locais e regionais, esquadras geralmente muito distantes dos holofotes da mídia e das importantes relações de jocosidade (rivalidade) com torcedores de outras equipes de futebol. Queremos nos deter mais especificamente sobre as práticas torcedoras que se desenrolam nos jogos do Clube Esportivo Aimoré, na cidade de São Leopoldo, na região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. A partir das distintas maneiras de torcer e de acompanhar, viver, o clube e os jogos do C.E. Aimoré, levado a cabo por seus torcedores e torcedoras, buscaremos entender alguns dos mecanismos e das lógicas presentes na produção de identidade e de imagem de uma determinada cidade, no caso a identidade de ser leopoldense e a imagem de São Leopoldo. Imagem que os seus moradores, e os habitantes de outras cidades do entorno, vão consumir, reproduzir e ou se opor. A pergunta que anima esse trabalho é: como o Clube Esportivo Aimoré, o Índio Capilé, apresenta em sua história recente as expressões dessa comunidade torcedora? Busca-se assim, pensar as imagens e os discursos que circulam pelas diversas camadas tanto da cidade física como da virtual (redes sociais e mídia alternativa ligada aos torcedores comuns e aos militantes).

Palavras-chave: Futebol. Cidade. Clube Esportivo Aimoré. São Leopoldo. Prática Torcedora.

ABSTRACT

This present research aims to address what we will call minor football. Understood in this work, from a Deleuzian reading, the universe that surrounds small football clubs (non-media teams). They compete for second and third divisions, generally being limited to local and regional competitions, squads that are often very far from the media spotlight and the important jousting relationships with fans of other football teams. We want to focus more specifically on the fan practices that take place in the games of Clube Esportivo Aimoré, in the city of São Leopoldo, in the Rio dos Sinos Valley region, in Rio Grande do Sul. From the different ways of cheering and following, live, the club and the games of CE Aimoré, carried out by its fans, will seek to understand some of the mechanisms and logic present in the production of identity and image of a particular city, in this case the identity of being leopoldense and the image of São Leopoldo. Image that its inhabitants, and the inhabitants of other surrounding cities, will consume, reproduce and or oppose. The question that animates this work is: How does the Aimoré Sports Club, the Indian Capilé, present in its recent history the expressions of this fan community? Thus, we seek to think about the images and discourses that circulate through the various layers of both the physical and virtual city (social networks and alternative media linked to ordinary fans and militants).

Key words: Soccer. City. Aimoré Sports Club. São Leopoldo. Cheering Practice.

RESUMEN

La investigación aquí apunta a abordar lo que llamaremos fútbol menor. Entendido en este trabajo, a partir de una lectura deleuziana, el universo que rodea a los pequeños clubes de fútbol (equipos no mediáticos). Compiten en segundas y / o terceras divisiones, generalmente limitadas a competencias locales y regionales, escuadrones generalmente muy alejados de los medios de comunicación y las importantes relaciones de broma (rivalidad) con los fanáticos de otros equipos de fútbol. Queremos centrarnos más específicamente en las prácticas de animación que se desarrollan en los juegos del Clube Esportivo Aimoré, en la ciudad de São Leopoldo, en la región del Valle del río dos Sinos, en Rio Grande do Sul. Desde las diferentes formas de animar y seguir , para vivir, el club y los juegos de CE Aimoré, llevados a cabo por sus partidarios, intentaremos comprender algunos de los mecanismos y la lógica presente en la producción de identidad e imagen de una determinada ciudad, en este caso la identidad de ser Leopoldense y La imagen de São Leopoldo. Imagen que sus residentes, y los habitantes de otras ciudades cercanas, consumirán, reproducirán o se opondrán. La pregunta que anima este trabajo es: ¿cómo Clube Esportivo Aimoré, Índio Capilé, presenta en su historia reciente las expresiones de esta comunidad de admiradores? Por lo tanto, el objetivo es pensar en las imágenes y los discursos que circulan a través de las diferentes capas de la ciudad física y virtual (redes sociales y medios alternativos vinculados a los fanáticos y militantes comunes).

Palabras Clave: Fútbol. Ciudad. Clube Esportivo Aimoré. São Leopoldo. Prácticas de Aguante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jogadores do Aimoré, em um caminhão de sucata, comemorando na Rua Grande 18	
Figura 2 – Torcida Los Reyes solta sinalizadores.....	21
Figura 3 – AIMORESISTAS: maior patrimônio.....	65
Figura 4 – Promoção do grupo RBS “A cara do gauchão”.....	70
Figura 5 – Felipão encontra Dona Alaídes.....	70
Figura 6 – Câmara de vereadores homenageia Aimoré.....	72
Figura 7 – Retorno do Aimoré a primeira divisão.....	72
Figura 8 – Mutirão.....	73
Figura 9 – Confraria Índio Capilé na coluna social.....	75
Figura 10 – Venda de acessórios no estádio.....	76
Figura 11 – Promoções do Aimoré.....	79
Figura 12 – Torcida Los Reyes no Clássico do Vale.....	84
Figura 13 – Banda da Los Reyes no Cristo Rei.....	86
Figura 14 – Claudio Bolzan fardado com as cores do Ijucapirama.....	94
Figura 15 – Faixa Anti Grenal na torcida do Brasil de Pelotas.....	101
Figura 16 – Rivalidade no Vale.....	119
Figura 17 – Caderno de esporte especial sobre o clássico do Vale.....	135
Figura 18 – Queda do muro na capa do VS.....	136
Figura 19 – Reconstrução.....	137
Figura 20 – Ao fundo, o muro que insiste em cair.....	137
Figura 21 – Aimoré vs Novo Hamburgo: “quero que legalize o baseado”.....	138
Figura 22 – Charge sobre o clássico do Vale.....	138
Figura 23 – O Aimoré voltou.....	139
Figura 24 – Torcedores acompanham jogo do Aimoré no Barranco.....	139
Figura 25 – Macedusss & As Desajustados Bando vestindo roupas do Aimoré.....	140
Figura 26 – Foto de divulgação da Macedusss & Banda.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População das cidades citadas.....	134
Tabela 2 – Números do clássico do Vale.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amplitude Modulada
AveCruz	Clássico entre Esporte Clube Avenida e Futebol Clube Santa Cruz, ambos da cidade de Santa Cruz do Sul, RS
BaGua	Clássico entre Grêmio Esportivo Bagé e o Guarany Futebol Clube, ambos da cidade de Bagé, RS
BraFar	Clássico entre Brasil de Pelotas e Farroupilha, ambos da cidade de Pelotas, RS
BraPel	Clássico entre Brasil de Pelotas e Pelotas, ambos da cidade de Pelotas, RS
BV	Barra Brava
CA Juventus	Clube Atlético Juventus
CaJu	Clássico entre Caxias e Juventude, ambos da cidade de Caxias do Sul, RS
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CE Aimoré	Clube Esportivo Aimoré
CONMEBOL	Confederación Sudamericana de Fútbol (em espanhol) - Confederação Sul-Americana de Futebol (em português)
EC Juventude	Esporte Clube Juventude
EC São José	Esporte Clube São José
ECNH	Esporte Clube Novo Hamburgo
ECP	Esporte Clube Pelotas
ECPF	Esporte Clube Passo Fundo
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FIFA	Fédération Internationale de Football Association (em francês) – Federação Internacional de Futebol Associado (em português)
FlaFlu	Clássico entre Flamengo e Fluminense, ambos da capital carioca
FM	Frequência Modulada
FPF	Federação Paranaense de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
GEB	Grêmio Esportivo Brasil
Grêmio FBPA	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense
GreNal	Clássico entre Grêmio e Internacional, ambos da capital Porto Alegre
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Jornal NH	Jornal Novo Hamburgo
Jornal SL	Jornal São Leopoldo
Jornal VS	Jornal Vale dos Sinos
Jornal ZH	Jornal Zero Hora
LIMFA	Liga Interna Municipal de Futebol Amador de São Leopoldo
LRDB	Los Reyes del Barrio
MHVSL	Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
MTV	Music Television
Nacional AC	Nacional Atlético Clube
NH	Novo Hamburgo
NJA	Núcleo Jovem Aimoresista
Nóia	Novo Hamburgo
OFEC	Operário Ferroviário Esporte Clube
OMS	Organização Mundial da Saúde
PDT	Partido Democrático Trabalhista
POA	Porto Alegre

PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PVC	Paulo Vinícius Coelho
RBS TV	Rede Brasil Sul de Televisão
São Léo	São Leopoldo
SC Internacional	Sport Club Internacional
SCCP	Sport Club Corinthians Paulista
SER Caxias	Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul
SESC	Serviço Social do Comércio
SL	São Leopoldo
TAZ	Zona Autônoma Temporária
TO	Torcida Organizada
TRENSURB	Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre Sociedade Anônima
TUF	Torcida Uniformizada Do Fortaleza
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ANOTAÇÕES EM TEMPOS (PRESENTE) DE PANDEMIA	25
3	O C.E. AIMORÉ DENTRO DO DEBATE ACADÊMICO SOBRE O FUTEBOL	30
3.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	32
3.2	COMENTÁRIOS PRELIMINARES ACERCA DA IDEIA DE UM FUTEBOL MENOR.....	44
3.3	O FUTEBOL MENOR DO AIMORÉ: CLUBES PEQUENOS, CLUBES MUDIÁTICOS.....	52
3.4	FUTEBOL, CIDADE, MÍDIA, MODERNIDADE.....	56
4	UM TIME, UMA CIDADE, VÁRIAS TORCIDAS	62
4.1	ÍNDIO CAPILÉ: O CLUBE ESPORTIVO AIMORÉ (1936) E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS, PARTICULARIDADES E PECULIARIDADES.....	66
4.1.1	Dona Alaídes: A Torcedora Símbolo.....	69
4.1.2	O Aimoré Na Comunidade E Na Mídia Leopoldense.....	71
4.2	SÃO LEOPOLDO: “CAPITAL” DO VALE DO RIO DOS SINOS E SUBÚRBIO DA GRANDE PORTO ALEGRE.....	76
4.3	AS TORCIDAS/OS TORCEDORES DO AIMORÉ: TORCEDOR MILITANTE E TORCEDOR COMUM.....	78
4.3.1	Promoções Do Clube Para Angariar Sócios: Sócio-Torcedor Índio Capilé.....	79
4.3.2	Mídia Alternativa/Mídia Militante: A Comunicação Como Forma De Torcer. O <i>Site Índio Capilé</i> E A Rádio <i>Web Índio Capilé</i>	80
4.4	A PRODUÇÃO DE RIVALIDADE E A BUSCA POR AFIRMAR UMA IDENTIDADE LOCAL (DENTRO DE UMA LÓGICA GLOBAL).....	83
4.4.1	O Esporte Clube Novo Hamburgo (1911), O Grêmio Esportivo Sapucaense (1941) E O Esporte Clube Igrejinha (1930).....	87
5	FUTEBOL E IDENTIDADE: LOCALIDADE, TERRITORIALIDADE E PERTENCIMENTO	92
5.1	PREÂMBULO BIOGRÁFICO DE CLAUDIO ANTÔNIO ALBINELLI BOLZAN.....	94
5.2	O FUTEBOL COMO “CIMENTO” SOCIAL: A IDENTIDADE LOCAL.....	95
5.3	O AIMORÉ COMO “CIMENTO” ENTRE (NOVOS) LEOPOLDENSES.....	103
5.3.1	A “primeira” Geração De Leopoldenses Nascidos Em São Leopoldo.....	108
5.4	O FUTEBOL MENOR E A RELAÇÃO ENTRE OS GRANDES DA CAPITAL (DUPLA GRE-NAL): ESCALA E CAMADAS DE FILIAÇÃO CLUBÍSTICA.....	111
5.5	SR. CLAUDIO BOLZAN: UM GREMISTA RECÉM CHEGADO A TERRA DO AIMORÉ.....	113
6	PONDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	124
	APÊNDICE A – POPULAÇÃO	134
	APÊNDICE B – CLÁSSICO DO VALE	135
	APÊNDICE C – A HISTÓRIA DO MURO	136
	ANEXO A – IMAGENS	138

1 INTRODUÇÃO

A cultura indígena foi uma das fontes prediletas dos modernistas em suas indagações sobre a identidade nacional.

(Chico Homem de Melo)

O domingo de 18 de novembro de 2012 ficou marcado como o dia em que o índio capilé, apelido do Clube Esportivo Aimoré, da cidade gaúcha de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, costurou a primeira estrela acima do seu distintivo. É prática no futebol os clubes, ao ganharem títulos, adicionarem uma estrela acima do brasão. Não existe uma regra específica quanto a isso, mas cada clube julga de acordo com a sua história e os seus feitos, qual deles merece ser marcado com tal bordado. O C.E. Aimoré julgou a vitória na terceira divisão do Campeonato Gaúcho como a sua grande conquista. Essa estrela é também uma régua da escala que o clube leopoldense ocupa na dinâmica regional e nacional do futebol profissional.

A conquista do time índio, a primeira em todos os, na época, 76 anos de existência, começa com uma curiosidade. O clube se sagrou campeão da *Segundona Gaúcha*, mas levou o título de Campeão da Terceira Divisão do Torneio Gaúcho de Futebol Profissional. No estado mais ao sul do Brasil, a Primeira Divisão, desde o ano de 2012, é composta por duas séries (Série A e Série B) e a Segunda Divisão (Série C), sendo esta comumente chamada, entre os aficionados pelo futebol, de *terceirona*. Assim, aquele é, até hoje, o título solitário do único clube de futebol profissional ainda em atividade na cidade “Gigante”¹ da região do Vale do Rio dos Sinos.

O ano de 2012 também foi marcado no futebol profissional gaúcho como o ano da estreia desse novo formato de competição. Até 2011 existiam apenas duas divisões (sem a Série Intermediária de Acesso, ou seja, a Série B). Foi nesse ano que o Aimoré amargou a lanterna, última colocação no estadual da então Série B, e foi rebaixado, estreando assim em 2012 a nova *terceirona*. Título esse, a *terceirona* de 2012, que recolocou o C.E. Aimoré e a sua torcida a ocupar espaço mais expressivo nas páginas da mídia impressa da cidade (demanda dos torcedores e dirigentes do clube). Nos referimos aqui ao Jornal Vale dos Sinos, popularmente conhecido como Jornal VS, o único diário impresso da cidade. Periódico de abrangência regional com forte presença na vida cotidiana dos leopoldenses. Antes do título de 2012 era comum nas páginas das redes sociais na internet, como o extinto *Orkut* e o

¹ A cidade de São Leopoldo tem como um de seus apelidos, mencionado comumente na mídia local, o de *Gigante do Vale*. No hino da cidade aparece uma menção ao Vale do Rio dos Sinos como sendo gigante: “*O Gigante vale [...]*”. Na cidade de São Leopoldo existe também um importante clube popular, na periferia da cidade, quase divisa com Novo Hamburgo, chamado de “*O Gigante do Vale*”.

*Facebook*², destinadas ao clube e aos seus torcedores, campanhas para o cancelamento de assinaturas do jornal VS em apelo a uma maior cobertura dos jogos e da vida cotidiana do time. A contenda se dava pelo fato do jornal diário leopoldense dar uma cobertura maior aos clubes da capital gaúcha, Grêmio e Internacional, em detrimento do time local, o Clube Esportivo Aimoré.

Já o ano seguinte, 2013, entrou para a história recente do clube como, na narrativa dos seus torcedores, da mídia local e dos seus dirigentes (vide, entre outros, o documentário *Aimoré – 259 dias*³), como o mais significativo. Não rendeu estrela no peito, mas foi o ano da volta à elite do futebol profissional gaúcho. O Clube Esportivo Aimoré depois de duas décadas, uma delas licenciado dos campos de futebol e com seus portões cerrados para atividades ligadas ao esporte, encerrou a temporada em terceiro lugar e carimbou a sua vaga a Primeira Divisão do Campeonato Gaúcho de Futebol Profissional de 2014. Foi festa na cidade, mesmo que tímida e setorial, mas não menos barulhenta.

Para garantir a vaga citada, o Aimoré recebeu em sua casa, no Estádio João Corrêa da Silveira⁴ conhecido na cidade como o Monumental do Cristo Rei, ou apenas Cristo Rei, no dia 21 de julho, às 18 horas, a equipe do Riograndense Futebol Clube. O Riograndense, fundado em 7 de maio de 1912, é time tradicional do futebol profissional da cidade de Santa Maria, importante centro urbano na zona central do estado do Rio Grande do Sul. Como o time do Aimoré havia vencido o jogo anterior⁵, no estádio adversário, bastava um empate com ou sem gols para o clube de São Leopoldo garantir a terceira e última vaga para a *Série A* do próximo ano. A partida, que contou com expressiva participação da torcida Índio Capilé⁶, como são conhecidos os filiados ao Aimoré, terminou com empate de 1 a 1 e a consequente

² Vale também estar atento aos espaços de sociabilidade *computacional* como a comunidade dos torcedores no *Facebook*, *sites*, *blogs*, vídeos no *Youtube* e outras ferramentas na internet. Afinal, entendemos que as relações sociais nessa última década estão fortemente mediadas pelo virtual, já não sendo mais possível falarmos em *online* e *offline* como pensávamos na década de 1990. Autores como a historiadora, e artista visual, Giselle Beiguelman (2004) defendem que vivemos em uma sociedade *cibrida*. Que habitamos esses dois universos (as redes e as ruas) de forma simultânea.

³ O filme *Aimoré – 259 dias* (2013) é um trabalho documental, desenvolvido e financiado coletivamente por torcedores ligados ao Núcleo Jovem Aimoresista e ao site Índio Capilé. Este trabalho conta com a produção da Ampli Filmes e direção de Chico Pereira. A sinopse divulgada é a seguinte: “A saga histórica do Aimoré, da terceira à primeira divisão do futebol gaúcho em apenas 259 Dias, contada em um filme inovador no interior do RS”.

⁴ João Corrêa da Silveira foi presidente do Aimoré no ano de 1946.

⁵ A terceira vaga para a Série A do Campeonato Estadual do próximo ano foi decidida em dois jogos, de ida e volta, onde o time com o melhor resultado agregado se consagraria vencedor. O Aimoré venceu fora de casa, no Estádio dos Eucaliptos, por 2 a 1, no jogo de ida. Na volta, em casa, no estádio que pega emprestado o seu apelido do Bairro do Cristo Rei, onde se localiza, o time *capilé* garantiu a vaga com o placar de 1 a 1.

⁶ A partida que foi disputada no dia 21 de julho, no Estádio do Cristo Rei em São Leopoldo, às 18 horas, com arbitragem de Márcio Chagas da Silva, não constava com borderô disponível no site da FGF. Assim que o “bom público” no estádio fica a cargo da constatação do pesquisador, de conversas informais com torcedores e mesmo da cobertura da mídia local.

classificação do time anfitrião. Para comemorar a volta à elite do futebol profissional gaúcho, ao soar o apito do árbitro que marcou o término da partida, os portões do gramado foram abertos e a torcida invadiu o campo. Nesse momento, captado e registrado em vídeo e propalado no som de rádios locais, e reproduzido no documentário *Aimoré – 259 dias* (2013), já não se distinguia torcida, jogadores, comissão técnica, funcionários e dirigentes do clube. Um pequeno mar (alvi-azul) de gente se movia no surrado gramado do Bairro do Cristo Rei.

Nessa data, após o término das comemorações no estádio, o centro de São Leopoldo foi palco de uma festa. Evento que, devido a envergadura do clube e de sua torcida, não necessariamente afetou a normalidade da vida de um domingo à noite na cidade. A festa meio que transitou como uma nuvem de alegria e euforia de *torcedores militantes*, *torcedores modinhas*, e outros *perdidos*, comemorando e marcando as cores do Aimoré em uma terra dominada pelos times da milionária dupla GreNal (segundo dados da própria CBF – Confederação Brasileira de Futebol, referentes a transações, compra e venda de jogadores, recebimentos de direitos de imagens e prêmios variados). A comemoração percorreu a principal rua do centro da cidade, a Av. Independência popularmente chamada de Rua Grande, como uma espécie de TAZ, Zona Autônoma Temporária (BEY, 2004), aimoresista. Para Hakim Bey (2004, p. 12), pseudônimo do historiador e poeta Peter Lamborn Wilson, a “utópica” TAZ é “uma intensificação da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do maravilhoso na vida”. A TAZ atravessa “como ato, poesia, música”. Para os aimoresistas, o costume era assistirem “calados” os torcedores leopoldenses, filiados aos clubes da capital gaúcha, desfilarem e usufruírem da Rua Grande como espaço de suas comemorações. Porém, naquele dia, essa rua foi o espaço de comemoração da “penetração do maravilhoso na vida” da cidade. Da região central da cidade, da rua principal do centro leopoldense. A Rua Grande⁷ é a principal via e o mais importante ponto de encontro da e na cidade. É nela que se localizam os distintos bancos, casas comerciais e também os bares e casas noturnas da cidade. Local destinado a atividades comerciais diuturnamente e a vida boemia ao cair do sol. Por essa mesma rua, em um domingo à noite, circulou um caminhão de sucatas, de uma empresa patrocinadora do clube e pertencente a um dos diretores da época, carregado em sua caçamba com os atletas do clube, os jovens torcedores da torcida *barra-brava* da *Los Reys del Barrio*, além de uma dezena de torcedores historicamente ligados ao time (torcedores que se misturam entre as arquibancadas e as salas da direção) e um número menor de “*perdidos*” atraídos pela distribuição gratuita de chopp. Atrás do veículo de sucata

⁷ *A história da Rua Grande* (2012), filme documentário dirigido por Fábio Nagel, produção FNagel Monóculo Amarelo.

se formou uma carreata, onde muitos dos torcedores seguiam pendurados ao lado de fora dos automóveis, muitos portavam bandeiras e/ou exibiam camisetas do clube. Era possível perceber muitos motoristas guiando os seus carros e manuseando latas de cerveja, tudo ao olhar atento e auxiliador da Brigada Militar e dos *brigadianos*, como são popularmente chamados os PM's no estado do RS. A partir da afirmação do geógrafo Ruy Nogueira (2007, p. 99) de que “nenhum homem se enraíza cultural e territorialmente no mundo pela pura contemplação” recordei da fala de um torcedor que na época, emocionado, me enviou uma mensagem de texto⁸ no aparelho de telefone celular, dizendo que naquele dia, no meio da festa, no centro da cidade em que nasceu e que cresceu, havia se sentido leopoldense novamente. “O Aimoré me fez capilé outra vez”, dizia o texto que brilhava na tela do meu aparelho de telefone.

Figura 1 – Jogadores do Aimoré, em um caminhão de sucata, comemorando na Rua Grande



Fonte: AIMORÉ – 259 DIAS – O Filme. Direção: Chico Pereira. São Leopoldo: AmpliFilmes; Documentário, 2013. 1 DVD (47 minutos).

No ano seguinte a esse feito, 2014, antes da estreia do Aimoré na Série A do Campeonato Gaúcho, o Jornal VS publicou em suas páginas uma matéria intitulada como “*Inimigos íntimos no Clássico do Vale*”. Publicação que contava com a participação, por meio de uma entrevista, de dois jogadores: um do Aimoré e outro do ECNH – Esporte Clube Novo Hamburgo, time que leva o nome da cidade vizinha e que é um dos principais rivais da esquadra índio capilé. A entrevista com o jogador aimoresista, Paulinho Macaíba, dava conta da “empolgação do torcedor leopoldense”. Euforia que não teve fim somadas com as

⁸ Comumente conhecida como SMS, Short Message Service, ou seja, um serviço de envio de curtas mensagens via aparelho celular. No Brasil, esse serviço se popularizou nos anos 2000 como “torpedo”.

comemorações acima relatadas. O jornal, em matéria publicada no dia 19 de janeiro de 2014, levantava a questão ao novo atleta do clube, se ele tinha conhecimento de que o “Aimoré está há quase 20 anos fora da Série A do Gauchão” e que “a euforia do torcedor é grande” para esse novo momento do clube (INIMIGOS..., 2014). O jogador, entre outras considerações, afirma que os jogadores já assistiram “ao DVD que conta a trajetória do clube para retornar a Série A” (o jogador se refere aqui ao documentário por nós também trabalhado: *Aimoré – 259 dias*, 2013). Em 2014, o Aimoré acabou o Campeonato da Série A do estadual em 12º lugar de um total de 16 clubes. A comemoração da comunidade ligada ao time foi, portanto, a permanência do clube na elite do *gauchão*.

Mas, a história do clube e da relação com a comunidade leopoldense não teve início no começo da década de 2010. O Clube Esportivo Aimoré foi fundado no dia 26 de março de 1936 na cidade que disputa o título de “berço da colonização alemã no Brasil”: São Leopoldo. A outrora Real Feitoria do Linho Cânhamo. O time que veio ao mundo um ano antes do nascimento do Estado Novo de Getúlio Vargas, a saber instaurado no país em 10 de novembro de 1937, teria como seu nome inicial *Malga Foot-Ball Clube*. O nome Malga seria em alusão a uma empresa local da época. Entretanto, no dia de fundação do clube, portanto no citado 26 de março, sugeriu-se – e se acatou – a mudança para Aymoré (na época grafado com a letra y). Atualmente o time *aborígene* manda seus jogos no acima mencionado Estádio Monumental do Cristo Rei, em bairro de mesmo nome. Mas, nem sempre foi assim: o Aimoré começou a sua história tendo como palco para as pelepas em sua cidade um campo em uma chácara no atual Bairro Campina, na zona norte da cidade, campo utilizado pelo time até o ano de 1940. Posteriormente o time passou a mandar seus jogos em um terreno no Bairro Rio dos Sinos, onde foi construído o primeiro estádio do C.E. Aimoré. O estádio que recebeu partidas de futebol até 1961 levava o nome de Taba Índia (SILVEIRA & PIRES, 1993).

Na época da fundação do Aimoré, São Leopoldo, assim como outras centenas de cidades pelo Brasil, era invadida pelo futebol como símbolo da modernidade e da racionalidade. O futebol chegava para modificar a paisagem das cidades do Brasil (MASCARENHAS, 2005). Afinal, como afirma Frydenberg (2011, p. 216), se referindo a Argentina mas possível de se valer para pensar a nossa história: “*es imposible estudiar el proceso de urbanización de nuestras ciudades sin tener en cuenta el papel movilizante del fútbol desde el universo simbólico, así como la creación de estadios y, a menudo, barrios en torno suyo*”.

Entres autos e baixos, o time que revelou, entre outros, Luiz Felipe Scolari, o conhecido Felipão, o maior período de crise do clube alvi-azul, as cores do Aimoré, foi a

década de 1990. Onde, depois de uma série de maus resultados e consequentes rebaixamentos, para divisões inferiores, o clube resolve se afastar do futebol profissional. Assim, em 1997, o Clube Esportivo Aimoré solicita a Federação Gaúcha de Futebol – FGF o seu desligamento dos gramados e das competições profissionais do estado. Afastamento que se encerrou no ano de 2006. O retorno do Aimoré aos gramados é impulsionado por alguns acordos com a administração municipal da cidade no período que compreende a primeira gestão do prefeito Ary Vanazzi⁹ (PT – Partido dos Trabalhadores) para disputar a *segundona* do campeonato estadual.

Dito isso, queremos no trabalho que segue, pensar o Aimoré, do seu retorno aos gramados profissionais, de 2006 até o momento, como uma forma de expressão da comunidade leopoldense. Pensar, e refletir, acerca da seguinte pergunta: qual a contribuição do Clube Esportivo Aimoré – e de seus torcedores, das suas torcidas – para a formação de uma identidade local em São Leopoldo? E ainda: qual a ideia de cidade, mais especificamente de São Leopoldo, que circula entre os torcedores do Aimoré? Afinal, como afirmava Nelson Rodrigues (1993, n.p.), “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”.

A ideia é iniciar nosso texto por uma retomada crítica, de acordo com nossos interesses narrativos e epistemológicos, da literatura acadêmica contemporânea acerca do futebol. Queremos conceituar o que trataremos por “Futebol Menor”: o que significa e quais equipes entendemos por “Clubes Pequenos” e “Clubes Midiáticos”, além, é claro, de pensar a relação entre futebol, cidade, mídia e modernidade. O primeiro capítulo tem como objetivo dar um panorama teórico e conceitual para o leitor compreender de onde olhamos, recortamos e falamos do C.E. Aimoré, e mais especificamente, da relação entre a comunidade, torcida, e o clube.

No segundo capítulo pretendemos nos acerrar da afinidade entre o Clube Esportivo Aimoré e a cidade de São Leopoldo, bem como, das formas de torcer oriundas dessa relação. Vamos voltar ao ano de 1936 para buscar compreender a dinâmica da cidade e do futebol local da época. Para tanto teremos como fonte o semanário local Correio de São Leopoldo. Jornal que circulou pela cidade de 1932 até 1950. Vamos tratar nesse momento das particularidades da cidade de São Leopoldo, das disputas de protagonismo e “subalternidade” na dinâmica de cidade capital da região do Vale do Rio dos Sinos e de integrante da região metropolitana da grande Porto Alegre. Em seguida, trataremos do que entendemos, em nossa

⁹ Ary Vanazzi, político ligado a corrente Articulação de Esquerda, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito prefeito em 2004 e reeleito em 2008. “O gringo”, como é por muitos chamado, foi novamente eleito prefeito em 2016. Atualmente Ary Vanazzi ocupa pela quarta vez a cadeira de prefeito da cidade de São Leopoldo, em gestão que segue até o final de 2024.

pesquisa, por *Torcedor Militante* e *Torcedor Comum*, buscando analisar a relação desses com a cidade e com a ideia de cidade que os mesmos têm. Abordaremos as formas militantes de envolvimento clubístico, como a *barra-brava* da *Los Reyes del Barrio* e o Núcleo Jovem Aimoresista – N.J.A. Vamos falar da Mídia alternativa/Mídia militante levada a cabo pelos torcedores do N.J.A, como o site Índio Capilé e a Rádio Web Índio Capilé. Por fim nos deteremos no que nomeamos como “produção de rivalidade” em uma busca por afirmar uma identidade local (dentro de uma lógica global): “Ah! Eu sou leopoldense!”. Para tanto, vamos tratar de dois clubes e da forma que os aimoresistas, sobretudo os militantes, encaram a relação com eles: o Esporte Clube Novo Hamburgo (de 1911), conhecido como *Nóia*, e o Grêmio Esportivo Sapucaense (de 1941), apelidado de *Sapão*. Ambos times profissionais de cidades limítrofes, e integrantes da região do Vale do Rio dos Sinos, a São Leopoldo. Falamos dos municípios de Novo Hamburgo e de Sapucaia do Sul.

Figura 2 – Torcida Los Reyes solta sinalizadores



Fonte: AIMORÉ – 259 dias – O Filme. Direção: Chico Pereira. São Leopoldo: AmpliFilmes; Documentário, 2013. 1 DVD (47 minutos).

Já no terceiro momento, a ideia é pensar nas dinâmicas que envolvem futebol e identidade, mais especificamente, claro, o Aimoré e o ser leopoldense. Pensar, a partir de Sevcenko (1994), no futebol como um “cimento” social que contribui para a produção e a sedimentação da identidade local. Algo similar é tratado pelo antropólogo indiano Arjun Appadurai (2004, p. 123) com o críquete na Índia: “a extraordinária popularidade do” esporte em questão em seu país “está claramente ligado ao sentimento nacionalista”. Partindo do entendimento de Futebol Menor, queremos pensar nas relações de disputas e tensões que o Aimoré estabelece com os grandes clubes da capital gaúcha, falamos da dupla GreNal, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional, bem como das escalas e

camadas de filiação clubística. Para finalizar queremos analisar um caso específico de filiação a um time de futebol e de uma consequente identidade regional. Nos referimos aqui ao caso do Sr. Claudio Bolzan. Um gremista da cidade Jaguari, no centro-oeste do RS, recém-chegado a São Leopoldo no início dos anos de 1980, que ao conhecer o Aimoré estabelece um caso de torcida dupla. O time grande (midiático) e o time da sua nova cidade (clube pequeno). Nessa escala clubística o torcedor em questão elege o C.E. Aimoré como seu novo clube principal, pois se trata do time que representa a sua cidade, a qual estabelece grande identificação. Nas palavras “dele”, reproduzidas pelo seu filho, em entrevista informal, afirmava “eu sou capilé¹⁰ e por isso tenho que torcer em primeiro lugar para o Aimoré”. Parafraseando Eduardo Viveiros de Castro: “*em São Leopoldo todo mundo é aimoresista, exceto quem não é*”.

Para o segundo e terceiro capítulo teremos como fonte principal (ZICMAN, 1985) as páginas do jornal diário Vale dos Sinos, conhecido como Jornal VS, ou ainda apenas como VS, do Grupo Editorial Sinos¹¹. Além da fonte de jornais, Correio de São Leopoldo e Jornal VS, nessa pesquisa contamos com um importante material impresso para consulta: o livro *Aimoré – Um clube guerreiro*, de autoria de Abel Silveira e Ribeiro Pires, livro publicado pela já extinta editora leopoldense *Rua Grande Gráfica e Editora* em 1993. A obra em questão é um trabalho laudatório de dois torcedores, descendentes de importantes ex-dirigentes do Aimoré, que conta com uma coleção de fotografias, recortes de jornais, atas de reuniões, entre elas a ata fundacional do clube, e um recorrido de datas atribuídas por eles como as mais importantes para a história do índio Aimoré. Lançaremos mão, também, das ferramentas da história oral/trajetórias de vida (GONCALVES; LISBOA, 2007) e de observações (*flutuantes*, como aborda a antropóloga francesa Colette Pétonnet) aos jogos e a vida cotidiana do clube, do entorno, e de alguns torcedores (PÉTONNET, 2008 e MAGNANI, 2002). A atividade de observações aos jogos e de aproximação as torcidas, organizadas e “menos” organizadas, e aos torcedores vêm sendo levada a cabo, de forma não sistemática, desde o ano que abre essa introdução, o de 2012, num misto de acompanhar os jogos esportivos que se passam dentro do

¹⁰ Capilé é também uma forma de tratamento para quem nasce e ou vive na cidade de São Leopoldo. Até bem pouco tempo atrás era tido como tratamento informal, até mesmo jocoso, o qual foi sendo incorporado ao dia a dia da cidade e normalizado. Atualmente, tanto leopoldense quanto capilé são usados como gentílicos.

¹¹ Além do Jornal VS, editado e publicado na própria cidade de São Leopoldo, com o foco voltado a comunidade local, o município também recebe em suas bancas a distribuição de dois jornais da capital (que dista 32km): o Correio do Povo e a Zero Hora. Sendo este segundo o mais lido do estado do RS. Como nosso foco principal é pensar a produção de imagens de São Leopoldo feita pelos próprios leopoldenses filiados ao Aimoré, nada mais justo que o jornal VS ganhe o grosso de nossa atenção. Mas, cabe também um olhar a estes periódicos da capital justo para buscar a imagem que é construída e disseminada da cidade do Vale do Rio dos Sinos a partir de Porto Alegre. Tanto o Correio do Povo quanto a Zero Hora mantém seus periódicos a disposição dos assinantes para consulta online. Também é possível conseguir acesso a estes jornais na Biblioteca Pública do Estado do RS, no centro de Porto Alegre e na Biblioteca da UNISINOS, essa última no seu campus em São Leopoldo.

campo e os jogos sociais, políticos e culturais que se desenvolvem nas tribunas, arquibancadas e o “*barranco*” e que se espriam no cotidiano da cidade. Pois, como afirma a historiadora norte-americana Joan Wallach Scott (1999, p. 24) “escrever é reprodução, transmissão – a comunicação do conhecimento conseguido através da experiência”.

No texto, *Infância e História; Ensaio sobre a destruição da experiência* (1978, p.21), em que o filósofo italiano Giorgio Agamben discute, perguntando, se “a experiência é ainda possível para o homem moderno?”, ele também discute, mesmo que transversalmente, a “existência cotidiana em uma grande cidade”. O que vale para nós, tendo em vista que a “grande cidade” é o palco para o futebol, profissional e ou amador, e no nosso caso, sobretudo, o futebol-menor: mais especificamente o universo do futebol masculino que envolve o C.E. Aimoré e seu entrono, com toda a miríade de formas de torcer e se relacionar com o futebol (e com a cidade). Mesmo que em seu texto, aqui referido, Agamben (1978) desmonte a possibilidade concreta da experiência na modernidade, notamos a singularidade de acontecimentos como os que se entrelaçam a história recente do time (e da cidade) leopoldense. Afirma ele: “Nós hoje sabemos que para a destruição da experiência, uma catástrofe não é de modo algum necessária, e que a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente” (AGAMBEN, 1978, p. 21). A singularidade dos acontecimentos aimoresistas não nos impede da clareza de que acontecimentos muito similares a esses acontecem pelos mais vários cantos do universo ocidental.

Por fim, acreditamos (ainda) ser importante destacar, aqui nesta introdução, algo diz respeito à formação acadêmica e a trajetória de vida do autor. Cabe mencionar que antes de aportar em um curso de Pós-Graduação em História, mais especificamente no Mestrado em História, Cultura e Identidades da UEPG, o autor circulou pela Filosofia, pela Educação e, onde acreditamos que deixou mais marcas penetrantes nesse texto, na Antropologia.

A Filosofia faz parte de sua formação basilar, consta em seu currículo uma graduação na disciplina. Já a Educação, que se fez como labuta diária por mais de 10 anos na condição de professor de filosofia e sociologia na Rede Pública Estadual de São Paulo, onde trabalhou em escolas na capital, na baixada santista e em cidades do interior do estado, além de uma formação de pós-graduação na área. O autor cursou e concluiu o mestrado em Educação da UNESP, no campus de Rio Claro, cidade do interior paulista, onde estudou e escreveu acerca da prática da pichação (o *pixo* como escrita ilegal) em São Paulo.

Mas, desde o final de sua graduação uma área que tem atravessado a sua biografia é a antropologia, sobretudo a antropologia da cidade e os variados campos ligados aos estudos

urbanos. Cursou, na condição de aluno especial, disciplinas da área com nomes de relevo como os professores Guilherme Magnani e Heitor Frúgoli, passando por disciplinas nos programas de Pós-Graduação em Antropologia na USP, na UFSCar e na UFSC.

Antes do mestrado na UNESP cursou uma pós-graduação *lato sensu*, nível de especialização, em Sociologia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a FESP-SP. Na ocasião investigou etnograficamente as práticas torcedoras nos jogos do Clube Atlético Juventus, no bairro da Mooca, nos primeiros quilômetros da zona leste paulistana. A ideia foi pensar acerca das motivações de escolha clubística que levavam uma série de pessoas optarem pelo pequeno clube de bairro, o *Juve*, ou, o Moleque Travesso, como é conhecido, em detrimento dos grandes times de São Paulo.

Tendo isso em vista cabe destacar o imenso desafio que foi adentrar o mundo da história, não só da pesquisa, mas principalmente da escrita da história. Ficará nítido ao leitor, logo de cara, ao se postar sobre o texto em tela que a escrita etnográfica tem importância cabal a este trabalho. É na *descrição densa*, proposta do antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2008), que há anos o autor vem bebendo, e essa relação (quase etílica, já que falamos em beber) com o formato de texto em questão não acabaria sem deixar “fortes” marcas. Uma delas é entender o estudo sobre práticas culturais “não como uma ciência experimental em busca de leis gerais, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008. p.4). Assim tentamos trabalhar nessa pesquisa.

2 ANOTAÇÕES EM TEMPOS (PRESENTE) DE PANDEMIA

Se não houvesse a parada no Gauchão por prevenção ao coronavírus, neste horário, o Índio estaria disputando mais um Clássico do Vale contra o EC Novo Hamburgo. No entanto, não é hora de pensar em futebol. O momento é de jogar pela saúde de cada um contra um inimigo invisível, o covid-19.

(Página Oficial do Aimoré no *Instagram*, postagem de 22 de março de 2020)

Creio que a maioria dos trabalhos acadêmicos, de mestrado e doutorado, defendidos neste período de pandemia do novo Coronavírus vão incluir uma nova seção, uma espécie de adendo, ou de uma introdução da introdução, mesmo que essa se situe posteriormente à introdução oficial, digamos assim. Cada trabalho, me parece, tem alguma necessidade outra, algo novo, a nascer, mas que se quer (tentar) falar sobre, como num trabalho psicanalítico: onde a fala é bem mais para si, o analisado, que para o que escuta, o analista. Essas novas páginas surgem do fato de que por um bom tempo pandêmico a necessidade de escrever (de seguir com o trabalho que se precisava produzir e entregar) se convertia em um “ter que colocar palavras aqui”. A página em branco que se fixava na tela insistia em seguir assim, enquanto o tempo que tinha era gasto em me converter em uma espécie de um novo epidemiologista diletante. Tentando ler tudo o que se podia sobre, buscando uma possibilidade de minimamente entender o que se passava e o que poderia se passar, nada mais ilusório que esses desejos. Mas ao mesmo tempo buscando entender como se proteger e inclusive sair vivo dessa, afinal, falamos de uma doença social e coletiva que já encurtou a vida de milhares e milhares de pessoas pelo mundo todo. É disso que se trata: de um tempo de interdição e de morte.

Mas e o futebol? E os pequenos clubes de futebol? O que vai ocorrer nesse universo, já anteriormente complexo e muitas vezes precário (para falar pouco)?

Enquanto escrevo essas linhas os campeonatos regionais lentamente voltam a serem jogados em plena subida da curva epidemiológica (um adendo: da primeira onda). O torneio do estado do Rio de Janeiro foi o primeiro a retornar às aglomerações e as comemorações de gol e de títulos ao passo que as mortes diárias ultrapassam o milhar. Mesmo que os jogos tenham retornado com as arquibancadas as moscas, a atitude nos parece bastante preocupante e inclusive motivo de crise de consciência entre alguns torcedores que seguem ideologicamente o isolamento social. Tema esse que foi abordado pelo famoso colunista esportivo Paulo Vinícius Coelho (2020), conhecido na comunicação esportista como PVC, no jornal Folha de São Paulo no dia 23 de julho deste ano em texto intitulado “Não é necessário ficar constrangido ao ver seu time do coração”.

Como, por opção, nos mantemos no recorte original do trabalho, que mesmo se tratando do tempo presente, contemporâneo, alcançava apenas até o período anterior a pandemia, resolvemos usar um pouco desse espaço para tecer alguns comentários do Aimoré nesse período pandêmico. Pois, mesmo que o trabalho não tenha alterado seu recorte temporal por conta do coronavírus, não pensamos que se poderia deixar passar ao largo do nosso texto a situação atual, peculiar pelo que se vivia até pouco meses atrás.

Nesses momentos, julho de 2020, em que estamos em um processo de subida epidemiológica, nos situamos naquela fase que hoje está ruim e a única certeza que temos é que amanhã vai estar um pouco pior. Mesmo assim, no geral a pauta na sociedade brasileira é a reabertura do comércio e a reativação da economia. E é nesse campo coberto de neblina que o futebol, pelas mãos dos seus carolas, fica chafurdando. De minha posição, aproveito esse pequeno espaço aberto de maneira urgente e totalmente necessário para me posicionar e dizer que o futebol por mais importante e relevante que seja por um sem número de coisas, nesse momento em que milhares de brasileiros morrem todos os dias urge ter claro que o futebol não é mais relevante, não agora. Essa é uma posição pessoal, que corro o risco em levantar nesse espaço, o qual não se quer a pesquisa, mas uma escrita interna ao trabalho, tentando apenas comentar e desabafar sobre o tempo estranho que vivemos. E de quebra revelar algumas informações sobre o Aimoré em meio ao espalhamento de um vírus mortal.

O Clube Esportivo Aimoré tem buscado manter ativa suas redes sociais nesses tempos incertos de pandemia. A rede social *Instagram*, dedicada principalmente à produção, reprodução e circulação de imagens, tem sido, destacadamente, a mais ativa das redes do clube leopoldense. Desde os primeiros dias da chegada do novo coronavírus no Brasil, e do consequente cancelamento dos jogos da Série A do Campeonato Gaúcho, o Aimoré tem buscado manter uma série de interações com os seus torcedores, criando, entre outras estratégias, algumas promoções. Nos parece assim, que o C.E. Aimoré, sabendo que os jogos da primeira divisão do estadual são a sua principal vitrine, tanto para mídia profissional, quanto para possíveis futuros patrocinadores e para seus torcedores, precisaria fazer algo para não perder o protagonismo nesse momento e espaço. Destacamos, entre outras, a promoção de venda de camisetas, com estampa do distintivo do clube, pelo valor de R\$ 100,00 reais com o intuito de garantir receita em momento incerto que se iniciava. Essa promoção recebeu o título de “Contigo Ninguém Acaba”, trecho, sempre destacado, do hino do índio de *São Léo*. Em poucas semanas o perfil do clube na referida rede social anunciou a venda de algumas centenas desta camiseta promocional para torcedores e para inúmeras empresas da região do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente o clube segue agitando as suas redes sociais e anunciando

a venda de camisetas de jogo de anos anteriores, inclusive com valores abaixo da camiseta promocional. As “peitas”, como são conhecidas popularmente entre os torcedores mais jovens e ligados a torcidas organizadas e ou barras-bravas, “de jogo” dos anos anteriores estão sendo comercializadas pelo valor de R\$ 60,00 reais.

A torcida barra-brava Los Reyes del Barrio em sua página oficial na rede social Instagram, lrdb_oficial, no dia 14 de março de 2020, quando na oportunidade o Aimoré enfrenta em sua casa, no Monumental do Cristo Rei, o time do Juventude, da cidade de Caxias do Sul, para uma partida com os portões fechados, uma das primeiras medidas contra a propagação do novo coronavírus adotada pela Federação Gaúcha de Futebol, postava uma imagem onde podemos ver diversos de seus membros trepados em um muro e em árvores ao fundo do estádio, na Rua Santo Inácio, tentando espiar o jogo. Abaixo da foto, como legenda, os seguintes dizeres: “Vírus nenhum mata nosso amor!! Los Reyes sempre presente”. É preciso ter em conta que nessa data ainda tentávamos entender o que poderia ser a recente anunciada pandemia.

Nem um mês após a postagem acima relatada, a torcida do Los Reyes, na mesma conta de Instagram há pouco mencionada, dava início a uma campanha denominada de “Los Reyes Del Barrio Contra o Covid-19”. Esta publicação, datada de 9 de abril, abria todas as suas redes sociais, Instagram, Facebook e Whatsapp, para uma campanha de arrecadação, busca e entrega de doações de alimentos. Podemos ler, nas palavras da torcida, que a “Los Reyes del Barrio está se organizando para dar início a uma ação entre torcedores aimoresistas e moradores da cidade de São Leopoldo, pois é nesta hora tão delicada que temos a responsabilidade de ajudar o próximo”. No dia 13 de junho a Los Reyes postava imagens e um texto contando da entrega de doações de roupas e de alimentos para a Fundação Casa Aberta. Nas imagens dos jovens torcedores fazendo a entrega é possível perceber que todos estão fardados com as cores e os uniformes do C.E. Aimoré e com os signos alusivos à própria torcida.

Algo ficou banal de ser visto na “nova normalidade” (nota: coloco esse termo, o “novo normal”, dentro de aspas por realmente não conseguir concordar politicamente e, menos ainda, eticamente com tal termo) do futebol: apropriações da estética das torcidas organizadas e das barras bravas. Com a volta dos jogos de futebol ao cotidiano do país, mesmo que o número diário de mortes e de contaminados esteja altíssimo, partindo de comparações com outros países e mesmo de observações morais e humanas, e com a necessidade desses jogos se desenvolverem sem a presença de público parece que a estética das torcidas, por outras épocas muito combatidas, foi redescoberta (e curiosamente “furtada”).

Podemos ver ao espiar o noticiário que corta o anúncio de novas centenas de mortes em nosso país continental e novos sofrimentos em hospitais e cemitérios, não de hoje, lotados, de gols e até mesmo comemorações de títulos de campeonatos estaduais (como a do Grêmio de Porto Alegre no último domingo dia 30 de agosto de 2020), as arquibancadas lotadas de faixas, bandeiras, tirantes, trapos de torcidas. Em alguns estádios incluso o som dos cantos e tambores das torcidas é reproduzido por alto-falantes. Toda a estética que por anos vem sendo barrada em muitas praças esportivas, quando os torcedores podiam frequentar o cimento da geral, agora ganham volume e destaque na telinha da televisão, é de se pensar sobre. Caso marcante é o do estado de São Paulo, onde a Federação Paulista de Futebol vinha já há um bom tempo, no mínimo nessa última década e meio tentando ao máximo barrar a entrada de bandeiras, bandeirões, trapos, tambores, bumbos etc. nos estádios paulistas. Apenas para exemplificar podemos pegar o último confronto entre Santos Futebol Clube e Athletico Paranaense, jogo disputado no dia 16 de agosto de 2020 pelo Campeonato Brasileiro da Série A, na Vila Belmiro, o estádio do “alvinegro praiano”. Em um vídeo subido na rede social YouTube, pelo Esporte Interativo (nota: antigo canal de televisão, fundado em 2007, destinado 100% ao esporte, sobretudo ao futebol, e atualmente, desde 2018, um portal de internet com ampla atuação nas redes sociais), com os melhores momentos da partida podemos observar nas partes traseiras dos gols, das goleiras para os gaúchos, a “aglomeração” de signos das torcidas santistas. Bandeiras enormes, faixas avolumadas, como a da torcida organizada santista Força Jovem, entre outros diversos adereços (SANTOS..., 2020).

Parece assim que, quando não se pode ter as torcidas organizadas e as barras-bravas nos estádios, nem mesmo a presença “comportada” dos torcedores tidos como comuns, a estética organizada se faz interessante. Sem a humanidade, e com ela as contradições e os conflitos, dos torcedores militantes a estética da festa dessas torcidas é logo apropriada como um ativo a mais na venda do espetáculo esportivo. Ficamos com a pergunta de como as torcidas, que são os verdadeiros portadores desses materiais estéticos de torcer, serão recebidas nas canchas de jogo no pós-pandemia.

No que os jogos do Aimoré voltaram a acontecer no campeonato estadual, os integrantes, e torcedores índios, da Rádio Web Índio Capilé estavam já todos a postos para, com suas máscaras, tomarem assento no espaço destinado à imprensa nos estádios liberados para os jogos. É curioso destacar que, assim como diversos outros setores na sociedade, ocorreu uma mudança bastante grande na postura com a pandemia (e com o isolamento, distanciamento social) de membros da rádio (e mesmo nas ações institucionais enquanto coletivo Índio Capilé), *cambios* que se notavam apenas por seguir o grupo em suas redes

sociais. Nos primeiros dias de pandemia, várias ações foram adotadas, inclusive com membros se oferecendo para fazerem compras em supermercados e farmácias para pessoas mais velhas, buscando manter laços com a comunidade (se aproximar em épocas que era/é preciso se distanciar).

Se apenas olharmos para o futebol, esquecendo dos torcedores que ainda se fazem ausentes de dentro dos estádios, parece que a pandemia é passado. É necessário dizer que os torcedores não estão dentro dos estádios, mas literalmente amontoados nos entornos dos mesmos. Sabendo que nesse momento, já quase final do ano de 2020 e logo do final da pandemia, em que todos os campeonatos já estão novamente sendo disputados (alguns próximos do final), como Libertadores da América, Copa do Brasil, Sul-Americana etc. muitos momentos decisivos de jogos e disputas tem gerado imensas aglomerações ao entorno das canchas. São torcedores que se juntam para esperar seus times chegarem ao estádio, ou ainda para recebê-los em aeroportos, ou para comemorar resultados.

A passagem do tempo vai operando em nós uma normalização dos processos que estamos vivendo, até mesmo a pandemia e a centena de mortes vão sendo encaradas como do cotidiano. Eu mesmo me peguei, recentemente, várias vezes dando uma conferida nos resultados dos jogos do campeonato brasileiro. Afinal, muitos meses se passaram e aquele sentimento de resistência do início foi perdendo força e sentido. Confesso que, quase a escrita deste trabalho entrou nesse turbilhão da perda de sentido. Mas, é preciso seguir. Por vários motivos. E assim seguimos, chegando quase ao final do estranho ano de 2020 e voltando aqui para finalizar esse texto, que é um misto de desabafo, de informativo e de reflexão. Quem sabe, daqui há alguns anos, voltaremos aqui para ler e acharemos tudo isso muito estranho.

Para fechar esse texto recorto e colo um trecho de uma carta do estadunidense Hunter S. Thompson (2005, p. 13), pai do jornalismo gonzo, presente em seu livro *Screw Jack*: “Certo. Por enquanto acho que é isso. Creio que podemos resolver esse negócio bem rápido... Sem dúvida. E chega dessa história. Preciso ir até o quintal matar um gambá – e se eu falhar é ele quem vai me matar. Algumas coisas nunca mudam”.

3 O C.E. AIMORÉ DENTRO DO DEBATE ACADÊMICO SOBRE O FUTEBOL

Como, no emaranhado de regras que cercam o futebol, encontrar uma linha de fuga possível?

(Daniel Lins)

Claro que futebol e cidade se serviram um do outro em sua construção na modernidade. Os clubes de futebol se tornaram elementos importantes da construção de uma identidade compartilhada para diversas cidades.

(Helcio Ribero Campos)

É preciso atentar para o fato de que esse foi o momento em que o esporte, em particular, e a sociedade em geral passaram a se desenvolver e a ser geridos com os princípios do industrialismo, como a concentração, a centralização, a especialização, a estandarização, a maximização e a sincronização.

(Cleber Prodanov e Luiz Fernandes)

É óbvio o interesse pelo futebol no Brasil. Por hora, quando falamos neste esporte, de imediato remetemo-nos aos grandes clubes, bem como as multidões que são arrastadas aos estádios nos mais variados cantos do país. Entre outros argumentos intelectuais e acadêmicos para se compreender este interesse de massa pelo futebol no Brasil podemos acionar Roberto DaMatta (1994, p. 17) com o seu texto ensaio, hoje mais que clássico, *A Antropologia do Óbvio*, onde o autor afirma que o futebol tem a dimensão e a capacidade de “proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito”¹². Ou ainda, o texto de Igor José de Renó Machado (2000, p. 183) *Futebol, Clãs e Nação*, o qual defende que o futebol opera a partir de “uma classificação da realidade, através da divisão do mundo em times-clãs”. Classificação esta que implica a lealdade¹³ ao clube escolhido, a formação de uma identidade (territorialidade/localidade/pertencimento) compartilhada e, ainda, a participação de um comportamento de jocosidade¹⁴ com outros torcedores. Jocosidade que dá reconhecimento e visibilidade à vitória e ao êxito alcançado pelo clube filiado.

A partir desses postulados teóricos podemos pensar sobre a prática e as implicações do torcer pelos grandes clubes de futebol (clubes midiáticos), de modo que teremos experiências de vitória e de êxito. Se não em campeonatos, em partidas significativas: sejam em jogos com clubes rivais (conhecidos no universo futebolístico como *clássicos* ou *dérbis*) ou em importantes disputas. Jogos esses que resultarão em piadas a serem proferidas de e para

¹² Sabemos das críticas direcionadas a DaMatta (1994), pois nada nos garante que o “perdedor na vida vença no jogo”. E vale lembrar: que “perder e ganhar fazem parte da experiência de atletas e torcedores” (DAMO, 2001).

¹³ “Torcer significa pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele” (DAMO, 2002, p. 33).

¹⁴ Essas experiências saboreadas através de *brincadeiras jocosas* (MACHADO, 2000) entre os torcedores de equipes rivais só são possíveis pela cobertura da mídia dos grandes clubes nos campeonatos principais, onde os jogos e os seus resultados são compartilhadas pelo imaginário de uma parcela muito significativa da população.

outros torcedores, compartilhando assim um esquema/rede de *jocosidade*, o qual reconhece e dá legitimidade aos êxitos e vitórias que o torcedor incorpora e os toma de seu clube para si.

Entretanto, o que faria com que pessoas pelo Brasil inteiro, nos mais variados estados e nas mais diversas cidades do país, mesmo que em pequeno número, filiassem-se a modestos clubes de futebol? Escretes que chafurdam as segundas, terceiras e quartas divisões dos campeonatos regionais (e que raramente disputam competições nacionais), as quais dificilmente se logram vencedoras e o êxito em cada partida parece mais distante. E ainda: não inclui o indivíduo torcedor nas relações de *jocosidade*, as quais são alimentadas pela mídia especializada, cujo espaço é raramente ocupado pelos pequenos clubes (times não midiáticos). Mesmo assim, se seguirmos visitando estádios pelas capitais e pelo interior vamos encontrar sempre uma parcela de devotos às suas equipes locais¹⁵. O que motivaria, então, estes indivíduos a *pertencerem* a esses modestos e diminutos escudos? Seria “amor” exclusivo este *pertencimento clubístico* aos pequenos do futebol (DAMO, 2001)¹⁶? Qual a relação desse afeto pelo clube com o território, seja o bairro ou a cidade, dessa equipe?

Partindo desse mote, pretende-se investigar sobre a prática do torcer e da imagem de cidade (São Leopoldo, RS) construída nas narrativas desse torcedor nos jogos de futebol do Clube Esportivo Aimoré¹⁷. Imagem produzida e consumida em uma época que o pesquisador catalão Joan Fontcuberta (2010) define como a da “cultura visual”. Sabendo da pequena escala do futebol aimoresista, se comparado com os grandes clubes da capital gaúcha, tais como *Grêmio* Foot-Ball Porto Alegrense e *Sport Club Internacional* (a conhecida dupla GreNal), e *Esporte Clube Juventude* e *Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul* (chamados de dupla Ca-Ju e situados na cidade serrana de Caxias do Sul, a segunda maior do estado do RS) ou ainda *Grêmio Esportivo Brasil* e *Esporte Clube Pelotas* (protagonistas do clássico Bra-Pel) na cidade de Pelotas, RS, todos eles com torcidas numericamente consideráveis – dentro da escala do futebol gaúcho profissional – e participando de campeonatos regionais e nacionais de grande porte e com ampla cobertura midiática, a pergunta primeira é: o que motiva um torcedor a filiar-se à equipe de São Leopoldo?

¹⁵ Os pequenos clubes de futebol são geralmente ligados a uma comunidade local como um bairro, dentro da escala metropolitana de uma capital, ou as pequenas e medias cidades do interior.

¹⁶ “O ‘pertencimento’ também é único, embora seja comum certos torcedores realizarem escolhas em segundo grau de importância” (DAMO, 2001, p. 36).

¹⁷ O C.E. Aimoré é uma pequena e tradicional equipe futebolística da “alemã” cidade de São Leopoldo, na região metropolitana da capital gaúcha, Porto Alegre. Em 2016 o clube sofreu um novo descenso e disputará em 2017 a segunda divisão do Campeonato Gaúcho (Série A2), no primeiro semestre, e a quase clandestina Copa Federação Gaúcha de Futebol (Copa FGF ou *Copinha*) no segundo semestre. O seu estádio, denominado oficialmente como Estádio Monumental do Cristo Rei é o palco da maioria de seus jogos. Segundo dados da Federação Gaúcha de Futebol (20--), no ano de 2015 contou com uma média de público pagante de 1.500 a 2.000 torcedores em partidas do Campeonato Gaúcho da 1ª divisão e de 100 a 500 torcedores em jogos da Copa FGF.

Além das motivações para a prática do torcer, qual a relação com a cidade que este torcedor estabelece? Seriam os torcedores aimoresistas todos naturais de, e ou de alguma forma ligados a, São Leopoldo? Quais laços seriam estes e de que forma a relação clube-cidade e cidade-clube opera na constituição de uma subjetividade leopoldense-capilé¹⁸ e na produção de “territórios existências” (GUATTARI, 2008)?

Dentre todos os festejos pelo título inédito da Segunda/Terceira Divisão, o mais importante para mim era que o clube garantia sua sobrevivência. Talvez seja mesmo pensar pequeno, mas é São Leopoldo que calça chuteiras e sai estado afora, usando aquela jaqueta azul e branca com o IMPONENTE emblema do Índio guasca no peito. Isso basta. (RODRIGUES, 2013.)

A citação acima surge para nós como emblemática para pensar a relação cidade-clube. Para o jornalista Natan Rodrigues (2013), autor do texto “Sobre Pensar Pequeno”, o Aimoré é a “São Leopoldo que calça chuteiras e sai estado afora”. Para o jornalista que escreve como torcedor o mais importante é manter o clube em atividade. Afinal, depois de 9 anos licenciado dos gramados, ficar sem futebol no Monumental do Cristo Rei é sempre um fantasma que ronda São Leopoldo. Na fala de Rodrigues, aqui destacada, é possível recordar de uma frase do hino do Clube leopoldense: “tuas vitórias nos encham de glórias”¹⁹.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Nos próximos parágrafos vamos tentar traçar algumas linhas acerca da forma como o trabalho em tela foi pensado e elaborado em termos do seu desenvolvimento metodológico. Leitura de jornais, antigos e atuais, visitas aos arquivos do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, leitura e acompanhamento de mídia digital, como portais esportivos, dedicados ao futebol do interior do Rio Grande do Sul e a mídia, por nós chamada de, militante. Mídia militante por ser formada e gerida por torcedores do Clube Esportivo Aimoré, falamos em

¹⁸ A cidade de São Leopoldo, situada na região metropolitana de Porto Alegre, conta atualmente com cerca de 230 mil habitantes e *dist*a 32 km da capital. É considerada a cidade berço da colonização alemã no Brasil, dado este que opera até hoje no imaginário local, impulsionando um sentimento de *germanidade* e *uropeidade* nem sempre correspondentes a realidade. O curioso é que a cidade conta com dois gentílicos: *leopoldense* e *capilé*. O segundo, de origem indígena, surge de uma relação de jocosidade com a cidade vizinha de Novo Hamburgo (também de origem alemã). Os munícipes de Novo Hamburgo há décadas atrás apelidaram os leopoldenses de capilés, em referência a um xarope da época, como uma forma de dizer que em São Leopoldo eram todos índios e não alemães. O gentílico hoje foi positivado e é recebido com orgulho pelos habitantes de São Léo (apelido carinhoso da cidade), inclusive sendo chamados os que torcem pelo Aimoré de *Torcedores Índio Capilé*.

¹⁹ O hino do Clube Esportivo Aimoré tem a assinatura de Ary Georg e Danilo Silva, na letra e música respectivamente, os mesmos são os autores do hino do município de São Leopoldo. A letra do hino do time índio capilé é: “*Aimoré, Aimoré/Clube do meu coração/Torço por ti vibro por ti/Com toda minha emoção/Aimoré, Aimoré/Oh Bravo Índio Capilé/Tuas vitórias nos encham de glórias/Por ti sempre de pé/Oh Aimoré alvi-azul/Brilhas no Rio Grande do Sul/És o cacique da Taba Contigue ninguém acaba*”.

especial do portal Índio Capilé, com sua ativa participação nas redes sociais e principalmente da ativa Rádio Web Índio Capilé. Observações em jogos do Aimoré, caminhadas ao entorno do estádio do Cristo Rei, conversa com torcedores, com familiares de torcedores e com inúmeros cidadãos leopoldenses e das cidades cercanas. Assim, entre essas diversas atividades, foi se produzindo e se pensando a pesquisa.

Compete aqui lembrarmos, que desde as primeiras conversas de orientação, tanto as formais quanto as informais, com o Professor Dr. Niltonci Chaves fomos instigados, mesmo sabendo que o recorte temporal principal da pesquisa se desse da volta do Aimoré aos gramados profissionais, no ano de 2006, até o presente momento, especificado com o período de pré-pandemia de coronavírus, a voltarmos ao momento de fundação do clube destinado a prática de futebol na cidade de São Leopoldo. A ideia era que, mesmo tratando do período contemporâneo do Aimoré, e de sua relação com a comunidade capilé de nosso tempo presente, seria instigante entender com acuidade os anos da década de 1930, vividos na cidade leopoldense, no estado do Rio Grande do Sul e mesmo no país, para tentar desenhar algumas motivações e interesses pelo esporte e pelo clube vindouro no terreno da cidade pesquisada. Assim sendo, partimos, inicialmente, para visitar o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, situado no centro da cidade, o qual sabíamos de antemão que contava com a coleção do jornal Correio de São Leopoldo.

Nossa primeira visita foi frustrada, pois o Museu, além de cobrar pela visitação e ou para a pesquisa, ainda atende apenas com agendamento prévio. Resultado: portas fechadas. Esse museu é uma instituição que se apresenta como comunitária privada, palavras encontradas no seu site, mas que na subjetividade capilé opera como se fosse um ente municipal. Ao conversarmos com um leopoldense comum e o indagarmos sobre o museu, o mesmo possivelmente vai declarar que acredita que o museu é gerido pela prefeitura da cidade. Recordo aqui de que em muitas conversas informais, ao longo de minha vida na cidade, com outros munícipes escutei referências acerca “do museu da prefeitura”. Mas não é, para cada visita destinada a consultar os jornais era preciso ligar, ou mandar um e-mail, agendando, fazer o pagamento de 10 reais por turno de pesquisa, além da aquisição, no local, de um par de luvas cirúrgicas para o manuseio dos periódicos, no valor de 2 reais o par. Minha primeira visita a esse museu, e na condição de pesquisador a qualquer museu, se deu em um calor escaldante do mês de janeiro de 2019, quando São Leopoldo marcava os seus quase 40 graus. Quem conhece a região do Vale do Rio dos Sinos sabe bem como são os verões e mais especificamente os meses de janeiro no que tange as suas temperaturas. Foi minha primeira experiência com jornais (de quase 100 anos atrás) em uma sala fechada, sem

ventilação natural, sem ventilador e menos ainda aparelho de ar-condicionado. Confesso que meu contato inicial como “arquivista” não foi tão cômodo. Mas, consegui fazer muitas fotos, das inúmeras páginas pré-selecionadas, que tratavam do Aimoré, do esporte local e estadual e também de algumas outras questões de ordem social e política da época. A partir desse abundante material, com mais de 200 imagens em meu arquivo pessoal nascente, pude retornar para casa e posteriormente gastar muitas horas a ler e reler esse conjunto de fotografias, fazendo anotações, trocando ideias com o orientador e consultando a bibliografia específica acerca da pesquisa de história em jornais, nesse momento usufruindo de uma situação térmica um pouco mais confortável.

O periódico trabalhado a partir da visita ao museu leopoldense é o jornal de circulação semanal *Correio de São Leopoldo*, empresa fundada no ano de 1932 e que estava com sua circulação a pleno no momento de fundação do Clube Esportivo Aimoré, a saber o dia 26 do mês de março do ano de 1936. Dentre as matérias encontradas destacamos algumas que davam conta da reunião de fundação do clube índio, incluso com reprodução da ata fundacional, cobertura detalhada dos primeiros jogos, reportagens sobre os campeonatos citadinos da época, matéria comentando da ida da direção do Aimoré a cidade de Porto Alegre para fazer a sua inscrição no órgão da época, equivalente a atual FGF, Federação Gaúcha de Futebol. Claro que, antes de empreender nossa ida ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo fizemos uma prévia pesquisa sobre a história do *Correio de São Leopoldo*, investigação onde encontramos alguns bons artigos e pesquisas que o tinham o *Correio* fonte principal, podendo assim nos situarmos melhor acerca da história e importância desse jornal na comunidade leopoldense do período. Destacamos o artigo “A nacionalização do ensino nas páginas do *Correio de São Leopoldo* (1937-1945)” de autoria da doutora em educação pela UNISINOS, Ariane dos Reis Duarte (2014) e publicado na revista acadêmica *Diálogo da UnilaSalle*. Nesse texto Duarte faz uma detalhada descrição da história e do contexto social e político do jornal, mostrando minuciosamente aos leitores quais nomes estão por trás da empreitada, quais suas filiações partidárias e ainda as ligações do periódico com a política local. Nas palavras de Duarte, na página 89 da revista em que seu artigo foi publicado, podemos ler: “o periódico publicava notícias relacionadas a São Leopoldo e seus distritos. Divulgava acontecimentos, eventos e outras notícias diversas. Publicava todos os editais da Prefeitura que, por muitas vezes, ocupavam quase uma página inteira”.

A ideia inicial era voltarmos ao Museu e mais uma vez nos aventurarmos nas páginas do *Correio de São Leopoldo*. Agora com mais atenção e, acreditando nós, entendendo um pouco mais da lógica da mídia da época e do próprio layout do jornal, bastante diferente de

tudo que vemos na mídia atual. Incluso tínhamos já marcado uma nova visita ao museu para uma boa e atenta folheada, e consequente registro fotográfico, de suas páginas para o mês de abril de 2020, com passagens aéreas Curitiba/Porto Alegre já adquiridas. Mas, tal empreitada foi totalmente abortada já em meados do mês de março com a notificação de pandemia pela OMS, Organização Mundial da Saúde. A partir desse momento, assim como outro sem número de pesquisas pelo mundo, tivemos que mudar os planos e reformular algumas estratégias.

Já o periódico impresso escolhido como uma das principais fontes de pesquisa do retorno do índio capilé as competições profissionais, no ano de 2006, o jornal Vale dos Sinos, popularmente chamado entre os leopoldenses de VS, habitou e habita o cotidiano do autor desta pesquisa. Lembro de crescer tendo como uma das principais referências de notícias em minha casa, escola e por demais espaços da cidade que transitava, na infância, adolescência e chegando a vida adulta, o Jornal VS, assim que trabalhar com esse diário traz outras problematizações, como a de desnaturalizar a fonte, tão corriqueira na biografia do autor. O Jornal Vale dos Sinos pode ser encontrado nos arquivos da Biblioteca Pública Municipal Vianna Moog, situada no centro da cidade de São Leopoldo, bem como na biblioteca da UNISINOS, no seu campus de São Leopoldo, no bairro do Cristo Rei. Ambas bibliotecas com fácil acesso ao material, sem grandes burocracias, nem necessidades de agendamento prévio e nem de pagamento para consulta no local. A saber, o Jornal VS ainda conta com boa parte de suas edições mais recentes, do ano de 2010 até o presente, disponíveis para leitura online em seu site na internet, destinada, nesse caso, apenas para os assinantes do jornal impresso.

O jornal diário Vale dos Sinos, pertencente ao Grupo Editorial Sinos, é um empreendimento criado e mantido até hoje pela família Gusmão. Há décadas é o único jornal que circula de forma impressa todos os dias pelo município de maneira ininterrupta, além de ser o jornal local de maior credibilidade social é uma importante referência de informação para os leopoldenses. O VS foi o periódico que cumpriu o papel de fonte de pesquisa em trabalhos escolares de milhares de alunos do ensino básico do período pré-internet. O Jornal VS foi criado no ano de 1957, pelas mãos e mentes dos irmãos Paulo Sérgio e Mário Alberto Gusmão, e originalmente chamado de Jornal SL, o qual logo iria trocar o nome para Jornal Vale dos Sinos. Como curiosidade vale destacar que nos dias de domingo o periódico circula com o nome de ABC Domingo e conta com uma edição ampliada e enriquecida com cadernos, algumas páginas coloridas e seções que são apenas dominicais. Uma das práticas do Jornal Vale dos Sinos, assim como podemos observar em inúmeros jornais do interior do Brasil, é ter o olhar bastante atento e focado aos acontecimentos locais, as coisas da

“terrinhá”, assim que o clube do Aimoré, desde o seu retorno aos gramados em 2006, sempre esteve, mesmo que não na medida do que os torcedores desejavam, presente em suas páginas. Fazendo dessa forma o VS uma singular fonte para nossa pesquisa, tentando ler, e observar com atenção, em suas páginas indícios dos movimentos do clube, dos dirigentes da instituição, bem como de suas disputas públicas e internas, dos seus torcedores, independentes e ou organizados e da sociedade local de forma mais ampliada, do retorno aimoresista ao futebol profissional até o momento em que o time logra disputar uma primeira divisão do campeonato estadual.

Cabe destacar aqui o inestimável apoio a esta pesquisa que foi gentilmente conferido por Gabriel Renner. Além de amigo de longa data, Renner é um renomado profissional da comunicação, o qual trabalha há anos em redações de importantes jornais da região da grande Porto Alegre, e tem se mantido sempre atento aos impressos. Sobretudo Gabriel Renner é leopoldense e um assinante do Jornal Vale dos Sinos. Dessa feita, sempre atenciosamente, me enviava por meio digital imagens do que era divulgado nas páginas do jornal acerca do Aimoré. E mais: cumpria o papel de seguir arquivando os jornais que recebia em sua casa, para a cada encontro nosso, que geralmente ocorre semestralmente, entregar-me em mãos as variadas edições do VS.

Vale ressaltar que entendemos todo esse material, jornais impressos, diários e ou semanários, sites na internet destinados ao tema, redes sociais de grupos de torcedores organizados, a rádio web Índio Capilé, a mídia especializada que consultamos, como documentos. E, como tal os lemos a partir das lentes, do mais que conhecido historiador francês, e um dos fundadores da Escola dos Annales, Marc Bloch (2001, p. 7), quando o mesmo afirma que “documentos são vestígios”, afinal, como segue o autor em questão, “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo”. Vamos assim, durante nosso trabalho, fazendo perguntas aos jornais e demais mídias por nós pesquisadas.

Acerca dos periódicos impressos em específico, como os casos por nós observados do Correio de São Leopoldo e do Jornal Vale do Rio dos Sinos, vamos nos apoiar em uma bibliografia específica sobre o tema da pesquisa histórica que tem os jornais como fonte. Falamos aqui de autores como a historiadora e professora Renée Barata Zicman (1985) e seu mais que clássico texto, no tema da pesquisa histórica em jornais, História através da imprensa: algumas considerações metodológicas.

Cabe aqui mencionar também a nascente rádio web, portal de notícias e revista impressa chamada de Visão do Vale. Um conjunto de mídias que direciona boa parte de sua

produção na cobertura e no destaque ao Aimoré e as demais questões ligadas ao esporte e à vida local de forma geral. O Visão do Vale, que foi criado no ano de 2016, buscava deixar claro o seu “foco total na comunidade de São Leopoldo”. Segundo o próprio site do grupo: “A história diária da cidade e da região em três versões – rádio web, site e Revista Impressa – essa é a proposta do Visão do Vale com sede na Rua Presidente Roosevelt, 681, sala 301, Centro, São Leopoldo”. A rádio web, que era transmitida pela sua página na rede social FaceBook, também contribuiu com espaço de notícias sobre a realidade futebolística e política do Clube Esportivo Aimoré.

Acreditamos ser relevante comentar aqui também acerca de diversas relações com variados torcedores que fomos estabelecendo por alguns anos, desde o retorno índio aos gramados em 2006. Tempo esse que dedicados em parte a (tentar) acompanhar a vida do Aimoré e suas apresentações, desde a comunidade do time do Aimoré e da cidade de São Leopoldo na extinta rede social Orkut²⁰.

Para enriquecer nossas observações e leituras dos jornais, das variadas mídias e das redes sociais, há pouco comentadas, empreendemos algumas observações sobre a região em que se encontra o clube do Aimoré. Partimos das ideias de “observar de perto e de dentro, de longe e de fora” (MAGNANI, 2002), da “observação flutuante” nos jogos (PÉTONNET, 2008) e de caminhadas pela cidade, pelo entorno do estádio em dias de jogo e em dias sem atividade no Monumental do Cristo Rei. A antropóloga parisiense Colette Pétonnet (2008), a qual viveu entre 1929-2012, é responsável pela criação, desenvolvimento e aplicação do método etnográfico denominado por ela como observação flutuante. Tal método é pensado como eminentemente urbano. A observação flutuante consiste em caminhadas por um determinado local (recortado previamente) onde além de observação visual o pesquisador se põe a “observar” as falas dos transeuntes. Escuta passivamente em um primeiro momento (para “mapear” as falas daquele território) para em seguida interagir despreziosamente com passantes, com comerciantes do local, com o funcionário de determinado estabelecimento, com velhos jogando carta e papeando em alguma praça, com jovens que saem do colégio e ou faculdade etc. Essas interações consistem em “bate-papo” informal, onde o pesquisador tentará ter acesso à memória dos que aceitam a interação.

Um hábito que busquei estabelecer em minhas idas a São Leopoldo, as quais nesses últimos quase três anos de mestrado ocorrem com bastante regularidade, de no mínimo uma

²⁰ O *Orkut* foi uma rede social desenvolvida pela empresa Google, a qual foi lançada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Essa rede social foi muito importante, em termos de uso e penetração social, em nosso país.

estada de uma semana a cada três meses, foi de percorrer a pé o entorno (CERTEAU, 1994) do estádio em vários e distintos momentos, como nos dias de jogos do índio, nos dias de treinamento dos seus atletas, nos dias sem atividade dos jogadores profissionais, dias de reuniões do conselho dirigente etc. A ideia era de buscar alguns códigos de interação, ou não, dos moradores da cidade, e mais especificamente do bairro Cristo Rei, com a vida cotidiana do Clube Esportivo Aimoré.

Para, o também francês, Michel de Certeau (1994) o urbano se constitui em uma das mais importantes invenções e apropriações cotidianas. Essas invenções e apropriações podem compor uma série de camadas imaginárias da cidade. Afinal, sabemos pela experiência subjetiva que não habitamos todos a mesma cidade. Pois, a partir das experiências de cada sujeito, de suas memórias, de seus gostos e desgostos, a cidade vai se configurando de uma determinada forma (a cidade subjetiva).

Sobre essa dinâmica diversos autores vêm investindo reflexões sobre. Podemos pensar no filósofo alemão Walter Benjamin, que evoca o já milhares de vezes propalado flâneur baudelairiano, e seu mapa afetivo “de uma cidade a ser rememorada” (a sua Berlim da infância, entre outras). Onde o pensador trabalha no mapa de Berlim os pontos que o “pegam” subjetivamente. A casa da infância, a rua do seu primeiro beijo, o trajeto para a faculdade. “Evita-se cunhar o definitivo. Nenhuma situação aparece, como é, destinada para todo o sempre; nenhuma forma declara o seu ‘desta maneira e não de outra [...] Em tais recantos mal se percebe o que ainda está sob construção e o que já entrou em decadência. Pois nada está pronto, nada está concluído” (BENJAMIN, 1993, p.148). Com todas as devidas ponderações falamos nessa pesquisa da São Leopoldo de minha infância.

Décadas passadas, e “agora” na França, surgem os letristas e posteriormente situacionistas: Guy Debord (2003) e a proposta da psicogeografia. A leitura da cidade, com a deriva como instrumento, por suas camadas psicológicas. Camadas essas que são inscritas no sujeito pelo seu caminhar. Texto básico de trabalho da Internacional Situacionista, o Teoria da Deriva, apresenta algumas indicações de caminhada (perder-se) como relação epistemológica com a urbe.

Nessa toada uma série de pesquisadores da antropologia, da sociologia, da geografia etc. tem se colocado a caminhar. Filosoficamente desde a escola grega dos peripatéticos: a caminhada como método de reflexão. Poderíamos citar um número muito significativo de teorias do caminhar como pesquisa: do arquiteto italiano Francesco Careri (2003) e o seu grupo Stalker (de caminhada pela periferia de Roma) ao antropólogo brasileiro Guilherme Magnani. Careri (2003) é autor de um importante livro sobre o tema chamado de *O caminhar*

como prática estética. Nesse livro ele afirma que “o relato é uma das formas básicas do percurso” aproximando o campo estético da narrativa do campo físico da caminhada. O professor de antropologia urbana da USP, José Guilherme Magnani (2002), é responsável pela teoria do “no trecho”. Ele divide a pesquisa etnográfica em dois momentos: “de longe e de fora” e “de perto e de dentro”. O primeiro momento seria um olhar mais distanciado do seu objeto de pesquisa (mais sociológico). O segundo seria marcado pela imersão em seu problema. E é nessa imersão que o “no trecho” se aplica. O qual se constitui por caminhadas pensadas e racionalizadas pelo território que se inscreve no seu objeto de observação.

“A compreensão histórica supõe um duplo e simultâneo movimento, explicar e compreender” (FONTES, 2009, p. 210). Como quer a historiadora carioca, professora da UFF, Universidade Federal Fluminense, e da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST, Movimento Sem Terra, Virgínia Fontes (2009), ou o que alcançamos compreender, na frase a pouco citada, retirada do texto “Determinação, História e Materialidade”, falamos sobre o passado, a partir de nossas fontes, para tentar entender melhor sobre ele, “um passado que já foi e não é mais, o ausente” (CHARTIER, 2010, p. 23). É no processo de escrever, e de falar, que buscamos explicar, ao passo que tentamos, nós mesmos, compreender. Entendendo assim que esse nosso caminho, por variadas metodologias, tem como buscar dar algum sentido razoável no presente para esse “ausente”.

Com o passar do tempo, e o aprofundamento da quarentena e do “confinamento desconfinado infinito”, como muito bem destaca o antropólogo Hermano Vianna (2020), em seu site pessoal na internet, algumas ferramentas foram se mostrando possíveis e eficazes para dar continuidade à pesquisa. Uma delas, que já vinha sendo usada, foi o aplicativo de troca de mensagens instantânea e extremamente popular chamado Whatsapp. Até antes da pandemia o Whatsapp era usado de maneira informal para contatos com os informantes ligados ao terceiro capítulo, era usado para manter proximidade e para marcar encontros para conversar sobre a pesquisa. No que os dias foram passando e as reuniões presenciais vetadas as mensagens se mostravam o único meio para seguirmos em contato e diálogo com essas pessoas. Passando-se uns meses, e perdendo-se também uma certa inibição inicial, surgiu a ideia de reuniões online, as conhecidas, e extenuantemente usadas pelo meio acadêmico e artístico, lives. Foi assim que algumas reuniões pelo Google *Meet* foram incorporadas à pauta de diálogos e pesquisas no campo de nossas experimentações pela história oral. Destaco aqui a questão de “perder a inibição” por se tratar de uma nova forma de encontros, em que pese completamente diferente do contato presencial que vínhamos mantendo com os pesquisados. Existe assim uma necessidade de elaboração, em termos psicanalíticos, do momento, das necessidades, dos

interesses para criar ânimo e forças para se embrenhar nesse campo e seguir com a pesquisa. Afinal, deixar de ter o cara a cara para lidar com pequenos quadrinhos na tela do computador e ou do celular muda muita coisa, tanto para o pesquisador quanto para os pesquisados.

Para constar, o Google *Meet* é uma ferramenta de reuniões on-line por meio de uma conta de correio eletrônico no site Gmail da empresa Google. O Google *Meet*, assim como outras plataformas/sites como o Zoom, Skype etc. disponibiliza uma sala virtual para encontros com inúmeras pessoas. Era possível assim marcar uma conversa virtual e trocar ideias por imagem e voz instantânea com um ou mais informantes ao mesmo tempo.

Aqui é preciso abrir uma reflexão acerca da temática da história e da memória, uma vez que implicamos parte significativa de nossa pesquisa nas falas, lembranças, recordações, memórias e afetos de nossos informantes. Afinal, como afirma Roger Chartier (2008) “sabemos que entre história e memória as relações são fortes”.

O debate e a diferenciação entre história e memória é algo, pode-se dizer, bastante primário para quem é iniciado no trabalho de pesquisa científica em nossa disciplina. É um tema que já gastou bastante tinta e ocupou, e ainda ocupa, muitas páginas em livros, revistas, páginas na internet etc. Entretanto, para quem não é intimamente ligado aos meandros da disciplina da história, essas diferenças (e semelhanças) não são dadas a priori. Tendo em vista que, quem escreve esse trabalho é alguém recém-chegado ao campo disciplinar, e institucional, da história como ciência, convém aqui escrever e refletir mais detalhadamente sobre ambos conceitos e definições. Os parágrafos que seguem nas próximas linhas é uma atividade pedagógica de escrita e de pensamento sobre como entendemos história e memória, o qual tem como intenção nos nortear nesse trabalho acadêmico. É uma empresa cujo caminho é o de aclarar conceitos fundamentais para poder seguir no estudo, na pesquisa e no trabalho, disciplinar da história. Para isso usaremos principalmente o texto já citado do historiador francês Chartier (2008), escrito esse em que o acadêmico europeu se remete diretamente ao filósofo Paul Ricoeur e ao seu importante livro (acerca do debate entre história e memória) “Memória, história, esquecimento”.

O argumento inicial de Chartier (2002) é que hoje é evidente entre os historiadores, e acadêmicos de disciplinas próximas, que a história “é apenas uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado”. Sabemos que as narrativas construídas por obras de ficção (literatura, cinema, música etc) e pela memória (de amplo uso pela política e por administrações públicas) servem como formas de atualizar a presença do passado no presente. Mas nos deteremos aqui no par que empresta nome a esse texto: história e memória.

R. Chartier (2002), invocando seu conterrâneo P. Ricoeur, afirma que “as diferenças entre história e memória podem ser nitidamente traçadas”. E, inicia ele, com a distinção entre “o testemunho e o documento”. Em um esquema bastante simples, e a priori autoexplicativo, poderíamos desenhar da seguinte maneira: história-documentos e memória-testemunho. Agora, cabe pensarmos em algumas linhas sobre o que entendemos sobre “documento” e “testemunho” e conseqüentemente as implicações de cada um para a construção da pesquisa e da narrativa (escrita) acerca do passado. Conceito esse, o de passado, que Michel de Certeau, em sua obra elementar para entender o fazer historiográfico contemporâneo, “Operação Historiográfica” (1982) representa na figura de um morto (de um Outro ausente). Passado que, como segue Chartier (2008), precisa ser reconhecido e posteriormente representado. A história, enquanto narrativa escrita do passado, de algo que foi e não é mais, séria, em uma aproximação de um entendimento psicanalítico (Certeau fora estudioso de Lacan) a volta do morto (o retorno do Outro).

O documento é também algo caro para o fazer do historiador. Poderíamos reproduzir aqui, e ou citar, uma série de debates, de autores e de textos, que buscam dar conta de descrever sobre o que é e de que forma se pode usar um documento (a fonte historiográfica). O documento, grosso modo, constitui uma prova. É baseado em documentos que o historiador vai basear a sua pesquisa e posteriormente escrever o seu texto.

Já o testemunho (lembração/esquecimento) se encontra na ordem do dito, do relembando. O testemunho é inseparável da testemunha e é essa figura que vai fazer com que a sua afirmação seja tida como aceitável ou não. Incluso o trabalho aqui escrito parte do estranhamento entre a metodologia usada na antropologia (que em seguida será melhor trabalhado) que se baseia numa busca “por de fato dar a devida atenção e credibilidade a fala do pesquisado” (GOLDMAN, 2006, p. 13) no que se refere a escuta etnográfica e a história que se quer a todo custo firmar-se como ciência (e para ser ciência a prova documental muitas vezes figura como elementar).

Chartier (2008), segundo Ricoeur, levanta a questão do verdadeiro e do falso e de como o documento pode ser o elemento da impossibilidade de refutação, o documento como o registro onde os “traços do passado” poderiam ser verificáveis. Convém lembrar que ao contrário da memória o documento pode nos remeter a acontecimentos históricos que nunca forma a lembrança de ninguém.

Pensando aqui em memória gostaríamos de tecer algumas palavras sobre o trabalho do cineasta Eduardo Coutinho. Para quem não tem como base uma graduação de história, como é o caso do autor desta dissertação, acredito que os filmes documentais do cineasta

brasileiro Eduardo Coutinho podem ser uma boa porta de entrada no universo da história oral (entendendo aqui de forma a mais abrangente possível), das construções de histórias a partir da narração dos entrevistados, que são muito mais instados a falar do que inquiridos sobre questões específicas, mesmo que muitas vezes orientados a pensar e expor determinados temas. Para tanto podemos destacar alguns filmes de autoria de Coutinho, tais como *O Fio da Memória* (1991), *Babilônia 2000* (2001), *Edifício Master* (2002), *Peões* (2004) e *Jogo de Cena* (2007), os quais cumprem papel importante em nossa formação enquanto pesquisador.

Eduardo Coutinho (2012), que é paulistano e jornalista de formação, em sua participação no programa *Sangue Latino*, do Canal Brasil, onde conversou com o também jornalista, e carioca Eric Nepomuceno, pode falar sobre o processo da memória/do recordar dos seus entrevistados e de como ele pensa e trabalha com esse material, que é o que gostaríamos de destacar aqui. Para começar Coutinho (2012) afirma que a grande maioria dos entrevistados por ele, com destaque para os mais velhos, nas palavras do próprio, lidam muito menos com o hoje, com o presente, e muito pouco com projetos de futuro do que com a memória, com as lembranças do passado. E emenda ele: “a memória é um troço que você constrói” (COUTINHO, 2012). Mas, é preciso ficar claro que “construir a memória” não se trata de mentir, e inventar propositadamente, de maquinar para falar coisas que lhe sejam mais interessantes, mesmo sabendo que é possível. Afinal, segue o cineasta documentarista: “o fascinante é que toda memória é inventada, não é porque é mentirosa, é porque é uma memória que podia ser diferente três dias depois com outra pessoa. Então depende de uma interação, de um momento, que as pessoas dizem coisas” (COUTINHO, 2012). Sabendo disso, procuramos sempre ponderar ao máximo as falas de nossos entrevistados, sabendo que como afirma Marcio Goldman (2006), em um trabalho em que busca entender o que os nativos de suas pesquisas anteriores acerca dos blocos afros de Ilhéus (BA) pensam sobre a democracia, é preciso realmente levar a sério os nossos informantes. Mais especificamente, com as palavras do próprio Goldman (2006): “o primeiro passo para uma análise como esta é levar a sério o que as pessoas têm a dizer, ainda que o seu discurso possa contrastar com os pressupostos da democracia representativa”.

Mas também, como afirma um outro antropólogo, este professor titular do departamento de antropologia da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, o doutor Rafael José De Menezes Bastos, “é sempre importante duvidar das coisas que falam os nossos entrevistados” (ANTROPÓLIS, 2020). Esse argumento é levantado pelo professor Rafael Bastos em uma entrevista intitulada de “Os sons das culturas viajantes” e presente no programa *Antropólis* de número 6, que foi ao ar no dia 13 de julho de 2020. O *Antropólis* é

um *podcast* dos professores e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel, Universidade Federal de Pelotas, com foco na antropologia urbana e visual.

Mas, voltando ao documentarista aqui abordado, destacamos por fim, duas observações feitas por ele, invocando o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), onde comenta, Coutinho (2012), que “as pessoas contam as coisas para dar sentido a suas vidas”. Afinal, segue Coutinho, manuseando um cigarro apagado e um isqueiro, ambos à sua esquerda, enquanto fala que é preciso entender que as pessoas buscam se legitimar no mundo em que vivem. E, que “falar ao outro é se legitimar singularmente”. Sem deixar de perceber, Eduardo Coutinho (2012), que uma coisa é a oralidade (“uma fala como essa nossa” comenta ao seu entrevistador) e outra é transcrever, colocar no papel.

Também nos apoiamos, no caminho de tentar entender mais detalhadamente os procedimentos e subjetividades envolvidos da história oral, nos manuais do professor aposentado pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo, USP, o doutor José Carlos Sebe B. Meihy. Estamos nos referindo aos seus livros “História Oral: como fazer, como pensar” (2007) e “Guia Prático de História Oral” (2011). Em seus textos o professor José Carlos (2007, 2011) menciona algumas vezes que o surgimento da história oral está ligada, entre outros, ao surgimento do gravador. Afirma o autor que a entrevista, sobretudo a gravada e ou filmada, tem um papel fundamental no trabalho do historiador. Comentamos a esse respeito, lembrando também, como escrito anteriormente, que nossas entrevistas têm se dado - a partir da pandemia do novo coronavírus – a partir de arquivos de áudios trocados pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, além de chamadas de vídeo no Google *Meet*. De alguma forma é uma reatualização das antigas entrevistas feitas com uma câmera ligada e ou um gravador acionado. Claro que, aqui pensamos que de alguma forma, pelo uso disseminado, sobretudo das mensagens de textos e áudios trocadas nos telefones celulares, as “antigas” entrevistas com uso de um microfone direcionado e ou uma câmera de vídeo apontada ao informante podiam criar algum clima de excepcionalidade que o WhatsApp e o Google *Meet* não tem o poder de criar.

A busca pelo apoio da história oral se deve ao fato de acabarmos nossa pesquisa em um terceiro capítulo onde apresentamos alguns aspectos da trajetória pessoal, que se confunde com sua prática profissional, do senhor Claudio Antônio Albinelli Bolzan. O senhor Bolzan é apresentado como um caso de um aficionado pelo futebol e que acreditamos ser interessante para buscarmos pensar um pouco mais detalhadamente a respeito do complexo caleidoscópico das filiações clubísticas. Ele, um gremista oriundo da região central do estado do Rio Grande do Sul, deveras envolvido com o universo do esporte, e que a partir de sua nova experiência

de residência em São Leopoldo passa a frequentar o cotidiano do Aimoré, sem abandonar o time da capital do estado. Afinal, como afirma o pesquisador do futebol Arlei Sander Damo (2002, p. 33), no seu livro *Futebol e Identidade Social; Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes* “a contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento”.

E é nessa liberdade de construir e vivenciar pertencimentos, no caso as cores azul, preto e branco do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o azul e branco do Clube Esportivo Aimoré, para nós sendo foco principal as relações com o time índio capilé, que buscamos focar. Tal empreitada, de ajustar o foco, se deu a partir de entrevistas abertas, de observações atentas as falas (e aos silêncios) de nossos entrevistados, de um forte convívio no cotidiano, sabendo e pensando, também, em todo o valor subjetivo das respostas e de nossas ponderações. E por fim, gostaríamos de destacar que acreditamos que as práticas há pouco citadas, de observação e de convívio no cotidiano entre o pesquisador e o pesquisado, levado a cabo nos procedimentos epistemológicos da história oral, se aproximam bastante dos fazeres etnográficos do campo antropológico alguns parágrafos acima invocados.

3.2 COMENTÁRIOS PRELIMINARES ACERCA DA IDEIA DE UM FUTEBOL MENOR

Convém começar afirmando que tomamos de empréstimo o termo “menor”, aqui empregado ao universo futebolista dos clubes considerados modestos (pequenos e médios) que campeiam por todos os cantos desse interior do Brasil (ou em bairros dotados de características particulares em algumas metrópoles nacionais), do texto escrito a quatro mãos pelos pensadores franceses Félix Guattari e Gilles Deleuze (1997) e denominado como *Kafka: Por Uma literatura menor*. Assim, aproveitamos para tecer algumas palavras, nas linhas que seguem, sobre seu uso, sobre as apropriações possíveis e as ideias disparadas e criadas a partir de tal conceito em nossa pesquisa. Recordando que Deleuze (1992, p. 14) em seu texto “Carta a um crítico severo”, publicado no Brasil no livro *Conversações* pela Editora 34, afirma que, ao comentar como se relaciona com as obras alheias e com a história da filosofia:

Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer.

Primeiro a se falar é que o menor aqui empregado por nós, de empréstimos dos franceses, psicanalista e filósofo respectivamente, não tem o menor interesse em conotar inferioridade, menos importância ou coisas do gênero. Afinal, como escrevem os autores, “‘menor’ já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida)”. Ou seja, aplicando esse óculos, essa ferramenta de ver e de pensar, ao futebol é aceitável parafraseamos cambiando o termo literatura por nosso esporte em questão: ‘menor’ já não qualifica certos futebóis, mas as condições revolucionárias de qualquer futebol no seio daquele a que se chama grande (ou estabelecido)”. Assim que, menor para nós se trata do futebol que transita entre as camadas do futebol profissional estando sempre com a possibilidade de por uma contingência cair dentro do campo de jogo dos grandes, dos clubes midiáticos, como por uma série de infortúnios se afastar do futebol, cair pelas tabelas e ser obrigado a jogar as últimas e abandonadas divisões e mesmo se destinar ao quase ostracismo do futebol semi-profissional das categorias de base. Em casos mais extremos voltar aos campos de terra da várzea, campos esses que logo teceremos alguns comentários mais apurados. Um exemplo interessante é o do time do Independente de Limeira, cidade do interior do estado de São Paulo. O Independente, que carrega um galo como mascote, é um time fundado na data de 19 de janeiro de 1944, com estádio próprio para mandar seus jogos e com história de muitas passagens pela Série A do Campeonato Paulista. Entretanto, desde o ano de 2018 o time do Independente disputa a Série B, equivalente à quarta divisão do campeonato estadual, onde a equipe não pode ter em seu plantel jogadores acima dos 23 anos de idade, tornando o torneio uma competição denominada como Sub-23.

O Aimoré pode ser pensando em um movimento entre o futebol profissional, nacional, galgando sempre o desejo de disputar um campeonato brasileiro, de receber uma projeção para além do seu estado de origem, e da fuga de um futebol inativo, afastado dos gramados ou que gasta seu tempo se imiscuindo nas segundas e nas terceiras divisões regionais (ou quartas, como o caso de alguns clubes em São Paulo). O Aimoré não é um clube amador, mas também não é um time profissional da acepção midiática do termo, não é o clube que vai ocupar espaço na mídia esportiva tradicional, como, por exemplo, o programa televisivo da Rede Globo conhecido por Globo Esporte, importante programa dedicado ao futebol desde o ano de 2003, ou as páginas impressas de periódicos como as do jornal Lance! (criado no ano de 1997).

Quem torce, e acompanha, um time como o Aimoré, ou o Operário Ferroviário de Ponta Grossa, para ficarmos em dois exemplos, está acostumado a ouvir e ler, de outros

torcedores e da mídia especializada, o termo “time pequeno” como uma definição da agremiação em questão. Quando esse “time pequeno”, por alguma ironia da tabela de algum campeonato, se depara com o seu contrário, o dito “time grande”, aí sim a mídia e mesmo seus torcedores fazem o uso irrestrito do “pequeno”. Do time pequeno, ou menor, como preferimos entender, partindo da filosofia da diferença deleuzo-guattariana já se espera, de antemão, a derrota ao passo que o time tido como “grande” se exige a vitória (e de preferência recheada de domínio do jogo em campo e de muitos golos). Quem acompanha o futebol brasileiro das duas últimas décadas vai lembrar vivamente de nomes de times como o Tolima, Corporación Club Deportes Tolima, fundado em 1954 na Colômbia, e do Asa de Arapiraca, Agremiação Sportiva Arapiraquense, de 1952 e com origem no município de Arapiraca no estado das Alagoas, menos pelos seus feitos e mais pelos times que foram derrotas e desclassificados por eles.

Futebol informal é como José Miguel Wisnik se refere em seu livro *Veneno Remédio* (2008) ao futebol jogado na praia ou em outros espaços possíveis do jogo de bola sem se ater totalmente às regras do esporte. O uspiano Wisnik, ao tratar o futebol informal, relata uma espécie de jogo em fluxo contínuo, o qual, segundo ele, foi experiência fundamental para formação de seu caráter. Wisnik, que é natural da cidade praiana de São Vicente, no litoral norte do estado de São Paulo, na região da baixada santista, conta, no referido livro, que nas areias das praias de São Vicente (a primeira cidade do Brasil) existia uma espécie de jogo de futebol que não acabava e nem começava, as pessoas iam entrando e saindo da partida, como se aquele jogo por lá sempre estivesse sendo jogado. As equipes não eram fixas, o tempo de jogo não era cronometrado e nem as linhas que demarcavam onde o “campo” de jogo começava e acabava estavam tão evidentes. O placar, por exemplo, não era necessariamente o mais fundamental nessa experiência informal do esporte. Quando uma pessoa chega o jogo já pode ter começado há horas e inúmeras substituições já terem sido arrumadas para que tal jogo não cessasse. Na maioria das vezes, mas não chega a ser regra, por óbvio, nesse futebol informal, jogado em algum momento da vida por quase todos os brasileiros do sexo masculino, os times são divididos entre os sem camisetas e os com camisetas. Em outros tantos casos nem mesmo essa divisão é aplicada.

Já o antropólogo gaúcho Arlei Sander Damo, inúmeras vezes citado em nosso trabalho, escreve artigo de pesquisa sobre o futebol de rua, aquele jogado em diversas cidades do interior e mesmo em bairros periféricos nas grandes cidades, em ruas de terra, calçamento e ou asfalto. O futebol jogado na frente de casa, muitas vezes com o gol feito com chinelos ou pedaços de pedras. Nos referimos ao texto “A rua e o futebol”, capítulo do livro *O Esporte na*

Cidade; Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos, publicado pela Editora UFRGS no ano de 2007. A importância de pensar o jogo de bola na rua se deve, entre outros, ao fato de entender a rua como uma “categoria de pensamento”. Diz ele, na página 51, logo na primeira linha do artigo: “além de ser espaço físico, ao qual corresponde um espaço social, a rua é também uma categoria de pensamento”. E segue o autor:

Estádios, praças, parques, poteiros, praias, passeios, terrenos baldios, fundos de quintal, ruas e outros tantos espaços físicos dão uma ideia da diversidade futebolística, pois a cada espaço tende à existência de configurações sociais particulares que, por seu turno, manipulam as regras do jogo conforme os seus interesses (SANDER, 2007, p. 51).

E é nessa diversidade de formas de jogar e de viver o jogo, bem como das sociabilidades e das reflexões daí advindas, que estamos curiosos em seguir procurando.

De uma forma mais ampla, que pode ser o jogo de bola disputado nas ruas e ou jogado nas praias, ou em qualquer outro lugar, temos a pelada. Quem um dia nunca se deparou com essa estranha palavra? A qual fala uma coisa e significa outra. Pelada? Como afirma Jorge Villela (1997, p. 69) “desde há muitas décadas e ao longo de todo o país a prática de um tipo de futebol informal, com regras particulares e variáveis de lugar para lugar, é intensa no Brasil”. Esse jogo informal, com regras particulares e adaptáveis ao momento e às circunstâncias, em nosso país ganha o nome de pelada. Destacamos aqui o texto do professor da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, o doutor em antropologia, Jorge Luiz Mattar Villela: “Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso”. Trabalho em que Villela (1997, p. 69) afirma que a pelada, uma palavra informal:

Está longe de ser satisfatória porque cada uma dessas peladas tem uma forma definida e bastante codificada. O uso desta palavra aqui é, entretanto indispensável para distinguir as peladas dos jogos de futebol regidos pelas regras da International Board, entidade da FIFA responsável pelas regras deste jogo.

Essa regra distingue a pelada da várzea e aproxima a segunda, mesmo que se assumindo como amadora, do futebol profissional. Afinal, em termos de regras a várzea hoje, como veremos no parágrafo abaixo, segue o “padrão FIFA”.

O futebol de várzea é outra forma de jogar, e fruir uma partida como espectador e ou torcedor, o jogo de bola chutado com os pés no Brasil. Forma essa bastante relevante em nosso país, relatada e estudada em diversos trabalhos acadêmicos, como por exemplo no do antropólogo paulista Enrico Spaggiari. Enrico dedicou suas pesquisas de mestrado (2009) e

doutorado (2014) em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, a USP, ambas sob a orientação do professor Doutor Heitor Frúgoli Jr., para observar fenômenos relativos e vivenciados dentro dos campos de várzea. Percebemos a importância, e mesmo a mistura entre o universo do profissional e da várzea (que é um esporte amador, mas não um futebol informal como jogado nas ruas e praias litoral afora desse imenso país). O futebol de várzea é uma entrada no universo dos clubes, com suas cores, mascotes, uniformes, filiações e disputas entre os variados times. Inclusive, compete aqui comentar, que a Revista VICE, periódico impresso estadunidense fundado em 1994 e dedicado às artes e a cultura, levou ao ar há dois anos atrás um programa de vídeo, uma série chamada BRAZICA e disponibilizado no seu canal na rede social YouTube, onde aborda “A ostentação das camisas de várzea nas quebradas de SP” (como consta no próprio título do episódio). Na matéria, o jornalista Murilo Megale, apresenta alguns aspectos do futebol de várzea paulistano ao espectador, entre outros um dado nos parece ser bastante significativo: se estima que na data do vídeo, no ano de 2018, existiam aproximadamente cerca de 8 mil times de futebol de várzea pelas diversas quebradas da capital paulista. Mas, o foco principal do vídeo é acerca do uso cada vez mais crescente, e da valorização simbólica e afetiva, das camisas dos clubes de várzea na quebrada que o time representa. Megale entrevista uma série de torcedores em jogos válidos pela Copa da Paz, na várzea de São Paulo, mais especificamente em um campo na favela de Paraisópolis, zona sul da capital, onde os espectadores das peijas comentam as suas motivações para o uso das “peitas”. Um entrevistado fala que “o bom da camiseta de várzea é que é um artigo que não vende em shopping” e segue, dizendo que a camisa é apenas para os “merecedores mesmo”, que nas palavras seguintes deixam a entender que são os moderadores da periferia, dos bairros dos times, esses “merecedores”. O vídeo termina com uma voz em *off*, do próprio jornalista, em que afirma que:

O orgulho de ser notado na rua por conta do que você está usando tem muito mais significado na várzea, é sobre onde você nasceu e cresceu, ficou claro para mim que quem ama a própria quebrada prefere o time do bairro que o da Série A e faz questão de mostrar isso na roupa que está vestindo (BRAZICA, 2018).

Sobre esse sentimento, não necessariamente expresso apenas no uso específico de roupas, mas ligado a cidade e ou ao bairro, esse pertencimento territorial e clubístico, nos fez lembrar de uma matéria jornalista na TV especial sobre o Fanático Futebol Clube (1944). Nos referimos aqui ao programa É-Esporte da TV Paraná que tratou de um dos times de várzea da cidade de Campo Largo, na região metropolitana de Curitiba. O que queremos destacar aqui é

a parte final da reportagem, onde a torcedora, e filha de um ex-goleiro do time, a senhora Teresinha faz a seguinte afirmação: “corre nas minhas veias o sangue fanaticano, eu sempre fui, olha, eu torço pro Coritiba, tem o Grêmio, tem o Fluminense, mas pra mim o time que importa é o time do Fanático”.

O futebol de várzea nasce como esporte informal, similar ao jogado nas praias e relatado por Wisnik, diferindo da areia para o terraço. Pois, como detalha Nicolau Sevcenko (1994, p. 36):

As várzeas alagáveis e de pouco valor econômico às margens dos rios urbanos e suburbanos, onde em geral se concentram os bairros operários, sempre foram as áreas favoritas para a proliferação dos campos e times improvisados, amadores de fim de semana, e onde treinam intensamente os jovens obstinados, sonhando com a carreira, a consagração e a glória.

Entretanto, ao longo do tempo foi ganhando institucionalidade, com clubes, ligas e ou associações e campeonatos. Em São Leopoldo, para constar, existe desde o ano de 1970 a LIMFA, Liga Interna Municipal de Futebol Amador de São Leopoldo, a qual congrega uma série de times dos mais variados bairros da cidade e organiza um campeonato citadino. Incluso, é tradicional a partida final, que vai coroar o campeão da várzea leopoldense, ser disputada nos gramados do Aimoré no Estádio Monumental do Cristo Rei.

Outro trabalho, presente no importante dossiê sobre o futebol da Revista da USP, que aborda o esporte disputado nas várzeas, bem como a sua ligação com as populações pobres, periféricas e pertencentes às camadas operárias da cidade, é o texto “O futebol nas fábricas” (ANTUNES, 1994). A autora é socióloga formada pela Universidade de São Paulo, onde cursou também seus estudos de pós-graduação, dedicando o seu mestrado e o seu doutorado, ambos em sociologia, ao estudo do futebol operário e da ligação entre o esporte em questão e a identidade nacional, respectivamente. Sobre os terrenos baratos e alagados, destacamos em seu texto: “As margens dos rios foram transformadas em campos de futebol e passaram a funcionar como ponto de encontro e divertimento de trabalhadores e suas famílias” (ANTUNES, 1994, p. 103).

Dentro do universo do futebol podemos afirmar que o que é tido como o principal filão, como a “cereja do bolo”, ou o contrário do que entendemos, e tentamos pensar, por futebol menor seria justamente o futebol profissional masculino dos grandes times da Série A do Campeonato Brasileiro, o que teríamos hoje em 2020 como um montante de 20 clubes de futebol, dos quais uma meia dúzia esteja sempre oscilando entre o futebol menor e esse

espaço contrário, que vamos tratar como o futebol dos grandes e midiáticos times do esporte aqui abordado.

O C.E. Aimoré transita entre esses universos e mesmo que não esteja entre os clubes da elite que partilham de todos os benefícios de uma Série A do Campeonato Nacional, digamos que esse está sempre em devir. Tanto que no ano de 2018 perante a sua primeira participação em uma competição nacional, a Copa do Brasil daquele ano, foi saudada como a entrada em um novo patamar. Mesmo que de forma muito distante, beirando o pueril, jogar as duas partidas possíveis (pelos resultados alcançados) dessa Copa bastou para colocar em circulação entre seus torcedores mais aguerridos o sonho de “algo mais”. A tentação de conquistar uma vaga em alguma competição internacional ou mesmo uma posição na Série D do Campeonato Brasileiro, que poderia se transformar em uma Série C e quem sabe em alguns anos uma colocação, do índio colono de São Leopoldo, em patamar completamente diferente no espectro do futebol nacional.

Muitos clubes nacionais já lograram esses momentos: podemos recordar brevemente aqui o caso do time do E.C. Juventude da cidade de Caxias do Sul, na serra gaúcha. Nos anos de 1990, mais especificamente a partir de 1993, o time do Juventude logrou um patrocínio da multinacional Parmalat o que lhe proporcionou a realização de uma série de importantes contratações. A partir dessa parceria o time logo se destacou nas competições em que estava jogando. Em 1994 foi campeão pela primeira vez da Série B do nacional e vice-campeão gaúcho, o título da segunda do Brasil lhe valeu a inédita vaga para a partir de 1995 disputar a Série A do brasileiro. No ano de 1997 o Ju, como é chamado pelos seus torcedores, conseguiu acabar o brasileirão da Série A na destacada quinta colocação, entre os 26 clubes que disputavam. No ano seguinte, 1998, o periquito da serra (mascote do time) se sagrou campeão invicto do Gauchão da Série A, com final contra a equipe do Internacional. Dentre os diversos feitos dessa época o Juve chegou a levar para sua casa o importante título de campeão da Copa do Brasil do ano de 1999. Conquistando assim uma vaga para a aclamada, entre os futebolistas, competição internacional da Copa Libertadores da América do próximo ano. Na Libertadores o time Jaconero, apelido emprestado do nome de seu estádio, não passou da primeira fase, logo em seguida o contrato entre o clube e a empresa multinacional foi desfeito e ano a ano o time do Juventude foi logrando resultados desanimadores e somando uma série de descensos nas competições que disputava.

Curioso destacar que ao passo em que o Juventude começava a se dismantelar do posto de grande que tinha ocupado nos últimos anos é que nasce o embrião de sua torcida barra brava. Foi a partir do segundo semestre de 2007, com o rebaixamento para a Série B da

competição nacional já batendo a porta, que se deu início à criação da torcida barra brava Os Loucos da Papada e a bancarrota da antiga Torcida Organizada Mancha Verde (em clara alusão a torcida do time paulistano do Palmeiras). Entre os ideais levantados pelos membros fundadores de Os Loucos da Papada estão a defesa do espírito do movimento Anti-GreNal e de que é preciso apoiar (alentar como falam os barras) o clube indiferente do placar e da divisão que este esteja jogando.

Esse movimento do futebol, em termos de resultados e séries, é bastante similar ao do processo político democrático (em ideal): o vencedor hoje comemora e recebe o reconhecimento do vencido e os louros da conquista. Mas, logo esse jogo (literalmente) pode ser invertido, por mais que a tendência seja sempre a da permanência (assim como é o da reeleição) ela não é eterna, mesmo podendo durar um período mais ou menos longo. Um clube pequeno hoje, longe dos holofotes da mídia pode galgar postos e chegar a ocupar o espaço da visibilidade, feito de alguma forma realizado, além do a pouco comentado Juventude, pelo Operário Ferroviário de Ponta Grossa que conseguiu nesses anos recentes se firmar na Série B do nacional, estando assim entre os 40 maiores times do Brasil. Dessa conquista o Fantasma da Vila Oficinas têm feito valer o seu hino, quando canta que “o Operário tem mostrado o seu talento, no Paraná ou noutra estádio brasileiro”.

No plano individual, biográfico, não à toa recorreremos à reconstrução da trajetória do senhor Claudio Antônio Albinelli Bolzan, a partir do relato oral de seus parentes, no que tange às tensões e reflexões que sua prática dedicada ao desporto dos pés implica. Desde a sua ligação com a prática do futebol no período anterior ao seu casamento quanto as imbricações das suas escolhas e escalas de filiações clubísticas: transitando com uma aparente desenvoltura, como nos relatou algumas vezes seu filho Claudio Júnior, entre o Aimoré (que lhe conferia força na ligação com a cidade de São Leopoldo) e o Grêmio (que lhe emprestava jocosidade dentro das disputas de identidade sul-riograndense), sem esquecer o tempo em que esteve imiscuído por entre alguns times do futebol diletante leopoldense, perpassando campos de várzea da cidade. Dois deles, o do Pinheiros e o do Avaí, muito próximos de sua casa da época. Afinal, como defendem Guattari e Deleuze (1997, p. 39), na literatura menor tudo é individual e político, assim sendo, “faz com que todas as questões individuais estejam ligadas imediatamente à política. A questão individual ampliada ao microscópio torna-se muito mais necessária, indispensável, porque outra história se agita em seu interior”.

Talvez seja dentro do espaço, ou da camada, por onde deslizam e chutam a bola os times do futebol menor, que as maiores porções de rivalidades sejam produzidas. Uma fala curiosa, que gostaríamos de destacar aqui, é a de um amigo, e ex-colega de trabalho, de nosso

principal informante e filho do gremista aimoresista Claudio Bolzan. Estamos falando do aviador Jairo Saueressig, 45 anos, nascido e crescido em Campo Bom, cidade colada em Novo Hamburgo, e em algum momento da sua vida ligado ao futebol. Em uma conversa sobre rivalidades entre as cidades do Vale do Rio dos Sinos, e mais especificamente sobre, as contendas, existentes ou não, entre São Leopoldo e Novo Hamburgo, Jairo é categórico em afirmar que para ele a rivalidade existe, mas apenas para quem é muito ligado ao futebol, dando a entender esse muito ligado a parcela da população que entende das disputas em que frequentam os times do Nóia e do Índio.

3.3 O FUTEBOL MENOR DO AIMORÉ: CLUBES PEQUENOS, CLUBES MIDIÁTICOS

“O gol é o orgasmo do futebol e, assim como o orgasmo, é cada vez menos frequente na vida moderna” (GALEANO, 1995, n.p.). Por muito tempo se tratou o futebol, principalmente no que atravessa a dinâmica do torcer, como um espaço onde a identidade operava da forma mais rígida possível. É comum a fala de autores, considerados clássicos nos estudos sociais sobre o esporte em questão, como por exemplo Roberto DaMatta (1994), de que no Brasil se poderia trocar de esposa, de partido político e até mesmo de gênero, mas jamais de time. O que temos observado ao nos debruçarmos sobre os pequenos e médios clubes de futebol (quando tange o nordeste do país até mesmo nos times grandes locais) é que essa identidade opera de forma mais fluída e compartilhada. Não atoa hoje encontramos alguns estudos que tratam do que pode ser chamado de “bifiliação clubística” (VASCONCELOS, 2011) ou, pejorativamente, o que alguns torcedores militantes tratam como “misto”.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 1997, p. 7)

No futebol também se pode pensar acerca dessas identidades tidas como sólidas. Afinal, é comum, incluso propalado pela mídia “futebolera” e por diversos autores estudiosos do tema, que a identidade torcedora é algo inegociável. Mas, na prática, o fã de futebol e a sua adicção por um ou mais clubes pode se mostrar bem intercambiável. Em momentos de torneios regionais, geralmente no início do primeiro semestre, é comum torcer e acompanhar a vida do clube de sua cidade (e/ou bairro) e, nos momentos mais decisivos dos campeonatos e torneios nacionais como a Copa do Brasil e o Brasileirão, torcer e vibrar com o clube grande

do seu estado e/ou de outros localizados mais ao “centro” econômico do Brasil. É possível dizer que esse sentimento de *misto* poderia “abalar” alguns dos argumentos, como do torcedor estável que jamais troca de time ou que torce apenas para um apresentado acima por Roberto DaMatta (1994). Ou como o teórico cultural e sociólogo jamaicano (HALL, 1997, p. 7) afirma, falando sobre a identidade na pós-modernidade: “abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Sem esquecer, claro, que “o próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo” (HALL, 1997, p. 8).

Nos anos de 2014 e 2015, realizamos um pré-campo em jogos da equipe alvi-azul em seu estádio, observamos jogos do Campeonato Gaúcho, à época disputando a Série A1 (primeira divisão), e da Copa FGF, a Copinha. Este pré-campo nos mostrou algumas peculiaridades da prática torcedora nos jogos do Aimoré, bem como algumas categorias nativas de classificação e imagens “idealizadas” de cidade e pertencimento comunitário. Para a pesquisa em tela partiremos dessas observações para pensar a dinâmica das escalas entre o Futebol Menor (Clubes Pequenos) e o Futebol dos Clubes Midiáticos.

Entendemos neste trabalho o universo que cerca os pequenos clubes de futebol (os times não midiáticos) a partir das elaborações do filósofo francês Gilles Deleuze (1997) acerca do que ele chama de uma *literatura menor*. No nosso caso, do futebol, os times menores são aqueles que – *normalmente* – disputam segundas e ou terceiras divisões, limitando-se geralmente as competições locais e regionais, esquadras na prática muito distantes dos holofotes da mídia e das importantes relações de jocosidade (rivalidade) com torcedores de outras equipes de futebol. É prática entre os torcedores desses *pequenos clubes* buscar a produção de rivalidades com outros clubes, na maioria dos casos, que são ignorados por eles²¹.

Durante a pesquisa citada priorizamos a observação e o – posterior – relato etnográfico de duas partidas específicas: a primeira delas realizada em uma quarta-feira à noite, com um baixíssimo número de torcedores e a segunda partida em um sábado à tarde que fechava a temporada aimoresista de jogos no Cristo Rei pelo campeonato gaúcho de 2014. A partir destas observações foi possível perceber algumas das estratégias da prática

²¹ Cito aqui o curioso caso da torcida do Esporte Clube XV de Novembro, time da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo da região de Campinas, e da Associação Atlética Ponte Preta, clube campineiro. O XV de Piracicaba busca em sua narrativa, a partir da sua torcida e da mídia piracicabana, construir uma rivalidade com o time da cidade “vizinha”, rivalidade essa ignorada pela macaca (apelido da A.A. Ponte Preta). O XV que se limita a disputar e tentar se manter na Série A do Campeonato Estadual Paulista não se compara a Ponte Preta, a qual luta para estar sempre entre os 20 maiores e mais importantes clubes do Brasil (jogando a Série A do Brasileiro). Para os torcedores ponte pretanos a rivalidade por sua vez se dá com times maiores, como o Sport Club Corinthians Paulista.

torcedora de um pequeno clube gaúcho. Observações e apontamentos estreados que, como citado anteriormente, tem por objetivo dar um *start* nas questões levantadas nesta pesquisa. Notamos, nos jogos referidos, que os torcedores aimoresistas estão marcados de início pelo ethos da idade. Uns buscam assento, sombra e lembranças de décadas passadas, enquanto outros querem permanecer em pé, cantar, apoiar a equipe e fazer projeções para as décadas vindouras. Como categorias nativas, construídas pelos próprios torcedores da Los Reyes, temos “os modinhas” e “os que cantam”²². A pergunta feita então foi: serão os modinhas realmente torcedores que estão ali por moda? E serão os que cantam realmente torcedores exclusivos da equipe leopoldense? As duas categorias, que dividem superficialmente o estádio em dois, dão conta de delimitar diferentes estratégias torcedoras tornando aparente uma terceira categoria, esta construída e aplicada de uma forma mais aberta, que se relaciona diretamente com a maneira de se portar diante do resultado final da partida: os amargos. Para os aimoresistas da *Los Reyes del Barrio*, os amargos são aqueles que não suportam resultado diferente ao da vitória, os quais em momentos menos privilegiados criticam a equipe e vão aos jogadores. Os torcedores jovens, quase todos entre 15 e 20 anos de idade, da *Los Reyes* são também os que produziram a cultura de que somente camisetas do time da casa são bem-vindas ao estádio. Podemos notar, na segunda partida, um senhor que vestia uma camisa do Grêmio de Porto Alegre ser “convidado”, aos gritos de “anti-grenal, pau no cu da capital” a tirar a mesma.

Pretende-se, a partir desse pré-campo, verificar as consequências do discurso e das classificações nativas, bem como das estratégias torcedoras desenvolvidas em um pequeno clube inserido na escala metropolitana, no que se refere a ideia de, e o pertencimento na, cidade. Além de um acirramento discursivo, jocoso e preconceituoso, na relação com a geograficamente próxima capital do estado. Sabendo que “torcer é uma forma de participação política bastante peculiar” (DAMO, 2001, p. 88) cabe a nós:

Abordar o ‘pertencimento’ e as atitudes decorrentes deste vínculo desde o ponto de vista estético implica reconhecer nas manifestações dos torcedores – das falas, gestos, vestuário, etc. – certas mensagens cuja decifração, em termos de forma e conteúdo, permite-nos acessar alguns conflitos subjacentes à dinâmica social. Ou seria mero casuismo o fato de os clubes de futebol no Brasil estarem, via de regra, identificados em pares de contrários do tipo elite/popular, branco/negro, centro/periferia, grande/pequeno, entre outros?

²² O estádio do Cristo Rei pode ser “dividido” a partir de sua ocupação em três espaços principais. Assentos cobertos na lateral do campo, barranco de terra atrás de um dos gols e arquibancadas gerais do outro lado do gramado. Em geral são, idosos, famílias e crianças que ocupam as cadeiras cobertas, os chamados *modinhas* pela barra brava do Aimoré, enquanto os jovens torcedores da *Los Reyes* encontram-se de pé: batendo palmas e cantando (o que chamam de *alentar*).

Ou ainda, no caso por nós analisado interior/capital. Dentro de toda esta complexidade, o que podemos entender como imagem narrativa de São Leopoldo e do habitante capilé na relação com o Aimoré e com a, conseqüente, produção de uma cultura torcedora na dinâmica cidade-clubes e clubes-cidade. Afinal, como afirmam frases comumente proferidas por torcedores no estádio, nas ruas leopoldenses e ou nas redes sociais “meu time, minha cidade” e “o Aimoré é São Leopoldo de chuteiras”.

Cabe destacar que temos ciência das relações complexas entre história/arquivo e antropologia/etnografia. Como afirma Cunha (2004, p. 292): “a identificação da pesquisa em arquivos com as práticas antropológicas, entre elas a pesquisa de campo e a produção de etnografias, permanece sendo alvo de tensão”. Mas acreditamos que essa relação, mediada pela cartografia, pode render bons frutos no processo de entender nosso objeto de pesquisa no período investigado – de 2006 ao tempo presente.

Sabendo ainda que o presente trabalho toma a imprensa – a partir da leitura de jornais locais e da mídia alternativa e militante – como fonte primária de pesquisa histórica caberá a nós seguir os passos da já bastante trabalhada metodologia de “pesquisa em jornais”. Partimos assim, sobretudo, dos apontamentos tratados pela historiadora brasileira Renée Barata Zicman (1985) em seu texto, hoje clássico, *História através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. Onde de maneira assertiva, já na primeira página, a autora deixa claro de que vai tratar: da pesquisa e escrita da “história através da imprensa” onde engloba “os trabalhos que tomam a Imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica” (ZICMAN, 1985, p. 90). E, para entender “as características do jornalismo gaúcho”, principalmente “entre as décadas de 1920 e 30”, nos debruçaremos no artigo da historiadora gaúcha Daniela Maria Weber (2012) intitulado *Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através D'O Paladino*. Os cuidados com a leitura e análise das fontes, jornal impresso e mídia em geral, se faz necessário, uma vez que “a imprensa vem carregada de ideias e, portanto, suas matérias podem ser consideradas representações simbólicas de uma época, de um contexto” (WEBER, 2012, p. 12).

3.4 FUTEBOL, CIDADE, MÍDIA, MODERNIDADE

O futebol consegue cumprir com a função de acimentar relações frágeis e dar coesão a grupos formados por diferentes/por estrangeiros. “Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo” (SEVCENKO, 1994, p. 35) e era a nova paixão que operava como instrumento irmanador. Estranhos de diferentes origens, de hábitos distintos e muitas vezes de línguas alheias, se filiavam às mesmas cores. Se por um lado o futebol cumpre a função de um código de integração social (DAMATTA, 1994), torcer e ou participar – mesmo como espectador – dos finais de semana de *peleja*, proporcionados pelos campeonatos regionais e nacionais, pode, por outro, trazer consequências significativamente desagradáveis quando imaginadas na realidade de uma cidade com as dimensões e os contrastes de São Paulo (caso ponderado pelos autores supracitados). Uma dessas consequências é a violência que pode atingir até mesmo um desavisado cidadão que esteja usando uma camisa de um determinado clube em um momento que passe por ele um grupo de torcedores rivais.

É preciso, dessa forma, conhecer os códigos e as condutas para tentar “sobreviver”. Pensamos neste momento nas torcidas e nos torcedores dos clubes do Corinthians, São Paulo e Palmeiras, na capital, e Santos na baixada santista. Ou ainda, Grêmio e Internacional em Porto Alegre e região metropolitana (espaço por onde circulam os torcedores do Aimoré). Há contemporaneamente duas categorias de torcedores quando pensamos nos grandes clubes: os *organizados* e os *comuns* (TOLEDO, 1994). Como é de se imaginar, os primeiros são justamente os que compõem as agremiações organizadas das equipes.

As Torcidas Organizadas (T.O.) são agremiações que se constituem com o intuito de participar ativa, estética e politicamente da vida clubística a partir das arquibancadas do estádio. As T.O., como conhecemos hoje, são fenômenos que têm como marco histórico de surgimento o final da década de 60 e o início da década de 70 (TOLEDO, 1994). Elas se aglutinam por trás das cores do clube que defendem, se organizam como pessoa jurídica, com sede, loja, artigos e produtos especiais, e muitas vezes exclusivos para os sócios. Esta forma de torcer, através de grupos organizados que buscam visibilidade e legitimidade, é algo peculiar do futebol brasileiro. Diferem das *barras-bravas*, oriundas de outros países latino-americanos, dos *hooligans* ingleses e dos denominados torcedores *ultras* do futebol italiano. Entretanto, é possível observar em alguns clubes brasileiros uma “nova” forma de torcer,

prática esta de inspiração portenha e denominada de *barra-brava*²³. No Brasil temos duas importantes e precursoras torcidas influenciadas diretamente pela forma de torcer de nossos vizinhos argentinos e uruguaios. Falamos da *Geral do Grêmio* como *barra* de maior expressão, tanto pelo tamanho do clube como pela numerosa torcida, e a pequena, e não menos inovadora em solo nacional, *Barra do Setor 2* nos jogos do Clube Atlético Juventus²⁴ da Mooca (São Paulo, SP). Uma importante característica dessa forma de *hinchar* das *barras bravas* é o estabelecimento de narrativas muito agudas de pertencimento territorial a zona do clube a que se torce. O Aimoré por sua vez não passou longe dessa “nova” forma de alentar. No ano de 2006 surge pela primeira vez nos jogos do time leopoldense a *Los Reyes del Barrio*, torcida de orientação *barra brava* e que a cada ano se solidifica um pouco mais. Hoje é presença certa em qualquer jogo do Aimoré, em casa ou como visitante. Pretendemos também nos ater nesse novo fenômeno torcedor denominado *barra brava*, buscando contribuir para a compreensão das diversas formas de torcer nas partidas em que o Aimoré entra em campo, além das questões de escala entre grandes e pequenos clubes e de suas práticas torcedoras e de pertencimento ao “lugar”. Dentro dessas escalas e desses rituais torcedores “como” se constitui a eleição clubística bem como a narrativa e a imagem de cidade, é uma pergunta norteadora. Sabendo, como afirma Daniel Lins (2004, p. 86), que “há uma produção imanente indeterminada, não refletida, mas sentida, situada para além da estrutura consciente do futebol”. Tentaremos “apreender” essa experiência possível. De como o futebol, e todo o universo que o envolve, contribui para a criação de uma identidade e de uma localidade (urbana, moderna). Similar ao que nos aponta Archetti (1998, p. 280) em sua pesquisa sobre território e pertencimento no futebol argentino:

²³ As *barra-bravas* ou simplesmente *barras* são organizações torcedoras latino-americanas encontradas principalmente nos países de língua hispânica, as quais se diferenciam das organizações de torcedores brasileiros classicamente agrupados nas já conhecidas T.O. As principais características para a diferenciação entre *barras* e T.O. são estéticas, mas obviamente constituem-se também de particularidades no plano cultural, simbólico, e organizacional. As torcidas denominadas *barra-bravas* possuem uma elevada preocupação estética em seus desempenhos. Elas se caracterizam por dois itens principais que se fazem presentes nos estádios: os *trapos* e os *tirantes*. Os *trapos* são panos, no formato de bandeiras, geralmente pintados a mão pelos próprios torcedores com dizeres de apoio ao time, de alusão à história do clube e ou de personagens importantes, ou ainda em referência à localização geográfica de moradia dos torcedores. Já os *tirantes* são pedaços de panos, nas cores do clube, que se estendem por cima das arquibancadas e em posição perpendicular às mesmas.

²⁴ O Aimoré, mesmo se constituindo como uma equipe de pouca expressão no futebol nacional, é protagonista de uma forma nova de torcer no Brasil. Depois de algum período de ociosidade da *Torcida Jovem do Aimoré*, a T.O. do clube de São Leopoldo, alguns torcedores começam a se agrupar nas arquibancadas descobertas laterais para apoiar o time. De notado entusiasmo estético, oriundo das torcidas dos clubes de futebol argentino e uruaio, eles começam a se autodenominar como a *Los Reyes del Barrio*: alcunha em alusão ao bairro que empresta o nome ao estádio (Bairro Cristo Rei). Para ter uma melhor noção da estética, tanto visual como sonora, da barra brava em questão recomendamos o vídeo *Apoio incondicional ao clube do coração* da Beta Redação (APOIO..., 2019). O vídeo é um apanhado de momentos da torcida: preparativos antes da partida, entrada no estádio, alento durante o jogo etc.

En un escenario global donde los productos de localidades y sus identidades son supuestamente cada vez más difíciles de discernir y donde se supone que la vida cotidiana de los individuos es cada vez más transnacional y diaspórica, los hinchas y periodistas deportivos argentinos se dedican construir mundos locales.

Acerca da mídia e da relação dessa com as cidades e os seus times de futebol, contribuindo ou não, para a construção de uma ligação entre o torcer pelo time e o viver a cidade, o torcer pelo time como uma forma de militar pela cidade que abriga o clube e o torcedor, cumpre citar o trabalho de pesquisa de Helcio Ribeiro Campos (2018) sobre o torcer em cidades da região da Mata Mineira. Mais especificamente sobre a cidade de Muriaé e a tensão entre torcedores do time local, o Nacional Atlético Clube, e torcedores do time do estado vizinho, São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista. Nesse trabalho o geógrafo Ribeiro Campos delimita o que ele chama de clubes pequenos. Conceituação que vai de encontro com o que pensamos e abordamos neste texto como *futebol-menor*. Para Campos (2018), a saber, os clubes pequenos são via de regra de cidades do interior do Brasil. Um ou outro podem ser localizados em cidades capitais, como é o caso do Clube Atlético Juventus no bairro da Mooca em São Paulo, do Esporte Clube São José no bairro Passo d'Areia na Zona Norte de Porto Alegre e, ainda, também em Porto Alegre, o Esporte Clube Cruzeiro (popularmente conhecido no estado do Rio Grande do Sul como *Cruzeirinho* ou, ainda, Cruzeiro de Porto Alegre). Nesses casos citados, ambos são clubes ligados muito mais ao bairro e a vida comunitária nesses pequenos recortes do que a cidade em si.

Outro aspecto importante da pesquisa do professor Campos (2018) é acerca das opções de filiação clubística operarem como uma ressonância das opções por cidades. Segundo ele, “quando o torcedor opta por um clube, opta ainda por uma cidade (a 'sua' ou outra), um mercado que beneficiará, uma circulação que incentivará etc” (CAMPOS, 2018, p. 2). A partir dessa perspectiva poderemos pensar na experiência vivida pelo Senhor Cláudio Bolzan, o qual ao chegar a cidade de São Leopoldo, e identificar-se com ela, faz o movimento de em se tratando de Clube Esportivo Aimoré, clube que representa a sua nova cidade, “abdicar” (em circunstâncias bastante particulares) de torcer para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, seu time de longa data e sua antiga opção primeira. Nesse movimento, ainda pela perspectiva de Campos (2016; 2018), o Senhor Cláudio Bolzan opta por ser torcedor militante em detrimento de ser um “teletorcedor”. Uma vez que acompanhar o Aimoré é poder participar “ativamente” dos jogos e da vida do clube, indo ao estádio observar os treinos por exemplo. Por sua vez, permanecer na opção de torcer pelo Grêmio de Porto Alegre é manter o

exercício de “teletorcer”, ou seja, acompanhar o time e as informações do plantel e dos demais acontecimentos clubísticos apenas pela tela da TV.

Olhando mais de perto as variadas práticas do *torcer* presente nas arquibancadas brasileiras, Campos e Toledo (2013), em trabalho conjunto, apresentam o que chamam de “bifiliação clubística” ou o que é comumente chamado, entre os torcedores militantes, de “torcedores mistos”. Os dois apresentam um caso específico encontrado na torcida do *Ceará Sporting Club* (1914). O lema de sua T.O., a *Cangaceiros Alvinegros*, é “Orgulho de ser nordestino”, frase que foi criada justo para polarizar com uma prática comumente encontrada nos estádios dos estados do nordeste brasileiro: a chamada “bifiliação clubística”, ou seja, torcer para um clube local e para um clube “maior” da região sudeste, sobretudo do eixo Rio-São Paulo. Quando os pesquisadores questionam um dos diretores da T.O. do *vovô* (apelido do time do Ceará) acerca dos mistos o que escuta é: “Você já viu algum paulista ou carioca torcer pra time do Nordeste? Então por que eu vou torcer pra time do Sul?” (CAMPOS, TOLEDO, 2013. p. 128).

Nesse ponto a questão da escala também se apresenta para nós: é comum na antiga Província de São Pedro do Rio Grande do Sul encontrarmos, pelo interior, pessoas que torcem pelo clube de sua cidade, como o Aimoré, e mantêm um amor por um dos dois “grandes” da capital, os quais podem acompanhar em torneios nacionais e internacionais (Campeonato Brasileiro, Libertadores da América etc). No entanto, é muito pouco provável encontrar um torcedor porto-alegrense, seja ele gremista e ou colorado, que acompanhe e torça, mesmo que em segundo grau, para um dos tantos times espalhados pelo do interior do estado.

O que fica evidente até aqui é que o torcer nos estádios brasileiros, e em São Leopoldo não é diferente, tem se configurado a partir de opções políticas (identitárias, estéticas) conflituosas. Que a “simples” escolha por torcer pelo time local (da sua cidade e em alguns casos do seu bairro) em detrimento de um “grande” ou ainda ser um torcer “misto”, acompanhando dois, ou mais, clubes simultaneamente, não é tao pacífica assim como externamente a este universo se poderia pensar. Existem conflitos dentro dos estádios, nas redes sociais (em páginas e grupos destinados aos clubes, as suas torcidas e a formas específicas de *alentar*) e nos diversos espaços, como os bares e similares, de sociabilização dos torcedores por conta de suas escolhas e práticas de estímulo as agremiações.

A partir de uma das definições de modernidade propostas por Marshall Bermann (1993) em seu livro, hoje clássico, *Tudo que É Sólido Desmancha no Ar* podemos pensar um pouco sobre as “aventuras” e “alegrias” do torcer. Afinal, para Bermann (1993, p. 15):

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça de destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Ser um torcedor, sobretudo ser um torcedor militante/organizado (ou ainda: os profissionais na prática do torcer), é de alguma forma transitar nesse limiar: da alegria, da aventura e ao mesmo “tempo da ameaça de destruir tudo o que temos”. Não atoa os estádios de futebol, principalmente nos grandes centros urbanos, são associados *esquizofrenicamente* a alegria e a violência, dependendo apenas da necessidade dos grandes meios de comunicação. Já que, ao fim e ao cabo, a modernidade, ou melhor: o capitalismo moderno, contemporâneo, na interpretação do filósofo esloveno Slavoj Žižek (1999) é o desenho da contradição esquizofrênica. Ou, ainda, acerca da obrigação do alegrar-se, onde o futebol como uma empresa do espetáculo pode imiscuir-se:

o paradoxo necessariamente inverso pelo qual o prazer, numa sociedade supostamente permissiva, se transforma em dever. Os sujeitos se sentem na obrigação de se divertir, de “curtir a vida”, como se isso fosse uma espécie de dever, e, conseqüentemente, se sentem culpados quando não são felizes (ŽIZEK, 1999, p. 7).

Talvez em nosso país o torcer, o estar ligado, ser filiado a uma entidade futebolística seja mais que uma opção: represente “uma espécie de dever”.

Assim resta apontar que, talvez seja apenas o torcedor (nas suas variadas formas de se comportar e se situar) que dentro da lógica do espetáculo e do mercado que penetram o futebol profissional (mesmo o dos pequenos clubes) se coloca de forma emocionalmente comprometida. Uma vez que “aderindo a essa lógica empresarial, os clubes passaram a agir como empresas dispostas a negociar jogadores, direitos de transmissão, marca etc. Os clubes movimentam cifras que interferem significativamente na economia nacional e internacional” (BONIN, 2016, p. 187).

Para ilustrar esta situação, de que os torcedores muitas vezes se colocam em relação ao clube, ou seja, atuam além do torcer, cobrando os jogadores, a direção ou mesmo ambos, nos apoiamos em um cântico da *barra-brava* do time colombiano *Corporación Deportiva Independiente Medellín* (1913), conhecido, entre os amantes do futebol, apenas como *Independiente de Medellín*, a torcida chamada de *Rexixtenxia Norte*:

Respeten los colores
Respeten a la hinchada
No sean hijos de puta
No camine em la cancha

*No camine em la cancha
Jugadores de mierda
Jugadores sin alma
Suden la camiseta
Que para eso les pagan.*

Observamos na letra dessa canção que a torcida exige dos jogadores, nesse caso específico, que “*respeten los colores*” da equipe, além dos próprios torcedores, e que joguem com alma. Jogar com alma, ou com *garra*, é também uma característica muito importante no discurso das mais variadas torcidas, e com o C.E. Aimoré e a *Los Reyes Del Barrio* não é diferente. Algo que fica evidente quando os membros da Los Reyes cantam, na música “Vamos, Vamos Índio”, no jogo contra o Juventude pela Série A do Campeonato Gaúcho: “vamos lutar até morrer, seremos campeões” (AIMORÉ..., 2019).

4 UM TIME, UMA CIDADE, VÁRIAS TORCIDAS

O futebol pode nos ajudar a entender lugares e regiões, compondo uma teoria peculiar da globalização.

(Franklin Foer)

Podemos começar o segundo capítulo do nosso trabalho, acerca da relação entre um time, o Aimoré, e uma cidade, São Leopoldo, lembrando o ano de 1996. Recorremos aqui a um artigo escrito a quatro mãos por dois estudantes de jornalismo, a época de 2011, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a Unisinos, e intitulado de “E.C. Aimoré: a glória e a queda do índio capilé” (NABINGER; PILZ, 2011a). Nesse texto os dois acadêmicos, Felipe Nabinger e Jonas Pilz, comentam sobre a representatividade do time, por conta de sua força nos gramados e da torcida nas arquibancadas, levando o nome da cidade pelos quatro cantos do “estado de todos os gaúchos e gaúchas” (NABINGER; PILZ, 2011a). Onde definem o C.E. Aimoré, da época anterior a 1996, assim:

Um índio guerreiro que defendia seu território. Era temido e respeitado por aqueles que entravam em suas terras. Fazia frente contra os poderosos e antagonizava com forasteiros da Capital. Parece a sinopse de filme hollywoodiano de faroeste, onde muitas vezes o índio é o vilão, mas em síntese é um pouco da história do Clube Esportivo Aimoré (NABINGER; PILZ, 2011a).

E seguem afirmando que “o clube de São Leopoldo, hoje (2011) na terceira divisão do futebol estadual, já enfrentou os poderosos Grêmio e Internacional de igual para igual” (NABINGER; PILZ, 2011). Entretanto o ano já citado de 1996 se fez presente, e com ele uma série de eventos se fundiram culminando com o fechamento dos portões do Estádio Monumental do Cristo Rei para o futebol profissional. Fato esse descrito pelos nossos autores da seguinte maneira:

Em 1996, por causa de problemas financeiros e sem conseguir formar times competitivos, o Aimoré deixa de disputar competições profissionais. O futebol no clube fica restrito aos times das divisões de base. Essa realidade perdura até 2006, quando o Índio Capilé volta para a disputa da Segundona (NABINGER; PILZ, 2011).

Esse momento inicial serve para mostrar, a partir das palavras de dois estudantes de jornalismo, os quais são cidadãos leopoldenses e torcedores do índio capilé, de como o time do Aimoré se colocava como um dos importantes representantes da cidade até o ano de 1996, antes do afastamento do futebol profissional (ausentando-se também, dessa forma, da mídia). Mas, sabendo que o nosso recorte de pesquisa é do ano de 2006 para frente

(até o momento), da oportunidade em que o nosso time alvi-azul retorna aos gramados para a disputa de partidas profissionais queremos pensar em como “um time, uma cidade” podem produzir várias formas de torcer.

Cabe destacar que a expressão “um time, uma cidade” é uma frase comum no universo dos torcedores militantes, principalmente dos que estão filiados a pequenas (e não midiáticas) agremiações: como é o caso do Aimoré e de algumas de suas torcidas, como a *Los Reyes del Barrio*. A barra-brava dos pibes da *Los Reyes* levou ao ar, por suas redes sociais, a campanha “um time, uma cidade” com o propósito de incentivar a relação da cidade com o clube, no caso dos leopoldenses com o Aimoré. Com a frase “seja sócio e ajude o clube da sua cidade” os torcedores da *Los Reyes del Barrio* se somam a essa ideia (e ideal).

Um exemplo, nesse sentido, é a torcida curitibana Gralha Marx (2013), do Paraná Clube, que divulgou em suas redes sociais a campanha “não ao futebol moderno”. O agrupamento, ainda de pouca expressão no Estádio Durival Britto e Silva (Vila Capanema), Gralha Marx, de orientação *barra-brava* e que se assume como uma “Torcida Paranista de Esquerda”, tem como uma de suas ideias propalar sobre a necessidade da cidade estar ligada ao clube (e vice-versa) também insiste na afirmação: “ame o clube, não o resultado”.

“Não ao futebol moderno/*No al calcio moderno*” (O VINHO..., 2019)²⁵ é também um princípio ideológico da torcida *barra-brava* Setor 2, do time do Juventus do bairro da Mooca, da cidade de São Paulo. A mesma torcida que carrega uma faixa com a seguinte frase: “um amor sem divisão”, defendendo que não importa se o “Juve”, como é chamado com carinho pelos torcedores, estiver jogando uma primeira, segunda e ou terceira divisão, afinal, para os que defendem o “futebol das antigas” (contrário ao “futebol moderno”) o que importa é estar no estádio e ver o seu time jogar. Pois como a própria torcida Setor 2 canta “ganhando ou perdendo já não interessa, te sigo chapado bem loco da cabeça”.

Mas não são só as torcidas organizadas e as *barras* que buscam capitalizar o lema aqui abordado. A direção de um jovem time do Norte do Paraná, o Maringá Futebol Clube (2010) também lançou mão do mote e em janeiro de 2019 levou ao ar, em um vídeo publicitário divulgado por várias redes sociais, e ainda disponível no YouTube, a campanha “Maringá: mais que um time, uma cidade!” (MARINGÁ..., 2019). Time este que em sua página na internet, em texto que conta a sua recente história, uma vez que criado a menos de uma década, afirma que “foi fundado com o objetivo de se tornar o clube do povo, resgatando a tradição do futebol local pelas mãos de maringaenses natos” (MARINGÁ..., [20--]). O

²⁵ A música “*O Vinho e a Pedra que Trago na Mente*” da barra do Setor 2 pode ser ouvido, em gravação disponível no seguinte endereço do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=HJRKb86aOxw>

curioso, que cabe salientar, do vídeo é o momento em que uma locução em *off* afirma que “não importa a sua outra camisa, nem a sua segunda cidade”. Essa afirmação parece justo o oposto do objetivo de torcidas como a *Los Reyes del Barrio* (e a Gralha Marx) quando levantam o bordão “um time, uma cidade”. No caso dos torcedores do Aimoré aqui abordados seria a ideia de que um leopoldense só poderia torcer para um time da sua cidade natal. Nesse caso ter uma segunda camisa (ou primeira) importa e muito, pois se configuraria como torcedor misto.

Em questão ao resultado, onde o amor as cores do clube deve se sobrepor ao desfrute de uma vitória, é comum nas páginas em redes sociais, como no caso aqui relatado do *Instagram*, postagens com esse teor. No final do ano de 2019, o Aimoré buscava uma vaga para a semifinal da Copinha (Copa RS, com vagas para a Copa Do Brasil e Série D do Campeonato Brasileiro em disputa) contra o São José de Porto Alegre. O time de São Leopoldo não obteve êxito, mas sua torcida *barra* não esmoreceu. Segundos após a derrota levava ao ar o seguinte *post*: “infelizmente a classificação não veio, mas estamos juntos até o fim!!! Tudo pelo Clube Esportivo AIMORÉ!!” (LOS REYES...., 2019).

As redes sociais das torcidas, e a página LRDB_oficial²⁶ não seria diferente, é também espaço para postarem suas audácias e pequenas afrontas sociais (digamos assim), as quais entre o universo das torcidas é motivo de orgulho (distinção). Uma dessas afrontas, ou quebra de regras, urbanas é o “surf” em ônibus. Em uma postagem na página, a pouco citada, da rede social *Instagram* LRDB_oficial podemos ver uma foto de um jovem da *Los Reyes* de pé em cima de um carro da empresa de transporte coletivo Viação Feitoria (empresa de transporte público que opera em São Leopoldo) com a seguinte legenda: “É o surf na capital!!!”. Acerca da prática de surfe em ônibus poderíamos comentar sobre uma série de torcidas (sejam barras e ou T.O.) que praticam e postam suas “façanhas”, mas apenas para ilustrar mencionamos um vídeo de um canal de YouTube direcionado a torcedores de futebol que aborda o tema. Nos referimos ao canal *Papo de Mineiro* e a um vídeo postado no dia 20 de julho de 2014, o qual segue acessível no endereço no YouTube (SURF..., 2014).

Além do sentimento de apego a cidade, ao território, cantado pelas torcidas *barras* pode-se ouvir também letras de músicas que cultuam a tradição (ou mesmo, de forma indireta, a família). Podemos recorrer aqui ao cântico “Ladrão da minha vida” da *barra-brava* da S.E.R. Caxias, time da serra gaúcha e um dos rivais do Aimoré em certames estaduais. A letra fala que:

²⁶ Instagram oficial da *barra-brava* dos *Los Reyes del Barrio*.

Sempre vou lembrar daquele dia,
 Que aprendi com meu pai,
 Amar a S.E.R. Caxias e herdar,
 A luta, a bravura e a esperança,
 O seu sangue grená, jamais abandonar!

Demonstrando assim, em termo ideias, que torcer é algo que deveria ser herdado, aprendido e que jamais se poderia abandonar. Ou, como se pode ler (e aprender?) no hino do Aimoré, o “clube” precisa ser o “do meu coração” e os seus seguidores, por ele, o time, devem estar “sempre de pé”.

Figura 3 – AIMORESISTAS: maior patrimônio



Fonte: CE_AIMORÉ Índio Capilé. São Leopoldo. 18 fev. 2016. Instagram: ceaimore. Disponível em: <https://www.instagram.com/ceaimore/> Acesso em: 01 fev. 2018.

Na Figura acima vemos um torcedor bastante conhecido para quem tem algum contato com o Aimoré e a sua história recente: Sandro Cardoso, 45 anos, professor da rede municipal de ensino, torcedor e ex-dirigente do clube índio de São Leopoldo (NABINGER; PILZ, 2011a). Sandro é um dos típicos casos, de modelo ideal de torcer, que se espera encontrar em um clube de futebol: aprendeu a torcer e a cultivar as cores do índio capilé desde o berço. Ele é um dos filhos de um dos torcedores, e também ex-diretor do clube, mais conhecidos e reconhecidos nas últimas décadas do Aimoré. As inúmeras matérias na mídia local dão cabo disso. Para tanto, podemos citar aqui a reportagem documental levada ao ar, e disponível no site do YouTube, originalmente em 2010 pela TV Unisinos chamado de “Família Cardoso, uma paixão” (AIMORÉ..., [20--]). O documento foi exibido dentro do programa *Quebra-cabeça*, em reportagem assinada pelo, na época, estudante de jornalismo Felipe Nabinger (hoje um conhecido repórter esportivo gaúcho, trabalhando em grandes

meios de comunicação). Ou, em reportagem mais recente, do ano de 2019, assinada pela estudante do último ano da graduação em jornalismo da Unisinos, Juliane Kerschner. No caso, para a página experimental do curso de jornalismo da Unisinos, a Beta Redação, onde se fala, agora, do filho de Sandro Cardoso, o jovem “piá” de 13 anos Frederico Cardoso, que segue os passos do pai e do avô, em matéria intitulada como “Paixão pelo Aimoré passa de pai para filho” e a qual leva o sugestivo subtítulo de “No coração da família Cardoso não há espaço para Grêmio ou Inter” (KERSCHNER, 2019). Reportagem essa onde, o Senhor Cardoso, o pai e o avô aimoresista, arremata:

Meus filhos não tinham como ir para outro caminho. São todos Aimoré. Até quando o clube fechou as portas por nove anos, de 1998 a 2006, nenhum deles passou a torcer para outro time. Foi triste demais não ver o azulão jogar e estou velho demais para escolher outro time. Agora, vejo meu neto Fred jogar futebol na escolinha e o pequeno Gabriel, meu netinho mais novo de cinco anos, vestido com o nosso manto. É muito orgulho (KERSCHNER, 2019, n.p.).

4.1 ÍNDIO CAPILÉ: O CLUBE ESPORTIVO AIMORÉ (1936) E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS, PARTICULARIDADES E PECULIARIDADES

Na quinta-feira 26 de março de 1936, data já citada anteriormente, nascia na cidade de São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul mais um entre tantos outros times de futebol que já chutavam e defendiam bola pela região do Vale do Rio dos Sinos. O nascimento de um clube esportivo, principalmente ligado ao futebol, não era algo extraordinário na época. Pelo contrário, era justo o momento em que o futebol, enquanto prática esportiva e espetacular, despontava no país e ganhava popularidade crescente (SEVCENKO, 1994). Então, não seria diferente na cidade em tela. Período em que, entre outros, a cidade contava com uma série de clubes futebolísticos, todos já extintos, entre eles: Grêmio Atlético Estudantes ([19--]), Sport Club Nacional (1915)²⁷, Grêmio Sportivo Leopoldense (1926), Atlético Oitavo B.C. (1936)²⁸. Como destacam os historiadores, responsáveis pela pesquisa

²⁷ No ano de 1915 nascia na cidade leopoldense o Sport Club Nacional, com a grafia em inglês, em 1944, período da 2ª Guerra Mundial, o time muda o seu nome, aportuguesando, para Esporte Clube Nacional. No dia 10 de janeiro de 1954, fruto de uma fusão com o Grêmio Sportivo Leopoldense (1926), surgia o Grêmio Esportivo Nacional. O G.E. Nacional tem atualmente algumas atividades ligadas ao futebol de base e cultiva o sonho, segundo sua atual direção, de voltar ao futebol profissional. Por ocasião dessa pesquisa trocamos algumas mensagens de correio eletrônico, e-mail, com o atual presidente do clube, o senhor Wilmar Martins da Silva, e com o diretor de futebol, o senhor Pedro Orlando Velásquez, os quais comentaram acerca dos trabalhos realizados na diretoria pelo retorno do time. Até o momento que escrevemos esse trabalho, dia 18 de fevereiro de 2020, não temos nenhuma informação a respeito de qual vai ser a realidade do clube, profissionalmente falando, no ano que corre. Incluso consta como clube Licenciado no quesito Competição na página da “enciclopédia livre” Wikipédia dedicada ao clube. As informações oficiais do clube são divulgadas na sua página na rede social FaceBook (GRÊMIO..., [20--]).

sobre a introdução dos clubes de futebol na cidade de Novo Hamburgo-RS, Prodanov e Fernandes (2011, p. 100):

A década final do século XIX e a primeira metade do século XX foram marcadas pela introdução e consolidação do futebol no Brasil, assim como no Rio Grande do Sul. Nesse momento, ocorreram as fundações dos primeiros clubes específicos para a prática da nova modalidade esportiva, que foi introduzida no Brasil por ingleses no último quartel dos oitocentos.

No verão de 2018, mais precisamente no mês de janeiro, o time do Aimoré debutou em uma competição nacional. Em 82 anos de existência era a primeira vez, em um jogo válido pela Copa do Brasil, contra o jovem time do Cuiabá Esporte Clube (2001), que o Índio Capilé recebia em sua casa um time oriundo além da divisa estadual. O jogo acabou em 2 a 1 para os visitantes e o sonho local, de “fazer história” nas palavras do técnico Arilson Costa, de seguir na competição acabara ali. Caso passasse de fase, o Aimoré receberia em casa o time carioca do Botafogo de Futebol e Regatas (1904), e é a este jogo que poderia ter ocorrido, e que não ocorreu, que o treinador se refere como “histórico”. Enfrentamento que realmente agitava o *devir* aimoresista na cidade.

A partida contra o time da capital do estado do Mato Grosso foi mote de matéria no programa Globo Esporte RS, levado ao ar pela RBS TV, no dia seguinte: dia 1º de fevereiro do ano aqui tratado. E claro que a Dona Alaídes, uma torcedora histórica e símbolo do Aimoré, além de uma inusitada moradora da parte de baixo das arquibancadas do estádio, a qual logo abaixo vamos tratar, esteve presente na reportagem da retransmissora local da Rede Globo. A senhora Alaídes, na oportunidade toda fardada com as cores do Aimoré, recorda ao repórter Júlio César Santos que no mesmo gramado em que transcorria o jogo ela já havia, há muitos anos, sido a responsável pela marcação de linhas em campo com cal, antes do advento de tintas especiais para tal traçado.

Como já falado aqui o Aimoré trancou seus portões por um período de quase uma década: licenciando-se do profissionalismo entre 1997 e 2006. Após o retorno foi preciso um tempo de acomodação do clube com a população da cidade.

Essa reaproximação do C.E. Aimoré com a comunidade, após a lacuna de quase uma década licenciado na F.G.F., não foi simples. Seu retorno aos gramados foi para a realização

²⁸ C.E. Aimoré e Oitavo B.C. se filiaram na Federação Riograndense de Desportos, equivalente a atual FGF (Federação Gaúcha de Futebol), aderindo ao profissionalismo, ao mesmo dia, em comitiva conjunta dos diretores das duas equipes. Luiz Weinmann, presidente índio capilé, e o Tenente Marcelino da Costa Leite, diretor da equipe militar. A matéria do Jornal Correio de São Leopoldo (data da matéria) da conta ainda que a partir desse dia a cidade contaria com 4 clubes filiados a entidade máxima.

de jogos do futebol adulto masculino. O torcedor demorou a “acreditar” no futebol do Aimoré, segundo relato de um ex-dirigente aimoresista no documentário *Aimoré - 259 dias* o time do índio “não era competitivo” e dessa feita a “comunidade não se empolgava com o clube”. Um forma humorada da situação foi levado ao ar pelo canal de televisão chamado MTV Brasil. O Aimoré fora “alvo” do quadro “Jogo Duro” no ano de 2008. Programa, “Jogo Duro em São Leopoldo”, da MTV Brasil (JOGO..., [2008]). A peça é uma bem-humorada sátira ao time, da sua situação de momento, do Aimoré e da cidade de São Leopoldo. O narrador, que apresentava o popular, na época, programa “Rock Gool da MTV”, o jornalista de formação (PUC-RJ) e humorista de profissão Marcelo Adnet, não deixa de perceber, nas palavras dele, a “desanimação da torcida organizada do Aimoré”, a qual, segue, “é a única que toca sentada”. A torcida aqui retratada era um embrião do que veio a ser a NJA (Núcleo Jovem Aimoresista/Núcleo Juntos pelo Aimoré)²⁹.

O torcedor Natan Dalprá Rodrigues (2019), inúmeras vezes tratado aqui nessa dissertação, é um dos membros da NJA. No dia 29 de setembro de 2019 ele postou em sua página no *Instagram*, Natan.Dalprarodrigues, uma foto na companhia de uma série de torcedores conhecidos por quem acompanha o índio. A foto dava conta de um encontro do NJA, chamado de *Salchipão*³⁰ NJA, e seguia da legenda: “Ninguém é normal quando decide torcer pelo Aimoré”.

Em matéria no site do Jornal VS, com o título “Aimoré estreia na 48ª Copa São Paulo”, publicada no dia 3 de janeiro de 2017 os leitores puderam ter a notícia de que o NJA, grafado na página *on-line* do jornal como Núcleo Jovem Aimoresista, estaria presente na estreia dos jovens jogadores índios na competição nacional que acontece todo início de ano no estado de São Paulo. Segundo o Grupo Sinos “o clube de São Leopoldo contará com reforços do Núcleo Jovem Aimoresista, o NJA” em seus jogos fora do Rio Grande. Nessa apresentação índia pela *copinha* os seus jogos foram realizados na cidade de São José dos Campos, aproximadamente 100 km da capital paulista.

²⁹ NJA - Núcleo Jovem Aimoresista/ NJA - Núcleo Juntos pelo Aimoré (em uma nota conjunta do NJA e da Rede Índio Capilé no dia 30 de abril de 2018, na página Índio Capilé da rede social Facebook, aparece esse novo significado para NJA).

³⁰ No Rio Grande do Sul é comum encontro entre amigos onde a alimentação, tendo em vista ser econômica, se dá com o chamado *Salchipão*. Que nada mais é que um pão francês (o cacetinho, para os gaúchos) com um salsichão (linguicinha, para os paulistas) assada ao meio.

4.1.1 Dona Alaídes: A Torcedora Símbolo

Voltemos, agora com mais acuidade, a história de Alaídes Haubert: a torcedora que vive nas arquibancadas do Estádio do Cristo Rei. Dona Alaídes, como é mais conhecida, é uma torcedora símbolo do Clube Esportivo Aimoré. Com 95 anos de idade, comemorados no dia 25 de março, um dia antes do clube leopoldense festejar os seus 83 anos (clube que é 12 mais jovem que a torcedora em questão). A senhora Alaídes Haubert vira e mexe ocupa espaço significativo nas páginas da mídia local, como as do Jornal Vale do Rio dos Sinos, por entre outras residir em um lugar pouco comum (entre os médios e grandes clubes de futebol): a sua casa se situa no espaço abaixo das arquibancadas cobertas, a tribuna, do Estádio Monumental do Cristo Rei.

Na quarta-feira, 27 de março de 2019, a torcedora Dona Alaídes foi capa do Jornal VS. Com a chamada “Uma Torcida Com Muita Fé No Aimoré” e a sua foto logo acima, sentada em um sofá em sua casa, abaixo das arquibancadas do índio, e segurando sorridentemente uma camisa do time alvi-azul, a matéria dava conta da busca do Aimoré pela classificação (inédita) contra o time do S.E.R. Caxias, de Caxias do Sul, para a próxima fase do Campeonato Estadual da Série A daquele ano. Classificação, que logo em seguida Dona Alaídes ficaria sabendo, que não veio.

Na matéria se confundia a vida do clube, na busca pela almejada classificação, e da moradora do estádio. E ainda: o aniversário de ambos na mesma semana. Nesta reportagem a Senhora Alaídes relembra do jogo do domingo anterior, disputado na casa do índio, que não por acaso é a sua casa também. “Ali eu chorei” relata ela, que segue, “quando os jogadores vieram me dar a camiseta, que o goleiro me entregou e fiquei meio assim”, que segundo o jornal, “demostrou a dona Alaídes, apontando para o peito, que teria sofrido palpitações no momento” (Jornal VS, 27/03/2019, Caderno Esporte, p. 19).

Dona Alaídes não é a única torcedora comprometida com o Aimoré na família Haubert: em uma outra reportagem do mesmo Jornal Vale dos Sinos, o VS, o seu sobrinho, que também divide o espaço de sua residência com o clube, aparece e é entrevistado.

Em 2019 o Grupo RBS, a partir do programa esportivo Globo Esporte (no bloco do programa destinado a programação estadual) lançou a promoção “*A cara do gauchão*”. Todos os 12 clubes participantes da elite do campeonato estadual do Rio Grande do Sul apresentaram um torcedor símbolo para concorrer. A cada semana um deles foi apresentado na tela da televisão e os telespectadores puderam votar pela internet (em um site especial para a enquete). Representando o C.E. Aimoré estava presente, claro, a Dona Alaídes Haubert.

Ilustrando esse acontecimento reproduzimos na figura 2 o *print* da página oficial da Prefeitura de São Leopoldo na rede social *FaceBook* divulgando o evento e chamando a comunidade local a votar na Senhora Alaídes Haubert.

Figura 4 – Promoção do grupo RBS “A cara do gauchão”



Fonte: PREFEITURA DE SÃO LEOPOLDO. **Vote na dona Alaídes para a cara do gauchão!** São Leopoldo, 20 mar. 2019. Facebook: Prefeitura de São Leopoldo. Disponível em: <https://www.facebook.com/saoleopoldo/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Compete aqui também comentar acerca de Dona Alaídes e o Grêmio FBPA: uma relação mediada por Luiz Felipe Scolari (Felipão).

Figura 5 – Felipão encontra Dona Alaídes



LEMBRANÇAS: com a dona Alaídes

Fonte: BECK, Matheus. Felipão visita o Aimoré, relembra o passado e conversa com o grupo. **Jornal VS.** São Leopoldo, p. 15, 02 mai. 2018a.

Em matéria do dia 2 de maio do ano de 2018 Dona Alaíde aparece novamente nas páginas do Jornal Vale dos Sinos: agora ao lado de Luiz Felipe Scolari, o Felipão. Importante no estado do Rio Grande do Sul pelas suas passagens, tanto como jogador e como técnico, pelo Grêmio Porto Alegre e na cidade capilé, pela sua origem esportiva no time índio.

Ocupando novamente o Caderno de Esportes do diário leopoldense Dona Alaídes agora relembra do passado ao lado do seu amigo Felipão, 69 anos a época do impresso. A reportagem intitulada como “Felipão visita o Aimoré, relembra o passado e conversa com o grupo” (com a chamada de capa: “Encontro De Ídolos No Cristo Rei”) trata do reencontro de Luiz Felipe com o time em que foi revelado ao futebol e onde permaneceu por 7 anos de sua vida e de sua carreira esportiva. Além, é claro, de tratar do “encontro de ídolos”: Felipão e, o na época da reportagem técnico aimoresista, Arilson Costa, ex-jogador do Grêmio e da Seleção Brasileira e ex-comandado por Felipão em ambas equipes.

Escolhemos aqui nesse trabalho apresentar, como já mencionado anteriormente, diferentes formas de torcer. Falamos nos torcedores comuns e nos militantes, e ainda, dentro do espectro organizado destacamos formações distintas, como as TOs e as *barras*. A ideia é mostrar que mesmo em um clube modesto, dentro do que chamamos de *futebol menor*, é muito rica e variada as formas de se filiar a equipe e a história que o time constrói e representa. Não atoa é a opção por dona Alaíde e pelo senhor Claudio Bolzan, que logo trataremos com bastante acuidade.

4.1.2 O Aimoré Na Comunidade E Na Mídia Leopoldense

Começamos essa seção tratando da relação entre o Aimoré e a política local, ou mais especificamente de alguns políticos da cidade para com o clube. O Jornal Vale dos Sinos estampou em suas páginas, no dia 24 de abril de 2018, uma matéria que relatava acerca de uma sessão solene na câmara de vereadores leopoldense que buscava homenagear o Aimoré. A sessão foi proposta pelo vereador, e conselheiro do clube, Fabiano Haubert (PDT – Partido Democrático Trabalhista). Segundo a reportagem, Haubert, em seu discurso “salientou a importância do clube na região e conclamou os munícipes a integrarem o quadro social do clube e também a apoiarem a caminhada Índia na Divisão de Acesso” (a época, 2018, o Aimoré disputou a Segunda Divisão do Campeonato Estadual de Futebol Masculino) (BECK, 2018b).

Figura 6 – Câmara de vereadores homenageia Aimoré



Fonte: BECK, Matheus. Sessão solene em homenagem ao Aimoré. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 25, 24 abr. 2018b. VS Especial.

O jornal segue relatando, o que pensamos ser de destaque para nossos objetivos, que o presidente do clube, no ano abordado, o Senhor Paulo Costa, em sua fala agradece a “presença da torcida, que lotou o espaço público” (BECK, 2018b) da plenária da Câmara de Vereadores de São Leopoldo. A matéria é ilustrada, no jornal impresso, por uma fotografia que deixa claro o movimento dos torcedores, portando faixas e bandeiras com as cores e motivos do Aimoré.

No mesmo jornal encontramos, e aqui destacamos, caderno especial do dia 26 de junho de 2018. Estamos tratando do caderno especial denominado “O Aimoré Voltou”:

Figura 7 – Retorno do Aimoré a primeira divisão



Fonte: O AIMORÉ voltou. **Jornal VS**, VS Especial, São Leopoldo, p. 2-8, 26 jun. 2018.

Na referida data acima o Jornal Vale dos Sinos foi entregue a seus assinantes, e para os que o adquiriram em bancas e outros pontos de venda, encartado com um impresso especial sobre a campanha índia na Divisão de Acesso daquele ano, a qual acabou com a conquista de uma vaga a elite do futebol gaúcho pelo time leopoldense.

Destacamos esse fato aqui, pois lembramos do ano de 2006, e seguintes próximos, quando os torcedores mais abnegados pelo Aimoré (e entusiasmados com seu retorno aos gramados) cobravam uma maior atenção da mídia local para com o time. Incluso, como já comentamos, foram realizadas campanhas, em redes sociais, como o na época popular *Orkut*, para cancelamento de assinaturas do Jornal VS por parte dos torcedores pelo pouco espaço dado ao clube em suas páginas. Parece que o time hoje já se encontra em um patamar um pouco mais “interessante”.

O jornal VS tem sido também um espaço importante para observarmos momentos de maior adesão da comunidade capilé com o clube. Podemos assim pensar ao nos depararmos com a matéria acerca do mutirão pela reconstrução de um muro do estádio do Aimoré³¹.

Figura 8 – Mutirão



OBRA: reconstrução do muro do Cristo deve ficar pronta até o fim desta semana

Fonte: BECK, Matheus. Expectativa pela recuperação do Índio. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 16-17, 20 fev. 2019b.

A queda de um dos muros do Estádio Monumental do Cristo Rei, que o separa da Rua Santo Inácio (essa é a rua onde ficam as bilheterias e as entradas destinadas aos

³¹Maiores informações, com diversas imagens, acerca do muro e de sua sucessiva história de quedas podem ser encontradas em apêndice reservado ao tema no final desse trabalho.

torcedores visitantes), na parte lateral do gramado, e nas costas do estádio, após uma forte tempestade de verão que varreu a cidade de São Leopoldo em janeiro de 2019, pouco antes do início da Série A do Campeonato Gaúcho de Futebol Masculino do mesmo ano, foi o mote para uma demonstração pública e coletiva do sentimento de pertencimento e de responsabilidade com o clube por parte de torcedores militantes (pertencentes a *barra-brava* da *Los Reyes del Barrio* e outros diversos, avulsos no sentido de não estarem filiados a uma organização torcedora). Foi divulgado nas redes sociais oficiais do clube, das torcidas e dos torcedores uma ação de mutirão pela reconstrução do muro. Incluso, em postagens durante e posteriores ao evento, com fotos do pessoal trabalhando. Antes do mutirão ter início foi levado a internet uma vaquinha *on-line* (com cobertura do Jornal VS) para a compra do material necessário para tal empreitada.

Em outro *post* da página *Aimore_Oficial*, na rede social *Instagram*, podemos ver uma foto onde uma série de torcedores e torcedoras se dividem em tarefas variadas, como: a pintura de um dos muros do estádio (neste caso é a manutenção da construção que separa o Monumental do Cristo Rei da Rua Concórdia – entrada principal para a praça de esportes), corte de matos, reparos variados e a limpeza da calçada e da rua. Acompanha a imagem, publicada no dia 19 de outubro de 2019, a seguinte descrição: “enquanto a boeirada treina forte, nossos torcedores também estão na labuta. A gurizada tá trabalhando pra deixar o Monumental mais bonito. Material pra pintura doado pela Confraria Índio Capilé, presidida pelo conselheiro (e vereador anteriormente citado) Fabiano Haubert”. Podemos destacar nessa postagem o sentimento de trabalho conjunto que se tenta construir, misturando jogadores e torcedores em prol de um objetivo comum: a existência/permanência do Aimoré. O caso em tela, o de um pequeno clube, parece ser sempre o de uma luta dos torcedores (comunidade) pela sua continuidade: as vezes na série a do campeonato local, as vezes a sua simples existência. Como fala o torcedor índio já citado anteriormente, Natan Dalprá Rodrigues, “o que queremos é ver o Aimoré jogar”.

Dentro do universo de divulgação do Aimoré e, mais especificamente, da busca por estreitamento de laços entre o clube, seus torcedores e a comunidade de forma mais ampla podemos destacar a Confraria Índio Capilé. Não atoa a confraria, que vamos abordar agora, tem ocupado espaço nas páginas da coluna social no Jornal VS.

Figura 9 – Confraria Índio Capilé na coluna social



Fonte: FETTER, Marjorie. Noite de homenagens. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 19, 26 mai. 2015.

A Confraria Índio Capilé é uma reunião festiva ampliada de torcedores e simpatizantes do Aimoré que ocorre regularmente em variados lugares da cidade de São Leopoldo. Geralmente é um jantar, com atividades artísticas e musicais, que sempre ocupam espaço de destaque nas páginas, e no site, do Jornal Vale do Rio dos Sinos. Além de ser destaque nas redes sociais de inúmeros torcedores. “A Confraria é uma reunião de amigos, torcedores e simpatizantes, então, convidamos todo mundo. Durante o ano, fizemos em vários lugares de São Leopoldo, para agregar, pegar pessoas diferentes, convidando elas para conhecer o time”, resumiu vereador, conselheiro e torcedor aimoresista Fabiano Haubert.

Atualmente a confraria conta em seu quadro com o presidente Fabiano Haubert, vice-presidente Álvaro Cardoso e como tesoureira a torcedora Camila Capelão: informações estas estampadas nas páginas do Jornal VS em matéria assinada por Priscila Carvalho, publicada no jornal impresso e no site no dia 06 de dezembro de 2019.

Por fim, caberia aqui nessa seção, falarmos sobre as buscas que o time índio vem fazendo nesses últimos anos em adentrar os espaços escolares da cidade. Falamos aqui de atividades nas escolas públicas de São Leopoldo, como divulgação do clube e sorteio de ingressos.

Figura 10 – Venda de acessórios no estádio



LOJINHA: acessórios e camisas do Índio Capilé

Fonte: BECK, Matheus. Aimoré perde para o Juventude em casa. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 8, 04 fev. 2019a.

O Aimoré tem realizado uma série de ações para se aproximar da comunidade capilé. Uma delas é a visita, da direção, dos conselheiros e de alguns dos jogadores do time, as escolas da cidade. O projeto que leva o nome de “*Aimoré Vai à Escola*”, além do sorteio de ingressos para que os estudantes possam ir aos jogos do clube, sem pagar por isso, conta com a presença dos jogadores que relatam sobre as suas carreiras e sobre o sentimento de jogar pelo Aimoré, além dos conselheiros que falam sobre curiosidades históricas do time.

4.2 SÃO LEOPOLDO: “CAPITAL” DO VALE DO RIO DOS SINOS E SUBÚRBIO DA GRANDE PORTO ALEGRE

“Um jogo revela muito sobre os valores das culturas nas quais é praticado e assistido com mais entusiasmo” (GEERTZ, 2008, p. 4). O futebol é entendido como um “agente produtor de paisagens, tradições e identidades” (MASCARENHAS, 2005, p. 61) com expressão direta na vida na cidade. Dito de forma mais direta “o fenômeno futebol”, para Mascarenhas, é pensado e observado “como forma simbólica produtora de paisagens”. Assim dessa forma, podemos nos debruçar na história do C.E. Aimoré, bem como de seus diversos torcedores, torcidas e formas de torcer, para pensar em qual contribuição essa dinâmica equipe/torcida tem na paisagem atual de São Leopoldo. Dito isso, acreditamos que por tratarmos em nosso texto de um clube de futebol local, bem como da relação de seus seguidores, a partir de sua prática torcedora, para com a cidade em que vive, a cidade em que

imagina e que projeta, muitas vezes a partir de seu torcer e de sua vida dentro ou próxima ao time, é fundamental nos determos a algumas características – políticas, econômicas, culturais, geográficas etc. – da cidade onde mora o “índio” e “colono” Aimoré.

Claro que não pretendemos aqui cumprir o papel de uma espécie genérica de “*folder da administração municipal*” mencionando que a cidade se localiza em uma importante região etc. Pois nesses documentos, sejam impressos ou páginas oficiais na internet, das mais variadas administrações municipais, todas as cidades estão em tal situação. Afinal, no geral, esses materiais querem vender essas cidades (ou a ideia de uma cidade). O nosso objetivo aqui é outro: o de buscar tornar mais claro as tensões e as contradições do dia a dia no município que de alguma forma pode, ou não, impactar a forma de torcer, principalmente no âmbito da escolha clubística (o Aimoré como único clube, os times da dupla GreNal, o Aimoré como segundo time, dentre outros arranjos de escolhas possíveis).

A cidade por nós estudada pode ser entendida como estando situada em duas regiões diferentes, porém convergentes. E, em cada uma dessas regiões a cidade ocupa um papel de importância diferente. Falamos da Região do Vale do Rio dos Sinos e da Região Metropolitana de Porto Alegre. Regiões que também desempenham sua dinâmica particular no universo do futebol e das escolhas clubísticas. Na primeira, São Léo disputa, com a vizinha Novo Hamburgo, objetivamente a situação de “capital” da região. São as duas maiores cidades quanto a população, e mais importantes, em termos de movimentação econômica, comercial, de ofertas de emprego, de vagas em universidades, serviços etc. Ambas estão ligadas pela rodovia BR-116, trecho duplicado entre as duas cidades, e pela linha de trem suburbano da empresa pública federal *TRENSURB – Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.* A ligação por trem é mais recente, sendo de 2012 o início da operação entre SL e NH. Até então, desde os anos de 1990, São Leopoldo estava ligada pelo Trensurb apenas a capital Porto Alegre. Na segunda região, a da Grande POA, por seu turno, a cidade do índio Aimoré ocupa uma posição bem mais “subalterna”. É apenas mais uma das tantas cidades médias, na casa dos seus 200 mil habitantes, um pouco para mais ou um pouco para menos, que compõem a grande zona metropolitana da capital dos gaúchos.

Nesse caso, o metropolitano, São Leopoldo se colocaria lado a lado, além da mesma Novo Hamburgo, a cidades como Canoas (população de 323.827, IBGE/2010), Gravataí (população de 273 742, IBGE/2016), Alvorada (população de 175.575, IBGE/2010) etc. Das cidades aqui citadas, podemos destacar Gravataí, município que encontramos o Complexo Industrial General Motors Gravataí/GM Motors, dando destaque a cidade na geração de empregos e na dinâmica da economia local. A cidade de Gravataí é também a casa do

Cerâmica Atlético Clube (1950). O time nesse momento encontra-se licenciado das competições profissionais. Mas cabe destacar que a sua torcida, uma pequena *barra-brava*, chamada de *Ceramáquina* e fundada em 2012 é uma das aliadas da *barra* da *Los Reyes del Barrio* do Aimoré (junto com *Os Farrapos*, *barra* do Zequinha, time do bairro do Passo d'Areia, na Zona Norte de Porto Alegre).

4.3 AS TORCIDAS/OS TORCEDORES DO AIMORÉ: TORCEDOR MILITANTE E TORCEDOR COMUM

Iniciamos essa sessão, do segundo capítulo, com um recorte de uma fala do historiador Hilário Franco Júnior em uma entrevista ao Jornal O Estado de São Paulo, publicada no site do periódico em 07 de agosto de 2007, em que afirma que “o fundamental”, para ele, “em todo o sistema do futebol, são os torcedores” e ainda, que são as torcidas “os elementos de longa duração” na história desse esporte (ORICCHIO, 2015). Entendo também, em nossa pesquisa, como os torcedores e as torcedoras como fundamentais, por isto, vamos nos debruçar sobre o que podemos entender por *Torcedor Militante* e *Torcedor Comum*, para tanto falaremos das formas de torcer, e de promover torcida, que podemos encontrar no Aimoré.

Podemos começar pensando o torcer dentro do registro do lazer. José Guilherme Magnani, antropólogo e professor da USP, ao prefaciar o livro *Torcidas Organizadas de Futebol* (TOLEDO, 1996, p. 9, grifo nosso) afirma: “[ao se estudar estes grupos, as T.O.] abre-se um espaço para pensar tais formas de organização e lazer dentro de um quadro mais abrangente”. Acreditamos aqui ser importante destacar dois aspectos dessa afirmação: a possibilidade de se olhar para as torcidas pela chave de compreensão do lazer e, ainda, que estas mesmas torcidas devem ser observadas em um contexto mais amplo e complexo. No que segue o professor Magnani, no referido prefácio, ao afirmar que é “necessário enquadrá-lo num contexto mais amplo, capaz de relevar as relações que mantém com outras instituições e instâncias da vida social na qual está situado” (TOLEDO, 1996, p. 10). Como por exemplo: os times profissionais do esporte, as federações e confederações, a mídia esportiva, o Estado, polícia etc. A respeito do lazer é interessante compreender que é comum a mídia esportiva, especializada no futebol, e mesmo a mídia leiga abordar o torcedor comum, aquele que vai avulso, com sua família, geralmente para o setor numerado do estádio, sem se envolver com as *barras* e ou organizadas, em sua ida ao estádio, como alguém que está “tirando” um lazer

(como falam os paulistas). Já o torcedor militante, integrante de T.O. e ou *Barras*, dificilmente é visto e ou tratado por este prisma. Caberia o exercício.

Para quem acompanha o futebol, pela mídia especializada e profissional, é comum encontrar reportagens que, no geral, tendem a abordar as torcidas organizadas de forma sensacionalista. Como organizações promotoras da violência e que apenas denigrem o esporte. Mas ao mesmo tempo, no que toca o estético, a mesma mídia se faz valer de imagens e sons dessa torcida cantando, pulando e vibrando.

4.3.1 Promoções Do Clube Para Angariar Sócios: Sócio-Torcedor Índio Capilé

Figura 11 – Promoções do Aimoré



Fonte: Esteiense é premiado ao obter camisa do Aimoré. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 17, 25 jan. 2019.

O Aimoré, no que se refere as promoções destinadas a angariar membros pro seu quadro social, tem destaque, acreditamos, a proposta de manter valores populares. Assim, comentaremos sobre os valores de 2019 e de 2020.

Além de poder frequentar os jogos do alvi-azul na sua casa, o fã do time associado e com o carnê quitado tem o direito de votar e ser votado, ou seja, participar da vida política do clube. A prática de angariar membros para o quadro social do clube a partir da busca por sócios torcedores é algo mais ou menos novo no Brasil.

Um sócio-torcedor, no geral, caracteriza-se por alguém que ao se associar ao clube e pagar uma quantia mensal fixa, uma mensalidade, tem direito a assistir aos jogos do time de

futebol quando esse estiver como mandante. Recordamos aqui algumas das primeiras experiências de campanha de Sócio-Torcedor no Grêmio e no Internacional, ambos de Porto Alegre. No estado do Rio Grande do Sul, encontramos algumas características particulares, bastante similares a realidade do futebol cisplatino (JESUS, 2000), como por exemplo a carteirinha de sócio-torcedor e o pagamento assíduo das mensalidades garantia de acesso à vida política do clube. Nesse caso o fanático pelo time não apenas tem a possibilidade de torcer frequentando o estádio em dias de jogos da equipe, mas também, ao virar sócio-torcedor, de votar e ser votado para cargos do quadro administrativo e político do clube. Como podemos ver no trabalho, acerca do futebol no Rio Grande do Sul e a sua identidade com os países da região do Rio da Prata, de Prodanov e Fernandes (2009, p. 100, grifo nosso):

A influência argentina e uruguaia do modo de jogar e de organizar o futebol no Rio Grande do Sul foi sentido nos portos, mas, principalmente, nas fronteiras, onde a chegada das companhias de trem, seus passageiros e trabalhadores iria marcar definitivamente o futebol do Rio Grande do Sul.

Nessa citação destacamos a “influência argentina e uruguaia” na forma de “organizar o futebol no Rio Grande do Sul”.

4.3.2 Mídia Alternativa/Mídia Militante: A Comunicação Como Forma De Torcer. O *Site Índio Capilé* E A Rádio *Web Índio Capilé*.

Lembro que o ano era o de 2006, e eu recém-havia me mudado para a cidade de São Paulo, quando, por uma comunidade destinada a debater questões ligadas a cidade de São Leopoldo na hoje extinta rede social *Orkut*³², tive a notícia do retorno do Clube Esportivo Aimoré aos gramados profissionais. Findaria, com está informação, um licenciamento de 9 anos. Nesse mesmo período eu havia descoberto a mítica Rua Javari, o conhecido, entre os aficionados por futebol, Estádio Conde Rodolfo Crespi, e os jogos do Clube Atlético Juventus (1924), no bairro da Mooca, na Zona Leste da Capital Paulista. Era uma época que me animava duplamente pelo futebol (dos menores): pela “descoberta” *in loco* das partidas do C.A. Juventus e o retorno do C.E. Aimoré aos gramados sul riograndenses. Acompanhar, ou tentar, os jogos do Aimoré era uma forma por mim encontrada de me reaproximar – ou me manter próximo – do Rio Grande do Sul e conseqüentemente de São Léo.

³² Orkut foi uma rede social ligada ao Google, criada em janeiro de 2004 e desativada setembro de 2014

A volta do *Índio* de São Leopoldo aos campos do futebol profissional do Rio Grande do Sul era apenas o início de um “problema” para os leopoldenses interessados no time e que viviam fora da cidade, do estado³³. O qual era: saber coisas simples como o placar e o desenrolar dos jogos. Além de outras informações básicas, necessárias para seguir animado, acompanhando e torcendo por um clube de futebol.

Nos primeiros jogos, noticiados por amigos leopoldenses, de estádio vazio, era complicado saber, desde São Paulo (ou outro lugar que não o Rio Grande do Sul), o que se passava. Vale lembrar que o ano era o de 2006, onde ainda não haviam tido corpo as rádios *on-lines*, chamadas de *web-rádios*, nem mesmo a, hoje tradicional, transmissão do sinal das rádios pela internet. Atualmente, por exemplo, é tarefa um pouco mais tranquila acompanhar um pequeno clube, mesmo estando distante da cidade do time. Quase todas as emissoras de rádio estão com a sua programação *ao vivo* disponível *on-line*. E nesse ponto, se o rádio há muitas décadas é o companheiro do amante de futebol (GASTALDO, 2004), é fácil imaginar a importância que ele tem para aquele que segue um dos milhares de pequenos/médios clubes de futebol por esse Brasil afora. Afinal, como afirma o comunicólogo, e estudioso do futebol, Édison Luis Gastaldo (2004, p. 03) quando estamos “com os ouvidos ligados no rádio, temos um narrador e um comentarista definindo a ‘realidade’ do jogo”.

Lembro que em muitos casos a única saída para ter alguma ideia do resultado, ou o que estava acontecendo, em um jogo do Aimoré era telefonar para uma rádio leopoldense que, na época, era a única que transmitia localmente os jogos. A emissora em questão era a Rádio Progresso, uma estação local AM (Amplitude Modulada). Nesses telefonemas foi que pela primeira vez travei contato com um rapaz, a época estagiário da Rádio Progresso, torcedor aficionado pelo índio de São Léo, e que já foi citado anteriormente nesse trabalho: o jovem Natan Dalprá Rodrigues. Ele será um dos responsáveis pela criação em São Léo do que vamos tratar aqui como: uma mídia alternativa e militante, no caso empenhada pelo Aimoré. Uma mídia “passional” como o próprio Natan gosta de frisar nas transmissões que faz dos jogos do índio capilé: “de torcedor para torcedor, a única 100% Aimoré”, como lemos em suas redes sociais e na página Índio Capilé na internet.

Cabe destacar que em um recorte intermediário entre o retorno do Clube Esportivo Aimoré e a criação da *Rádio Web Índio Capilé*, da qual já vamos tratar nos próximos parágrafos, teve destaque na vida cotidiana do torcedor índio, principalmente do descolado territorialmente da cidade, as transmissões *on-line* da Rádio Progresso. Por algum motivo,

³³ Este ponto é importante, pois o time desde que voltou ao profissional tem sido um dos nódulos de conexão entre os tantos leopoldenses desgarrados mundo afora.

talvez uma certa onda que tomava conta das tradicionais estações de rádio, agora era possível sintonizar a *Rádio Progresso* de qualquer parte do mundo, a partir de um endereço da internet. O problema que persistia aí era o fato da rádio só trabalhar e narrar os jogos mandados pelo Aimoré em seu próprio estádio. Todas as disputas de visitante que o índio travava seguiam com uma nuvem escura sobre as informações. A Rádio Progresso se limitava a trabalhar nas partidas jogadas em São Leopoldo. Nessa toada surge o projeto de uma rádio web, a qual deve existir para estar “100% ao lado do Aimoré”, segundo a ideia principal de seus fundadores. A *Rádio Índio Capilé* até hoje em suas transmissões propala o bordão de que é a única rádio que acompanha o Aimoré em todos os seus jogos, seja em casa ou fora, seja nos bons ou maus momentos dos variados campeonatos. É sobre esse projeto de rádio web que vamos tratar, mas antes, para começar, é preciso falar do site Índio Capilé.

O site Índio Capilé foi o primeiro passo para o que estamos chamando aqui de mídia militante (ou ainda mídia torcedora). O site, ainda em formato *blogue*³⁴, vem ao ar e ganha corpo na internet logo no primeiro ano de retorno aos gramados, no já tratado aqui, inúmeras vezes, ano de 2006. Ao surgir o Índio Capilé era um espaço onde, os irmãos Cardoso, Digue e Sandro, se dispunham a levar ao ar informações e imagens dos jogos do time de São Léo. Digue Cardoso, um dos torcedores símbolo do clube, além de filho e irmão de torcedores e ex dirigentes do Aimoré, já se imiscuía, na época, na atividade de fotógrafo, assim que o *blogue* começou a brindar os torcedores com variadas imagens das partidas, da equipe, do estádio, torcida etc.

Ao longo do tempo a ideia do site Índio Capilé foi sendo ampliada e ganhando corpo na *web* com a criação de páginas nas várias redes sociais, tais como: *FaceBook*, *Twitter*, *Instagram* etc. Aos poucos novas formas de acompanhar o clube foram aparecendo de forma totalmente impulsionada por esses torcedores, uma vez que até hoje o site oficial do time encontrasse desatualizado (AIMORÉ, [20--])³⁵.

A entrada de um comunicador esportivo, já bastante conhecido no rádio pelos leopoldenses, deu um novo gás ao grupo. Falamos aqui do advogado criminalista, jornalista autodidata e ex-vereador pelo PDT (Partido Democrata Trabalhista), eleito titular em duas legislaturas de 1988 a 1996, Ítalo Fernando de Azevedo Gall, ou simplesmente Ítalo Gall.

³⁴ Um blog é uma página pessoal na internet em que o usuário pode publicar conteúdos dos mais variados temas e formatos, como textos, fotos, vídeos etc. Os blogs ocuparam um espaço bastante relevante na internet antes do advento das redes sociais.

³⁵ Acessamos, por curiosidade, o site oficial do clube (no endereço www.ceaimore.com.br) no dia 27 de dezembro de 2019 e as últimas informações lá postadas davam conta da participação do Aimoré na Copa São Paulo de Futebol Júnior, conhecida popularmente apenas como Copa São Paulo, ou ainda, apenas como Copinha, do ano de 2017.

Conhecido ainda, pela alcunha de *O Demolidor*, era anunciado como aquele que faria uma “transmissão apaixonada” dos jogos do Aimoré. *O Demolidor*, também era apresentado como “uma das maiores figuras de São Leopoldo, ex-plantão da (rádio) Gaúcha e dono de uma voz absurda” (WAGNER, 2018).

Atualmente, o narrador Ítalo Gall não faz mais parte do grupo da Rádio Índio Capilé. Desde o mês de dezembro do ano de 2019 ele integra profissionalmente o quadro da Rádio GreNal, apresentando o programa “Futebol Alegria do Povo”. A Rádio GreNal é uma emissora comercial, mantida pela Rede Pampa de Comunicação e destinada a cobertura 24h do Colorado e do Tricolor. A nova casa de *O Demolidor* pode ser sintonizada e ouvida pela frequência FM 95,9 dos aparelhos de rádio.

No filme documentário *A Linha Fria do Horizonte* (2014) o cantor e compositor uruguaio, radicado na cidade de Madri, na Espanha, Jorge Drexler faz a seguinte afirmação que queremos aqui destacar e comentar: “a distância é um catalisador da identidade regional”. No filme, Drexler, fala de como a sua ida a Madri o fez perceber com mais carinho e acuidade a cultura musical uruguaia, principalmente a ligada ao folclore e ao cotidiano do campo, no caso específico o gênero da *milonga*. Ritmo que o mesmo negava antes de ir viver na Espanha: “eu gostava de rock e pop, achava a milonga uma coisa de velho”, comenta Jorge Drexler. Essa assertiva nos leva a pensar como em muitos dos torcedores do Aimoré, que vivem longe de São Leopoldo, e mesmo do Rio Grande do Sul, alguns ainda fora do Brasil, a distância os fizeram procurar alternativas para seguirem ligados a sua terra natal (o seu *pago*, como falam os gaúchos e *gauchos*). Ou ainda: como essa lonjura contribuiu para os tornarem aimoresistas? E assim a rádio Índio Capilé coube o papel de agregar a “diáspora” capilé e, mesmo, disseminar o sentimento (e um certo orgulho) aimoresista e leopoldense.

4.4 A PRODUÇÃO DE RIVALIDADE E A BUSCA POR AFIRMAR UMA IDENTIDADE LOCAL (DENTRO DE UMA LÓGICA GLOBAL)

No futebol é notório a necessidade de um rival (ou: de *rivalidades*). De uma equipe (ou equipes), que de preferência, dispute o coração de torcedores de uma mesma territorialidade. Seja para estabelecer relações de jocosidade (DaMatta, 1994) entre os torcedores rivais ou ainda para poder experimentar *a full* as alegrias das vitórias e as amarguras das derrotas da sua equipe (motivadas pela mídia e novamente pelas relações jocosas – contendas – entre torcedores). Sem contar questões comerciais. Para não ficarmos detidos, no que toca o universo econômico dos clubes no estado do Rio Grande do Sul, mas em questão de ordem global, podemos pensar aqui no caso da rivalidade GreNal e da vitória do S.C.

Internacional na final Campeonato Mundial de Clubes da FIFA de 2006, sagrando-se assim Campeão Mundial de Clubes. Título esse que seu rival, o Grêmio Porto-alegrense, se orgulhava (inclusive ostentando um *outdoor* na entrada da cidade, ao lado do Aeroporto de Porto Alegre Senador Salgado Filho, lembrando do fato) em ser o único Campeão Mundial no estado mais ao sul do nosso país. Até então, a vitória do Internacional poderia parecer uma tragédia para a torcida tricolor. E de certa forma foi: uma depressão se abateu entre os gremistas naquele dia, algo que poderia se ver na cobertura da mídia local ou ainda, em manifestações pelas ruas das diversas cidades gaúchas. Mas logo em seguida pode-se perceber um efeito curioso (contrário?): nunca se pode observar pelas ruas das cidades do Rio Grande do Sul tantas camisas do Colorado e ao mesmo tempo do Tricolor. Chegou a ser notícia na mídia, na página da internet do Jornal Zero Hora, que as vendas de materiais esportivos, sobretudo camisas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense haviam disparado naquele ano.

Nessa dinâmica da rivalidade, parece que por muitos motivos, um precisa do outro para sobreviver. Com o Aimoré não parece ser diferente. Talvez por isso que o Clube Esportivo Aimoré, por meio de sua torcida, dos seus torcedores e dos diferentes experimentos de torcer, seja a sua mídia militante, o N.J.A., a sua *barra-brava*, a *Los Reyes*, busquem (e produzam?) esse rival.

Figura 12 – Torcida Los Reyes no Clássico do Vale



Fonte: CLÁSSICO DO VALE Noia vs Aimore compacto. Novo Hamburgo: [s.n.], 17 set. 2019. 1 vídeo (7min). Publicado pelo canal Canal Bola na Rede Tá ligado Esportes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aXG2-FO_dBBM&ab_channel=CanalBolanaRedeT%C3%A1ligadoEsportes. Acesso em: 19 fev. 2020.

A rivalidade, ou rivalidades, opera como um acordo: é preciso que exista reciprocidade. Como já comentando anteriormente, de nada adianta o C.E. Aimoré, por exemplo, se colocar como rival do Grêmio e/ou do Internacional e ambos não o enxergarem assim (por frequentarem uma escala bem acima da do índio de São Leopoldo). É por isto que a rivalidade opera como um acordo. E, lembrando Zygmunt Bauman (2001), os acordos são sempre provisórios. No caso do C.E. Aimoré: pode ser o *Nóia*, depois pode ser o *Sapo* etc³⁶. Como afirma o sociólogo polonês: “nossos acordos são temporários, passageiros, válidos apenas até novo aviso”.

Entretanto, na realidade dos gramados e campeonatos existe no estado do Rio Grande do Sul, e claro que algo similar se reproduz por outros tantos estados brasileiros, um discurso hegemônico referente à dupla GreNal. Fazemos menção aqui a um discurso que toma conta do estado mais ao sul do Brasil e que por sua vez transborda para a mídia de outras unidades da federação que é a narrativa de que o estado sul-riograndense é dividido por dois grandes e ricos clubes de futebol: o Grêmio, tricolor, e o Internacional, colorado. Incluso esse discurso é levado em consideração no universo acadêmico. Assim, o vemos no trabalho de Mascarenhas (2005): quando ao se referir ao dérbi de Porto Alegre, o clássico GreNal, o descreve como um “grande evento localmente referendado como expressão culminante do confronto entre as duas metades do Rio Grande do Sul”. Observemos principalmente quando atribui ao estado do RS uma divisão em duas partes, onde cada lado seria ocupado por um dos grandes times aqui citados. Entretanto essa verdade, entre aspas ou uma meia verdade, precisa ser colocada em suspensão. Apenas para citar outros casos, nos detemos aos times do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas e o Esporte Clube Pelotas, ambos clubes tradicionais do extremo sul do estado, da cidade portuária e universitária de Pelotas (terceira maior cidade do estado, com 341,648 habitantes segundo dados do IBGE/2018) times que dominam o gosto dos torcedores na cidade e na região de influência do município. Poderíamos, também, mencionar os dois rivais da segunda maior cidade do estado, a serrana Caxias do Sul (504,069 habitantes, IBGE/2018): a dupla *polenteira*, como são chamados pelos torcedores rivais de times de outras cidades gaúchas, da S.E.R. Caxias e do Esporte Clube Juventude.

O que queremos ressaltar nessas linhas é que para além da dupla GreNal, que domina a mídia e os recursos financeiros destinados ao futebol no estado aqui trabalhado, existe uma série de outras agremiações destinadas ao futebol profissional (porém menores) que possuem torcidas significativas, a tal ponto que não podem ser ignoradas na miríade de torcedores e

³⁶ Apelidos dos times locais, explicação detalhada no decorrer do texto.

torcidas que dividem esse estado (assim como ocorrem em outros importantes estados do país). E é justo nesse universo que os torcedores do Aimoré buscam criar um clima de rivalidade com algum outro clube da região.

Figura 13 – Banda da Los Reyes no Cristo Rei



AIMORÉ 1x0 Pelotas - Sou de Índio - Los Reyes

1.649 visualizações • 16 de fev. de 2014

👍 14

💬 0

➦ COMPARTILHAR

☰ SALVAR

⋮

Fonte: AIMORÉ 1x0 Pelotas - Sou de Índio - Los Reyes. São Leopoldo: [s.n.], 16 fev. 2014. 1 vídeo (1min). Publicado pelo canal Los Reyes TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W8T8MgrS50s&ab_channel=LosReyesTV. Acesso em: 15 fev. 2020.

Como pode ser observado no caso, da banda da *Los Reyes* e da música *Atirei o pau no Nóia* (AIMORÉ..., 2019), que comentaremos agora. Em vídeo postado no dia 24 de janeiro de 2019, no seu canal no YouTube, a torcida da *Los Reyes Del Barrio*³⁷ entoava o, e bate palmas, durante jogo contra o Grêmio, em partida válida pela Série A do Campeonato Estadual, o seguinte cântico:

Atirei o pau no Nóia,
E mandei tomar no cú,
Novo Hamburgo filha da puta,
Chupa rola e da o cú,
Ei Nóia, vai tomar no cú,
Ole Índio, Olé Índio.

O mesmo cântico foi postado, em nova gravação, no dia 25 de março do mesmo ano. As imagens e o áudio desse vídeo agora haviam sido captadas em jogo do Índio contra o time

³⁷ A torcida *barra-brava* mantém ativo um canal nomeado como TORCIDA LOS REYES, assim mesmo em letras maiúsculas, e existe também um outro, inativo, com o último vídeo postado há 5 anos, chamado de Los Reyes TV. No canal ativo é possível encontrar uma série de vídeos da torcida marcando a sua presença em jogos na casa do Índio e ou como visitante.

do S.E.R. Caxias. Em uma breve pesquisa na, atualmente popular, rede social de vídeos YouTube é possível encontrar versões mais antigas dessa “música” sendo cantada nos estádios por torcidas dos times do Colorado e do Grêmio, ambos clubes de Porto Alegre. Por curiosidade podemos destacar a versão da Guarda Popular, torcida *barra* do Internacional, em vídeo postado há 10 anos no YouTube (não conta com a especificação da data exata), em algum canal de torcedor, e da Geral do Grêmio, *barra* do time de mesmo nome, na data de 10 de fevereiro de 2012, época ainda do jogos mandados pelo Grêmio no, hoje desativado, Estádio Olímpico Monumental. Entre os inúmeros comentários em ambos os vídeos, referidos a dupla GreNal, destacamos o de Artur Marques, comentando o cântico da Guarda Popular do Inter, há 9 anos, onde diz: “caralho, sou cruzeirense nós temos uma igual, ki é: atirei o pau no galo...”.

E ainda, podemos mencionar que esse cântico pode ser escutado além das divisas do estado do RS. Em Minas Gerais no clássico Atlético Mineiro (o galo) e Cruzeiro, ou mesmo no Paraná no Atlético Paranaense se tornou popular uma versão dessa canção levada a cabo pela torcida. A versão da torcida *Os Fanáticos* é cantada como “Atirei o pau no Coxa”.

Fazemos uso aqui de uma demonstração efetiva da rivalidade, ou busca pela construção de uma, de torcedores organizados do Aimoré com o time do *Nóia* e ao mesmo tempo observamos como diversas informações e representações circulam pelo universo torcedor, como a apropriação e a repetição de códigos variados como as formas e as letras de cânticos.

4.4.1 O Esporte Clube Novo Hamburgo (1911), O Grêmio Esportivo Sapucaense (1941) E O Esporte Clube Igrejinha (1930)

No artigo “O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais” de autoria conjunta dos historiadores Cleber Cristiano Prodanov e Luiz Fernando Framil Fernandes (2009) podemos ler a item “O futebol em Novo Hamburgo” e entender um pouco melhor sobre o período inicial do esporte e dos clubes na cidade (ou melhor: as “regiões coloniais”), a época ainda um distrito pertencente ao município que abriga o clube por nós aqui tratado.

Um dos pioneiros e mais tradicionais clubes de futebol da região de colonização alemã no Rio Grande do Sul é o Esporte Clube Novo Hamburgo - ECNH, fundado na esteira dos clubes da capital, em 1911. Seu surgimento ocorreu no então Primeiro Distrito de São Leopoldo, que somente em 1927 iria adquirir sua emancipação

política e administrativa e tornar-se o município de Novo Hamburgo. (PRODANOV; FERNANDES, 2009, p. 7)

Os dois times de futebol que por motivos variados foram eleitos como rivais do time capilé, em alguns momentos mais um que o outro, são o Esporte Clube Novo Hamburgo (1911) e o Grêmio Esportivo Sapucaense (1941).

O Sapucaense, ou o *Sapo*, como é carinhosamente chamado pela sua torcida, ou por seus simpatizantes, é um time bastante modesto (para dizer o mínimo) localizado em uma das tantas cidades, na região, oriundas de São Leopoldo. A cidade é Sapucaia do Sul, emancipada de solo leopoldense em 20 de agosto de 1961. Durante nossa pesquisa visitamos a *cancha* onde o time de Sapucaia do Sul manda os seus jogos: Estádio Arthur Mesquita Dias. Essa visita dá uma dimensão do que mencionamos no início desse parágrafo: o Sapucaense como uma equipe de estrutura modesta.

Entre idas e vindas o Sapucaense jogou em 2019 a Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho, depois de ter passado o ano anterior, 2018, licenciado dos gramados. Como já falamos, mesmo que por outras palavras, a *Segundona*, alcunha da Segunda Divisão do Gaúcho, é o terceiro nível da competição profissional estadual de futebol.

O Sapucaense tem algumas curiosidades em relação ao Aimoré. Mesmo se tratando de um clube bem mais jovem, nasceu em 1941, ele só aderiu ao futebol profissional no ano de 2005, um ano antes do retorno aos jogos do índio capilé. Tem uma torcida, por motivos quase óbvios, bem menor que a do C.E. Aimoré. Assim mesmo, o Sapucaense participou de uma competição nacional 5 anos antes do que o índio de São Leopoldo: a Copa do Brasil jogada pelo *Sapo* em 2012. Sem contar o título conquistado pelo clube em 2007, do Campeonato Gaúcho, Divisão de Acesso, equivalente ao segundo nível do estadual. Talvez esses motivos, por si só, justifiquem um pouco a rivalidade de aimoresistas para com o time de *Sapuca*. Sem contar a pequena distância entre um estádio e outro, já que as cidades são vizinha. Usando a ferramenta digital de mapas e rotas do *Google Maps* para traçar um trajeto entre ambos os estádios, Monumental do Cristo Rei e Arthur Mesquita Dias, podemos constatar que ficam a menos de 6 km de distância. E ainda, usando a mesma ferramenta, podemos observar que o estádio do Aimoré dista menos de 8 km do Estádio do Vale, a casa do Novo Hamburgo.

O time do *Nóia* manda as suas partidas no Estádio do Vale. A atual casa do Novo Hamburgo teve a sua construção iniciada no mês de janeiro do ano de 2006 (mesmo ano do retorno do futebol índio). Anteriormente, o ECNH disputava as suas partidas no Estádio Santa Rosa (1953), o qual, com capacidade para até 6 mil fãs, se situava no centro da cidade do

calçado. Já o atual campo fica localizado nas dobras do bairro Liberdade, o qual, curiosamente, divide NH de SL. O estádio do Novo Hamburgo se queda a exata uma quadra da divisa com a cidade de São Leopoldo, fato que os torcedores capilés não deixam passar despercebido. A casa do ECNH que se registra a Rua Santa Teresa, 420, está colado ao Bairro do Santo Afonso (região periférica e popular da cidade, bairro destinado a moradias de baixo custo para trabalhadores). Ainda, o acesso ao estádio para quem vem de Trensurb se dá pela Estação Santo Afonso que está dentro do mapa de SL. A última apresentação anilada no Santa Rosa ocorreu no dia 22 de março de 2008, pelo Campeonato Gaúcho. O estádio foi abaixo no dia 17 de abril de 2010 para dar lugar a torres de apartamentos residenciais. Já em agosto de 2008 o Estádio do Vale recebia o seu primeiro evento: um empate entre o time anilado contra os carvoeiros de Santa Catarina, o time do Criciúma Esporte Clube (1947).

Outro fato que cabe destaque é a queda do Aimoré no ano de 2011 para a *terceirona* (Segunda Divisão) do campeonato estadual: justo em uma derrota em sua casa, o Monumental do Cristo Rei, por um *tento a zero* sofrido do Sapucaense. Jogo em que “já aos 7 minutos do primeiro tempo, naquela noite de 13 de abril de 2011, o time de Sapucaia do Sul abria o placar com Santiago em posição duvidosa” segundo a crônica torcedora da época em um texto chamado “Terceirona: a crônica de uma morte anunciada” e publicado *Babélia na WEB* (blogue), uma publicação experimental do curso de jornalismo da Unisinos. Texto publicado no dia 16 de junho do ano acima referido, 2011 (NABINGER; PILZ, 2011b). Na época o time do *Sapuca* era tido como principal rival. Ser rebaixado em casa, sofrendo uma derrota justo para esse adversário, deixa algumas marcas na torcida, não sendo incomum a lembrança desse jogo, e desse descenso, por torcedores (inclusive nas transmissões da Rádio Índio Capilé³⁸).

O Esporte Clube Igrejinha também merece algumas palavras aqui neste trabalho. O time, afinal, já foi adversário do Aimoré em outros anos e em outras divisões, menos nobre do futebol. O Tricolor do Paranhana, como também é chamado, é da cidade de Igrejinha, região do Vale do Rio Paranhana (rio que rasga o centro da cidade ao meio), a qual dista um pouco menos de 50 km de *São Léo*. Por uma série de motivos, entre eles a sua famosa (na região) *Oktoberfest*, a cidade de Igrejinha é sempre mencionada ou lembrada no imaginário (e mídia) capilé. A cidade conta com uma população de 34.630 habitantes (IBGE/2016).

O time do Igrejinha, que defende as cores azul, vermelho e branco e manda seus jogos no Estádio Alberto Carlos Schwingler, localizado no centro da cidade, carrega abaixo

³⁸ Os motivos, observados aqui como elementares, seriam primeiro pela história e tradição bem mais antigas do Aimoré, em relação ao rival em questão, bem como da população e da dimensão local de cada uma das cidades. Enquanto a população de São Leopoldo passa dos 250 mil (IBGE/2016) a de *Sapuca*, apelido local, entre os moradores do Vale do Rio dos Sinos, para a cidade, não chega aos 140 mil (IBGE/2016)

do seu distintivo, em forma de uma estrela, o ano de sua fundação: 1930. A data oficial da formação do time de futebol é de 26 de abril do referido ano, mas cabe destacar que a entrada ao profissional é bem mais recente, datando o fresco ano de 2016. Talvez esse seja o motivo do time do Igrejinha não figurar, no imaginário dos torcedores leopoldenses de fato como um dos rivais do índio alvi-azul.

Por fim, acreditamos ser interessante comentar, no que toca a relação clube-cidade, que o Igrejinha clube carrega o fato de ser mais velho que a Igrejinha cidade. Como lemos na matéria do Jornal *Lê Ai Notícias*:

Pode um clube de futebol ser mais velho que sua própria cidade? Pode sim! É o caso do Esporte Clube Igrejinha, a equipe de futebol foi fundada em 26 de abril de 1930, porém, a cidade de Igrejinha só teve a sua emancipação política 34 anos depois (JORNAL..., 2019).

A mesma matéria, do dia 4 de junho de 2019, traz uma entrevista com o presidente do clube e empresário do comércio local, o senhor Ademir Stein (54 anos). Com relação a comunidade e o papel do time de futebol destacamos, nas palavras do mandatário: “o Esporte Clube Igrejinha é um marco na história da cidade, é importantíssimo para a cidade, porque nos representa como comunidade, abre as portas para a garotada, no sonho brasileiro em geral, de ser jogador de futebol”. O qual segue: “o Igrejinha para a cidade acima de tudo é um símbolo daquilo que nos representa como cultura, cidade, conjunto, o clube é muito importante na história do município de Igrejinha”.

A rivalidade no estado do Rio Grande do Sul, se pensarmos na realidade polarizada que encontramos dentro do contexto do futebol profissional masculino local, pode ser que seja mais ansiada que real. Afinal, como lemos no comentário abaixo:

No Brasil, os estados que contam com apenas dois grandes clubes deparam-se com rivalidade mais aguda. No Rio Grande do Sul, não há aspecto da vida social que escape ao maniqueísmo tricolor-colorado. Pesquisa de 1993 indicou que somente 5% dos gremistas nutriam simpatia pelo Internacional, cuja taxa de fidelidade clubística era a mais alta do país: 40% dos torcedores não tinha um segundo clube (*Folha de S.Paulo*, 26/12/1993). O radicalismo futebolístico penetra em vários níveis da vida social gaúcha. Em 1995, por exemplo, abriu-se uma discussão quanto à bandeira vermelha do Partido dos Trabalhadores, o que no contexto local desagradava os gremistas. Uma ala do partido sugeriu o uso do azul, relacionado ao Grêmio, e foi a vez de os torcedores do Internacional posicionarem-se contra. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.328)

É com esse contexto, acima descrito, que os times do interior (entendemos aqui a palavra interior de uma forma mais alargada: pois existem clubes pequenos tanto na capital

quanto nas cidades do entorno da região metropolitana de POA) precisam enfrentar na busca por um espaço afetivo, digamos assim, no coração (e bolsos) dos torcedores. Mesmo que a pesquisa da Folha de SP, citada por Hilário Franco Jr (2007), de conta que o Internacional é o time que tem a mais alta “taxa de fidelidade clubística” do Brasil, com “40% dos torcedores”, é fácil, nos gramados do RS em jogos válidos pelo estadual, encontrarmos os chamados mistos.

Em um vídeo do programa “Gauchão da Zueira”³⁹ (2017), mantido pelo jogador aposentado Sandro Sotilli⁴⁰, do ano de 2017, no qual faz a cobertura do jogo entre Esporte Clube Passo Fundo (1986) e Internacional de Porto Alegre no Estádio Monumental Vermelhão da Serra, ou apenas Vermelhão da Serra, na cidade de Passo Fundo no RS, podemos perceber um caso curioso e relacionado ao que falamos. Ao final da partida, que acabou com empate de 1 a 1, com gol marcado primeiramente pela equipe do norte do estado do RS e posteriormente com empate do time da capital com uma cobrança de penalidade máxima, um torcedor fardado com as cores do E.C. Passo Fundo afirma, ao ser entrevistado, que “o pênalti não existiu, não teve” e o entrevistador pergunta: “o teu clubismo não está falando mais alto?” e o torcedor emenda sem constrangimento “não, pois os dois são meus clubes. Sou colorado, mas aqui em Passo Fundo torço pro que é daqui. Temos que torcer pela nossa terra”. Após essa fala, Sandro Sotilli que já jogou pelo S.C. Internacional (1997) e pelo E.C. Passo Fundo (2012) assente com a cabeça. Ele, o ex-jogador, tenta manter a sua imagem, e construir seu canal na rede social YouTube, justo se colocando como um típico representante do que é ser local (no caso gaúcho).

³⁹ Gauchão da Zueira no Interior – Passo Fundo x Internacional, vídeo postado no dia 21 de fevereiro de 2017.

⁴⁰ Sandro Carlos Sotilli é um ex-futebolista gaúcho que atuou como centroavante e que carrega o título de maior artilheiro da história do estadual: só na primeira divisão do Gauchão são 111 gols. Seu último clube profissional, entre os mais de 30 que passou, foi o E.C Pelotas, em 2014. Time esse que o centroavante segue identificado. Mesmo o jogador acabando a sua carreira em um jogo que decretou o rebaixamento do time do Pelotas para a Série B do campeonato estadual, a torcida tem bastante carinho para com ele. Após o descenso decretado, e com o jogador ainda no gramado, a UPP – Unidos Por Uma Paixão, torcida *barra-brava* do time, cantava no estádio: “Sandro Sotilli, Sotilli é o maior perigo, Sandro Sotilli, meu alemão matador, e dale Sandro Sotilli [...]”. Incluso ao entrar no endereço da página oficial na rede social FaceBook da UPP damos de cara com a foto de Sandro no perfil. É uma imagem, montada ao estilo meme, com o rosto do jogador em primeiro plano, a torcida ao fundo e os dizeres “Unidos Por Uma Paixão” (UPP..., [20--]).

5 FUTEBOL E IDENTIDADE: LOCALIDADE, TERRITORIALIDADE E PERTENCIMENTO

Uma cidade é construída por diferentes tipos de homens, pessoas iguais não podem fazê-la existir.

(Aristóteles)

Sempre vou lembrar daquele dia,
Que aprendi com meu pai,
Amar a SER Caxias e herdar,
A luta a bravura e a esperança,
O sangue grená, jamais abandonar!

(Forza Granata - Ladrão da minha vida)

Neste terceiro e último capítulo queremos dar seguimento ao tema que por nós já foi muitas vezes abordado nessa pesquisa, falamos aqui das questões que envolvem o futebol e a identidade, especificamente de conceitos como localidade, territorialidade e pertencimento. Entretanto nesse terceiro momento do nosso texto queremos abordar essas problemáticas especificamente entre o futebol profissional do Clube Esportivo Aimoré e a identidade de São Leopoldo e de leopoldense que circulam pelo entorno do time. Para tanto vamos nos apoiar nas experiências do senhor Claudio Antônio Albinelli Bolzan, relatas por seus familiares, acerca de sua relação com a cidade capilé e o time do escudo indígena. Claudio Bolzan que fixou residência no município leopoldense e travou contato com o CE Aimoré a partir dos anos de 1980, quando chega por questões de ordem profissional na cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Claudio Bolzan que antes de chegar em São Leopoldo mantinha uma adicção exclusiva pelo time do Grêmio de Porto Alegre, ao passo que em suas novas experiências e vivências em solo leopoldense esse sentimento começa a ser dividido entre as três cores do time da capital e as duas da equipe da sua nova cidade. Buscamos, junto a seus familiares, tentar pensar sobre as motivações que levaram o senhor Claudio a se aventurar por novos campos e novos uniformes esportivos, fazendo o viver uma dupla filiação clubística. Nos questionamos ao longo desse trabalho se o Aimoré, e a possibilidade de viver com intensidade o futebol local, ajudaria um novo residente a se sentir mais próximo do que seria “estar em casa”.

Cabe ressaltar que esse trabalho não quer reconstruir uma biografia, nem se trata de uma pesquisa de trajetória de ordem pessoal, sobre o nosso pesquisado. O que queremos é, nos apoiando em uma importante experiência de vida, profissional, social e afetiva, completamente ligada, e fruto, de seu tempo, e ainda, partilhada com uma série de outras

peessoas, entre elas os seus familiares, pensar as contradições do torcer, as disputas e as problemáticas, incluso de ordem subjetiva, da construção e afirmação de identidades, que vamos assumindo e muitas vezes nos despindo ao longo de uma vida.

Já que estamos aqui tratando da memória de uma época que foi, mas que não é mais, acreditamos que ainda cabem umas palavras, no caso aqui a partir das mãos de Eduardo Galeano (2001): “A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo”. Vamos pensar um pouco sobre isso.

Acreditamos ser importante deixar claro que estamos aqui trabalhando acerca da memória. Sabemos que não se trata de uma reconstrução pura e simples da vida do senhor Claudio Antônio Albinelli Bolzan, mas sim de produzir, criar, de alinhar, uma narrativa biográfica a partir das memórias evocadas por seus familiares, sobretudo a de seu filho, de mesmo nome, Claudio Junior Bolzan.

Sabemos da dificuldade, e dos riscos que corremos, em tratar em um trabalho como este, inserido em um programa de Pós-Graduação em História, dificuldades e desafios abordados anteriormente neste trabalho, sobretudo pela formação do autor em outros campos das humanidades que não o da História, a questão da memória. Afinal, como afirma Lúcia Villas Bôas (2015, p. 247) “memória e história” são “entendidas, justamente, como dois modos de gestão do passado”.

Nesse aspecto pensamos na memória, no lembrar de algo, como faz refletir Pesavento (2008, p. 95) quando afirma que “aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer”.

Procuramos realmente levar em consideração esse apontamento quando nos colocamos a conversar com informantes variados. Não só no que toca ao terceiro capítulo em específico, mas durante toda a dissertação. Afinal, em inúmeros momentos nos deparamos com argumentos de atores com variados papéis dentro do universo da cidade de São Leopoldo e do time do Aimoré. Sabemos que essas memórias não são necessariamente “o que ocorreu” no passado, mas representa com significância o que ficou elaborado a partir da experiência dessas pessoas.

Temos consciência também, como afirmam Delgado e Ferreira (2013, p. 25), que o “conceito de memória não é simples” e o mesmo se dispõe a “múltiplos significados, tais como: o estabelecimento de nexos entre o presente e experiências vividas no passado; capacidade de conservar ou reter ideias previamente adquiridas; construção simbólica e

elaboração de sentidos para o que passou; atualização do passado no eterno presente, processo ativo de registro e transmissão de lembranças e de retenção do esquecimento”. Vamos assim, com cautela pensar acerca da vida, sobretudo a ligada as práticas do torcer, do senhor Claudio Antônio Albinelli Bolzan.

5.1 PREÂMBULO BIOGRÁFICO DE CLAUDIO ANTÔNIO ALBINELLI BOLZAN

Figura 14 – Claudio Bolzan fardado com as cores do Ijucapirama



Fonte: BOLZAN, Claudio J. **Time do Ijucapirama**. 1970. 1 fotografia, color., digitalizada.

Nasce na zona rural do pequeno município de Jaguari, no interior do estado do Rio Grande do Sul, no dia 26 do mês de novembro do ano de 1954. Claudio foi jogador do time de futebol amador do Ijucapirama, nome de uma das localidades do seu município (o qual dista aproximadamente 125 km da cidade de Santa Maria, a quarta maior do estado do RS). Realizou os seus estudos no curso técnico agrícola na cidade de Viamão, na região metropolitana da capital gaúcha, na ETA – Escola Técnica Agrícola. Colégio em que permaneceu por todos os anos de sua formação na condição de aluno interno.

No final dos anos de 1970 ocupou um posto como funcionário na empresa fumageira Souza Cruz, uma conhecida fábrica de cigarros e similares que conta com uma planta situada na cidade de Santa Cruz do Sul, RS. Cláudio Bolzan trabalhou neste primeiro emprego como técnico baseado na cidade de Formigueiro, também na zona de influência de Santa Maria, no estado gaúcho. No início do ano de 1979 começa a namorar com a senhorita Maju Lamar Posser, que conheceu durante as suas atividades profissionais em visitas técnicas aos fumicultores da região de Formigueiro. Maju Lamar, que havia estudado o curso de

magistério na cidade de São Sepé, como aluna interna, e lecionava em uma escola municipal de educação infantil da sua cidade, era filha de agricultores que, entre outras, se dedicavam ao plantio e colheita do fumo. No mês de setembro de 1979, os dois contraem matrimônio. Em janeiro de 1980 nasce o primeiro filho do casal, o qual leva o nome do pai: Cláudio Júnior Bolzan.

No final de 1979 o senhor Bolzan, pai, assume uma vaga na destacada empresa multinacional alemã STIHL – Ferramentas Motorizadas na cidade de São Leopoldo, na região metropolitana da grande Porto Alegre. Cidade está em que fixa residência e em pouco tempo, alguns meses, sua esposa e o seu filho recém-nascido também chegariam. No ano de 1983, no primeiro mês do ano, nasce o segundo filho do casal, dessa vez uma menina, a qual recebe o nome de Jamile Bolzan. Em São Leopoldo o senhor Cláudio Bolzan residiu a maior parte de sua vida no bairro Pinheiro, em uma casa situada aproximadamente 2 km do centro da cidade. Após a sua demissão na empresa Stihl, Cláudio veio a trabalhar em diversas outras fábricas do segmento ligado ao universo dos implementos agrícolas.

Cláudio Bolzan veio ao mundo no seio de uma família em que, mesmo residindo aproximadamente 400 km distante da capital, um forte sentimento de apreço pelo time do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense era comungado por seus membros. E, com ele, essa ligação ao futebol do time tricolor da capital não se fez diferente. Foi assim, gremista e ligado ao esporte aqui abordado de uma forma bastante aficionada, como espectador dos embates dentro dos estádios e como um atento ouvinte do noticiário e programas futebolistas que Cláudio Bolzan chegou a cidade do índio capilé. E é essa história, da sua chegada a cidade do Vale do Rio dos Sinos e do seu contato com o Clube Esportivo Aimoré que queremos aqui nos centrar.

O senhor Cláudio Antônio Albinelli Bolzan veio a óbito no mês de junho do ano de 2000 com 45 anos de idade.

5.2 O FUTEBOL COMO “CIMENTO” SOCIAL: A IDENTIDADE LOCAL

“Ao extrapolar o campo, está ideia fundamental da disputa territorial, contida no futebol, ganha o mundo profano e a cidade se metaforiza em futebol” (GOMES, 2006. p. 242). Em que o futebol pode contribuir para selar laços sociais entre diferentes pessoas dentro de uma determinada comunidade? A prática esportiva profissional do futebol, a partir de seus clubes, sempre ligados a uma determinada localidade, de que forma poderia contribuir para a produção e circulação de uma determinada identidade local? Primeiro precisamos pensar um pouco a respeito do que seria e o que representaria esse conceito de identidade.

Para pensarmos melhor a respeito da ideia de identidade, de identidade local e de localismo, vamos começar nos apoiando no pensador jamaicano Stuart Hall (1992), mais especificamente em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*.

Gostaríamos de começar citando um pequeno trecho do livro acima mencionado, onde Stuart Hall (1992) afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito ínfimo” (p. 07). O recorte destacado do texto do jamaicano Stuart Hall poderia ser usado para ilustrar um pouco do que vemos no futebol aimoresista. Por mais que na mídia gaúcha (e na nacional se repita a exaustão) se leia, e se escute, que o estado do Rio Grande do Sul é dividido pelo amor aos times que compõem o clássico disputado entre as duas grandes forças do estado, nos referimos aqui ao encontro esportivo entre o time do Grêmio e o time do Internacional, que leva a alcunha de GreNal, e que, ainda, seria impensável fazer uma troca de identidade, incluso no estado mais ao sul do Brasil existe uma séria rivalidade de ordem simbólica entre as cores vermelho e azul, contendas entre patrocinadores dos clubes em questão e até, como já mencionado, na política. Para um gremista fanático é impensável vestir vermelho e para um colorado doente pelo Internacional de Porto Alegre o azul se faz uma cor interdita. Um “estrangeiro” (de outro estado do país, sem estar ligado aos códigos desse “grande futebol”, lembrando do argumento do Aimoré como futebol menor) pode até se meter em uma enrascada, como é possível ver narrado em uma série de comerciais de empresas populares no estado, como o caso de uma famosa marca local de cerveja, denominada de Polar, de um conhecido curso pré-vestibular, da escola Universitário, e do banco público do estado do Rio Grande do Sul, o Banrisul. Comerciais amplamente veiculados nos canais locais de televisão⁴¹.

Vale destacar que o pensador dos estudos culturais, o sociólogo Stuart Hall (1992), parte de uma posição, como propala ele próprio, “basicamente simpática a afirmação que as identidades modernas estão sendo ‘descentradas, isto é, deslocadas, fragmentadas’” (p. 8). Logo em seguida, na próxima página do mesmo livro acerca da identidade cultural, segue o jamaicano: “isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (p. 9).

A partir do trecho exposto não há como não recordar de outro texto, para o trabalho em tela um artigo fundamental, de outro autor. Falamos aqui do vicentino Nicolau Sevcenko

⁴¹Um desses comerciais citados no texto pode ser conferido, a título de curiosidade, pelo leitor no endereço que segue logo abaixo. Nos referimos a Campanha Universitário – Grenal ([20--]).

(1994) e do seu texto, o hoje clássico para os estudos do esporte bretão, *Futebol, metrópoles e desatinos*, publicado inicialmente na Revista da Universidade de São Paulo no seu número 22, no dossiê sobre o futebol, no ano de 1994. Artigo onde o professor de história cultural da Universidade de São Paulo afirma que “o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva”(pág. 35). Não há como não imaginar aqui, retornando o nosso pensamento para o início do ano de 1980, na chegada de Cláudio Bolzan em São Leopoldo.

Mas o que queremos aqui frisar, a partir das duas citações a pouco mencionadas de Stuart Hall, é que quando nós nos imiscuídos nos meandros do futebol, no caso específico das competições profissionais deste esporte em nível regional no estado do Rio Grande do Sul, a identidade opera em diversas camadas, não necessariamente excludentes e nem automaticamente includentes. Na cidade de São Leopoldo, para ficarmos no exemplo do Clube Esportivo Aimoré, mas poderíamos encontrar esse fato em diversos outros estádios onde jogam pequenas e modestas equipes locais, que representam o município em que mandam os seus jogos, é que os rivais azuis e vermelhos podem se “irmanarem” no clube local, e aí a importância das cores assume outra dimensão. O Aimoré que tem no seu uniforme principal, segundo o seu estatuto, as cores branco e azul, tendo o destaque maior para o azul, não há objeção alguma de um torcedor colorado em vestir essas cores quando o mesmo se “traveste” (com todas as aspás aqui necessárias) de aimoresista e vai ao estádio defender a sua cidade, seja natal ou “apenas” a de sua residência. Afinal, o gentílico de qualquer cidade serve para aquele que nasce e ou vive na cidade. Leopoldense, e ou capilé, é aquele que nasce em São Leopoldo, mas não só, é também aquele que por qualquer motivo esteja vivendo na cidade. Na prática o filiar-se ao Aimoré, e trajar uma camisa do clube, seja nos jogos e ou pelas ruas da cidade, parece que pode ajudar a sentir-se leopoldense.

Mas, voltando aqui a questão das camadas do torcer, entre um dos grandes clubes da capital e o time local, bem como das cores opositoras que podem se imiscuírem, temos um exemplo para pensar. Nos anos recentes, no primeiro quarto da década de 2010, o Aimoré teve como seu presidente um senhor que desempenhou papel de relevo em termos de conquistas para o clube, bem como de mobilização e engajamento do município, tanto de torcedores, quando da mídia e dos empresários locais. Esse presidente em questão, Felipe Becker, era completamente ligado as cores do clube da sua cidade natal e de residência, São Leopoldo, inclusive consta na sua história biográfica alguns familiares antepassados que ocuparam

importantes cargos no clube⁴². O que convém comentar é que além de presidente do CE Aimoré esse senhor também ocupava cargo de conselheiro no Internacional de Porto Alegre, que teoricamente deveria se configurar com um rival do índio de São Léo. Incluso, cabe destacar, em um dos jogos mais importante do Aimoré, durante a sua presidência, e que ficou “imortalizado” no filme documentário *Aimoré - 259 Dias* (2013) é possível ver esse senhor a época presidente do clube trajando uma jaqueta cinza com detalhes vermelhos e com um pequeno escudo do Internacional dentro do campo de jogo. Jaqueta está que se descortinava por sobre uma camisa do clube que presidia.

Lembro que ao assistir as imagens do jogo na época, bem como da sobreposição de símbolos, do Internacional e do Aimoré, antes da existência do citado documentário, me chamou bastante a atenção o fato sobretudo por se tratar de um dirigente do clube. Em minha reflexão tendo a acreditar que essas contradições acabam, via de regra, por passar despercebido, tendo alguns poucos torcedores a iniciativa de tecer comentários e críticas sobre a bifiliação clubística (que em alguns espaços do futebol militante é chamado de mistos). O que me pergunto também é, se, o que muitos consideram, digamos assim de forma bastante conservadora, ser uma gafe, acontecia de forma espontânea e ou pensada, tendo em vista o caso aqui comentado de um importante dirigente do clube.

Bem, estaria assim o futebol do Aimoré cumprindo um papel de irmanar os diferentes, no caso gremistas e colorados, em um só projeto: que seria torcer para o time de São Leopoldo? Parece que, como já comentando, seja algo bastante comum nas mais variadas praças esportivas profissionais pelas pequenas e medias cidades do país. O que nos remete a mais uma vez pensar na importância que a identidade local, de cidade, ocupa nas cores dos pequenos e modestos times do futebol menor.

Não podemos esquecer que o futebol também é um processo de catarse. Como define muito bem Nicolau Sevcenko (1994), quando afirma que “na platéia, o torcedor frui o desempenho físico do jogador para levar ao clímax a sua descarga nervosa: goooooooooool!” (p. 36). Ou ainda, invocando aqui um pequeno trecho do hino de um dos

⁴² Felipe Floriani Becker é um nome de destaque no esporte local, foi presidente do Aimoré pelos anos de 2013 e 2014. Seu pai João Augusto Becker foi presidente do clube índio nos anos de 1985, 86, 87 e 88. Em 2011 foi inaugurado no estádio do Aimoré um pátio em homenagem ao antigo presidente João Becker, pai de Felipe. Em matéria acerca do evento de inauguração, no blog dedicado ao futebol gaúcho *Copero FC*, podemos ler: “logo após, a palavra foi passada ao Dr. Telmo Hoeffel que falou um pouco da história do ex-presidente João Augusto Becker no clube, da amizade entre ambos e que principalmente o que o ex-presidente tinha de maior era o coração, pois sempre estava pronto para ajudar, tanto ao clube, quanto as pessoas que o procuravam. Contou também que o segundo time do ex-presidente João Augusto Becker era o Sport Clube Internacional, então nada mais justo do que se fazer esta homenagem em um jogo entre Aimoré e Internacional” (AIMORÉ..., 2011). Atualmente Felipe Becker, que é conselheiro do clube colorado desde 2010, é também diretor da categoria Sub 20 do Sport Club Internacional (LEOPOLDENSE..., 2021).

times rivais do Aimoré, e da cidade vizinha de onde o clube pega o nome emprestado, falamos do Esporte Clube Novo Hamburgo e da frase que canta: “Nosso grito é bem forte e guerreiro, que explode na hora do gol”. Quem já frequentou as arquibancadas de um estádio de futebol sabe bem o que representa o momento do gol em uma partida. O gol é a hora em que os estranhos se abraçam, é o momento em que de fato as pessoas se irmanam. Ainda em Sevcenko (1994, p. 36) encontramos uma boa definição do torcer e do afã que entram os torcedores:

Na língua portuguesa, aliás, esse elemento de tensão fica claramente evidenciado pela denominação dada à criatura: o torcedor; aquele que se torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times em campo.

Durante o processo dessa pesquisa, comentando em conversa informal com o amigo, de longa data, Claudio Júnior Bolzan, acerca de algumas descobertas nos jornais *Correio de São Leopoldo* referentes ao Aimoré e ao futebol profissional jogado em nossa cidade a partir da data de fundação do clube índio, em março de 1936, foi que chegamos primeiramente a algumas notas biográficas do senhor pai, o também Claudio. Nossa amizade sempre se fez permeada por questões e temas de interesses que tangem as diversas facetas da nossa cidade natal, dos mais diversos espectros: política, cultura, religião, música e, nesse caso, o futebol. Desta feita, motivados pelo diálogo que travamos sobre o futebol capilé, resolvemos marcar uma visita a alguns estádios da região. Acabamos indo no Estádio Monumental do Cristo Rei, caso do Aimoré, e no Estádio Arthur Mesquita Dias, morado do Sapucaense, em uma data que coincidiu de ambos estarmos por *São Léo*.

Foi justo em uma visita mais demorada pelas dependências do modesto estádio do Sapão, na cidade vizinha de Sapucaia do Sul, que, Claudio Júnior e eu, conversamos com mais tranquilidade em relação a vinda do seu pai para São Leopoldo e do seu envolvimento com o time do Aimoré. Por acaso naquela ocasião os juniores do time do Sapucaense enfrentaram os jogadores do Internacional de Santa Maria. Claudio Jr. trouxe a tona a chegada do interior rural, de uma zona de influência da cidade de Santa Maria, ao município industrial e metropolitano leopoldense por seu pai, comentou sobre o sentimento pelo Grêmio que começou a dividir espaço desde os anos de 1980, quando fixou residência em terras *colonas*, com o então descoberto time alvi-azul local. Incluso levantou, o que até o momento era uma hipótese sustentada pela sua mãe e viuvá do senhor Claudio, que o seu pai possivelmente

tenha se afeito ao distintivo do Aimoré em sintonia com as novas amizades que começava a firmar com seus colegas da empresa Stihl, onde estreava um novo cargo profissional. Escutava esse relato e ao mesmo tempo me sentia remetido ao texto clássico, do historiador consagrado e professor da Universidade de São Paulo, Nicolau Sevcenko, refiro-me aqui ao artigo *Futebol, metrópoles e desatinos* (1994). A partir desse momento foi crescendo a ideia de que a biografia, ou parte dela, do senhor Cláudio Antônio Bolzan poderia ter uma contribuição ao trabalho. Afinal, em outras palavras, o que o seu filho, e meu amigo de infância, levantava era que o Aimoré poderia ter sido o cimento social “para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva” (SEVCENKO, 1994. P. 35). Artigo esse que em um momento oportuno comentei e posteriormente compartilhei, por correio eletrônico, com nosso entrevistado, com vistas a ilustrar e dialogar com os momentos biográficos do seu pai que aventávamos.

Fazemos aqui um pequeno movimento para fora do estado do extremo sul do Brasil. A ideia é, com o uso de alguns outros exemplos, tentar pensar sobre as particularidades do viver, a partir dos clubes de futebol do Rio Grande do Sul, os territórios que estamos pensando. Por exemplo: falaremos agora de algumas torcidas de um importante estado da região nordeste do país.

A *Cearamor*, torcida criada no ano de 1982 na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, tem como um de seus lemas a seguinte frase: “dominando essa cidade!!!”. Antes de comentarmos essa frase, convém falar que a Cearamor, como o nome deixa transparecer, é a torcida organizada do time do Ceará Sporting Club. Por sua vez o Ceará junto dos times do Fortaleza Esporte Clube e do Ferroviário Atlético Clube formam a principal força do futebol profissional no estado nordestino do Ceará. Os três clubes tem ainda em comum o fato de estarem inseridos na cidade de Fortaleza, o que torna as disputas entre eles clássicos recheados de bastante rivalidade. Dito isso a consigna da torcida Cearamor, “dominando essa cidade!!!”, assume um papel de disputa por identidade regional, por localismo. Comentamos acerca dessa realidade para pensarmos que é possível que cada região do país os pequenos e médios clubes operem com suas características particularidades ligadas ao seu território. Parece que a disputa pelo “domínio da cidade” não se dá apenas com os times locais, como comentaremos abaixo.

Os clubes da cidade de Fortaleza, mesmo quando estão ocupando importantes postos nas séries principais do futebol nacional, disputam, e muitas vezes perdem, a atenção dos cidadãos da capital e do interior do estado do Ceará, para os chamados grandes clubes do eixo Rio-São Paulo. Por exemplo no presente ano de 2020 o time do Fortaleza, o Tricolor de Aço,

disputa a Série A do brasileiro, série a qual se soma o Ceará, conhecido como o Vovô. Já o Ferroviário, também chamado de Ferrão, atualmente joga a Série C do nacional.

O conceito de *misto* opera de forma muito forte no universo dos torcedores militantes no futebol do Ceará, com inclinação a acreditarmos que de forma similar segue forte tendência no nordeste do país como um todo. Misto é aquele que além de torcer para o time local afirma ter um, ou mais times, em outros estados da federação. No caso de Ceará os times de São Paulo e Rio de Janeiro são os mais fortes.

Para protestar contra esse sentimento misto no ano de 2019 a torcida organizada do Fortaleza, a TUF, protagonizou a realização de um mosaico como forma de criticar os mistos, mais especificamente os que torcem pro Fortaleza e pro time carioca do Flamengo ao mesmo tempo (TORCIDA DO FORTALEZA..., 2019). O vídeo com a ação em questão pode ser visto no YouTube.

Dito isso voltamos ao contexto do estado do Rio Grande do Sul, e do seu futebol interiorano, onde a penetração dos clubes de outros estados tende a quase que completa nulidade. Com um caso ou outro, de forma muito pontual, não encontraremos um torcedor aficionado pelo esporte do chute a bola, que vá acompanhar um time de outro estado. Assim que a relação de duplicidade, de disputas e contradições, vai se estabelecer entre os clubes da capital e do interior. Incluso a ideia de misto, de quem torce por um dos dois grandes times da capital e para o seu time local, no estado dos gaúchos é muito incipiente. A ideia de misto no futebol gaúcho é alentada pelo movimento Anti-Grenal e tem pouca penetração, mesmo nos torcedores militantes.

Figura 15 – Faixa Anti Grenal na torcida do Brasil de Pelotas



Fonte: GAÚCHOS ANTI GRE-NAL. Pelotas, 2007. Facebook: [gauchosantigrenal](https://pt-br.facebook.com/GauchosAntiGrenal/). Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/GauchosAntiGrenal/>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Mas é importante destacar que, acreditamos ser possível que, uma série de outros acontecimentos sociais e culturais na cidade de São Leopoldo possam contribuir para uma capilaridade do clube na cidade. O que imaginamos que pode também despertar sentimentos e imaginários em torno do Aimoré, bem como do seu papel como um símbolo da cidade, como um representante da cidade e do cidadão de *São Léo*. A este respeito poderíamos, por exemplo, citar o trabalho de algumas escolas de samba de São Leopoldo.

No carnaval do ano de 2012, em São Leopoldo, a escola de samba *Estação Primeira de São Léo* homenageou o Clube Esportivo Aimoré. A escola foi responsável por levar a passarela do carnaval leopoldense o samba enredo “O Bravo Índio Capilé”. O enredo é uma homenagem aos 75 anos do clube, a época. Mesmo período em que o time disputava a terceira divisão do Campeonato Gaúcho de Futebol Masculino. A Sociedade Recreativa Cultural Estação Primeira de São Léo, ou simplesmente Estação Primeira de São Léo, foi fundada em 17 de março do ano de 2007. Tal homenagem foi tratada em tela pelo site Click RBS, um importante portal de notícias no Rio Grande do Sul, ligado ao Grupo RBS (Jornal Zero Hora, Rádio Gaúcha, TV RBS – Filiada a Globo) com a chamada “O futebol de São Leopoldo na avenida”.

Em 2004, em pleno licenciamento do Aimoré, a Sociedade Cultural Beneficente Acadêmicos do Rio Branco, ou apenas Acadêmicos do Rio Branco, como é chamada pelos consumidores do carnaval local, já havia rendido tributos ao clube índio, com um enredo de nome econômico: *Aimoré*. A Acadêmicos do Rio Branco é a entidade carnavalesca mais antiga da cidade em atividade, obtendo oito títulos de campeã cidadina ao longo de sua história. Foi fundada no dia 17 do mês de abril de 1982 e o seu primeiro desfile ocorreu no ano de 1984.

O desfile das escolas de samba do carnaval leopoldense ocorrem tradicionalmente na Avenida Dom João Becker, no centro da cidade, a qual conta com arquibancadas laterais e camarotes para as autoridades. Espaço que é usado também para diversas outras comemorações e eventos no município. A título de curiosidade o Carnaval de 2019 contou com o desfile das seguintes escolas de samba: Império do Sol, Estação Primeira de São Léo, Alambique Leopoldense, Leões da Feitoria, Acadêmicos Verde e Rosa e Imperadores do Sul (FERREIRA, 2019).

Outra atividade que podemos destacar na cidade é o Dia do Colono: o qual se comemora no dia 25 do mês de julho. Essa data é a principal festividade municipal no ano e é considerado o dia de homenagem aos imigrantes alemães, que na narrativa oficial são os responsáveis pelo aparecimento e crescimento da cidade. O município se envolve com a *São*

Leopoldo Fest, tendo como ponto principal dos festejos um desfile que se realiza na principal rua da cidade, a Avenida Independência, popularmente chamada de Rua Grande, no Dia do Colono que é feriado municipal. Cabe comentar que é comum no desfile do Dia do Colono o Aimoré ser convidado para participar, tanto com a instituição desfilando como com a cidade aproveitando o espaço para homenagear o time local.

Uma outra série de atividades de menor envergadura, se comparadas com o carnaval e ou o dia do colono, poderiam por nós ser aqui mencionadas, como por exemplo atividades ligadas ao SESC – Serviço Social do Comércio. Como podemos ler em seu site na internet: “São Leopoldo recebe a 1ª Corrida do Aimoré em março” (SÃO LEOPOLDO..., 2019). Esta corrida se deve a comemoração do aniversário índio e é uma realização conjunta do Clube Esportivo Aimoré e do SESC São Leopoldo.

Pensamos, e por isso comentamos acerca, que essas atividades servem tanto para impulsionar uma capilarização do time e do futebol do Aimoré por diversas camadas da cidade, assim como demonstram também a importância que o clube índio cumpre na organização desse sentimento de ser leopoldense, muitas vezes difuso entre as diversas ideias de São Leopoldo, e que como um time que leva o nome para fora da cidade, e em algumas oportunidades para fora do estado, cumpre também um papel de embaixador de um sentimento *colono capilé*.

5.3 O AIMORÉ COMO “CIMENTO” ENTRE (NOVOS) LEOPOLDENSES

Num estádio ninguém mais é João ou José, pedreiro ou historiador, com contas a pagar, briga na família ou disputa com o empregador. No estádio, pela transmissão e repercussão da mídia, uma nação surge, vibra e luta por noventa minutos, mais descontos (SEVCENKO, 1994, p. 36).

Quem acompanha o cotidiano do torcer, e dos clubes do futebol profissional, sabe bem que o futebol está armado a partir da rivalidade. Em São Leopoldo a coisa não acontece de forma muito distinta. Para que um sujeito se irmane com os outros leopoldenses, pensando em termos de cidade, mas, a partir dos jogos do Aimoré, é preciso que exista, ou existam, inimigos. Um outro é preciso. Não por acaso, como já falamos inúmeras vezes, os torcedores, sobretudo os militantes, do Aimoré buscam seus rivais em Novo Hamburgo, com mais intensidade, e Sapucaia do Sul, cada vez menos. Afinal, como lemos em Sevcenko (1994, p. 35): “Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas imensas comunidades rivais, arrastadas aos mais apaixonado estado de loucura, quando

os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos”.

Os torcedores do Aimoré buscam essa divisão (anseiam esse *outro*), como não existe essa possibilidade na cidade de São Leopoldo (por não existir outro clube profissional de futebol na ativa) se recorre às outras cidades da região. A questão de escalas opera nessa lógica de rivalidade: a dupla GreNal ocupa um outro plano, muito mais acima (e sem julgamento de valor moral aqui) que o plano por qual joga bola o time índio, afinal os grandes de Porto Alegre jogam a *Taça Libertadores da América* e a Série A do campeonato brasileiro. Dessa feita, produzindo uma rivalidade com times de outras cidades, no entorno de São Leopoldo, se cria também uma disputa com as outras cidades. Por um lado, isso pode servir para irmanar gremistas e colorados em torno das cores do aimoré, as quais acabam sendo as cores da cidade capilé. Como já citado neste trabalho: no campo do Aimoré é possível ver um colorado vestindo azul. Lembramos aqui que a rivalidade, que de antemão nos faz pensar em separações, situações, pode servir para aglutinar *outros*.

No que escapa o esporte, digamos assim, em uma rivalidade entre as duas cidades, vizinhas e que disputam protagonismo dentro do espaço do Vale do Rio dos Sinos conversamos com algumas pessoas da região. Destacamos um trecho de um diálogo com uma pessoa que vive com bastante intensidade os dois municípios. Estamos nos referindo ao senhor Sérgio Mittmann dos Santos, o qual é natural de São Leopoldo, onde reside até hoje, mas que, por conta de uma carreira profissional na indústria e na educação, acabou precisando transitar em empresas e em escolas da sua cidade, bem como das cidades de Novo Hamburgo e de Sapucaia do Sul. Além de, por muitos anos ter residido no Bairro Scharlau, o qual além de fazer divisa com a cidade de Novo Hamburgo, possui também um passado de anseio emancipatório⁴³. Sérgio, que é doutor em física e atualmente professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, lecionando no município de Porto Alegre, trabalhou por anos como professor na rede pública estadual de educação do Rio Grande do Sul. Em nosso diálogo comentou que presenciava em Novo Hamburgo, cidade maior em termos populacionais e na época, nos anos de 1990, economicamente mais pujante que *São Léo*, cidade que se vendia como a “capital nacional do calçado”, um total desconhecimento de seus colegas no que tratava a vida no vizinho município capilé. Dava a entender que a vida do homem, e da mulher, comum em *Nóia*, se desenvolvia de costas para a cidade do Aimoré. Já, em sua experiência como professor na cidade de Sapucaia do Sul, município mais jovem e

⁴³O bairro Scharlau já passou por dois plebiscitos que buscavam a sua emancipação política de São Leopoldo, tendo fracassado em ambos.

consideravelmente menor em termos populacionais, era evidente um olhar atento para a vizinha São Leopoldo. Não raro se nutria, e se comunicava, em Sapucaia, segundo nosso entrevistado, um sentimento de desejo de mudar-se para São Leopoldo. A frente, nosso interlocutor, completa que “em São Leopoldo tínhamos a ideia de que as pessoas de Novo Hamburgo eram todas arrogantes e lá parece que eles nem sabiam da existência dos leopoldenses”. Compete lembrar que ambas as cidades, Novo Hamburgo e Sapucaia do Sul, tem suas origens dentro do mapa leopoldense. *Nóia* tem como data de sua emancipação o dia de 5 de abril de 1927, enquanto *Sapuca* o dia de 20 de agosto de 1961.

Uma coisa ainda hoje aproxima São Leopoldo e Novo Hamburgo: a apropriação de um passado apoiado na imigração alemã. Por exemplo, podemos invocar aqui o hino da cidade de *Nóia*, o qual é uma composição assinada por Délcio Tavares. Compositor e intérprete nascido em Tenente Portela, cidade do norte do RS e na divisa com SC, e morador de Novo Hamburgo, Délcio Tavares é um conhecido nome da música regional nativista, reconhecido por misturar a tradição gaúcha com a música italiana e auto assumido como cantor ítalo gaúcho. O hino carrega consigo a ideia, similar ao hino de São Leopoldo e creio de outras tantas cidades que se apoiam na narrativa dos imigrantes valentes que vieram “lá do fim do mar” e que “desbravando estas terras, trabalhando sem parar [...], fez o Vale prosperar”. Uma breve pesquisa e escuta ao hino da cidade Joinville, em Santa Catarina, podemos encontrar algo similar: onde afirma que a cidade “és a glória dos seus fundadores, és o monumento aos teus colonizadores”. Com destaque para a estrofe: “Depois foram lutas e penas, Mas nunca o herói fraquejou, Com sangue, suor e com lágrimas Do seu próprio corpo teu solo irrigou”.

Recorremos aqui ao hino da cidade vizinha numa tentativa de tornar mais evidente as questões que aproximam os dois municípios, mas que servem também como pontos de disputa: falamos aqui do discurso do passado imigrante, de origem alemã etc. Lembrando que Novo Hamburgo era um distrito da cidade de São Leopoldo e se emancipou politicamente no dia 5 de abril de 1927. Incluso o município ostenta também um hino, esse em versão samba canção, em homenagem ao seu cinquentenário de emancipação, hino que muitas vezes é usado pelo clube de futebol profissional da cidade em seu estádio. Destacamos a última estrofe: “Cinquenta anos depois, De glória emancipação, Viva o cinquentenário, A cidade do meu coração”.

Comentamos já anteriormente, mas creio agora ser momento oportuno para lembrar: que a Marcha do Imigrante, que corresponde ao hino da cidade leopoldense, e o hino do Clube Esportivo Aimoré, compartilham a mesma autoria e composição. Ambos tem a sua letra

assinada por Danilo Silva e música pelas mãos de Ary Georg. Incluso nos anos de 1990, por iniciativa da prefeitura municipal de São Leopoldo, foi distribuído um pequeno disco em vinil, de sete polegadas, na cidade, com o hino do Aimoré de um dos lados e o hino de São Leopoldo, a Marcha do Imigrante, do outro.

Dito isso, perguntamos ao nosso entrevistado, o senhor Claudio Júnior, se ele lembrava de alguma menção do seu falecido pai ao time e ou a cidade de Novo Hamburgo, alguma recordação que nos desse margem para estabelecer a possibilidade de existência na época, nos anos de 1980, de alguma jocosidade entre os times e as cidades. Entretanto obtivemos resposta negativa, nosso parceiro de conversa não mantinha nenhuma recordação nesse nível. Mas comentou, como em outras oportunidades já havia narrado, da espécie de treinamento que seu pai fazia perante uma possível partida entre o Grêmio e o Aimoré, deixando sempre claro que o importante nesse caso seria estar ao lado do time índio.

Afinal, quais seriam as motivações para essa quase obsessiva necessidade de rivalidade que parece ser presente na longa história do *fussball*? Sevcenko (1994, p. 35) escreveu o seguinte sobre esse questionamento:

Essas misteriosas e para sempre inconciliáveis divisões ocorriam por diferentes motivos, ora opondo católicos contra protestantes, irlandeses ou gauleses contra anglo-saxões, trabalhadores especializados contra não-especializados, residentes antigos da cidade contra imigrantes recentes e o que mais se imaginar, muitas vezes várias dessas razões agindo ao mesmo tempo. Mas o fato notável era como a massa da população trabalhadora se via toda ela envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol.

Isso nos faz imaginar, a partir das próprias palavras do nosso informante, o senhor, e filho, Claudio Júnior, que seu pai, recém chegado à cidade leopoldense, e entrando em um novo espaço de compartilhamento de experimentações, profissionais e sociais, tenha tido no futebol um contributo para fazer ele se sentir parte integrante de uma parcela da “população trabalhadora” de São Leopoldo que “se via toda ela envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol” (SEVCENKO, 1994, P. 35).

Falamos das rivalidades e das jocosidades, possíveis e imaginadas, entre as cidades do Vale do Rio dos Sinos que jogam profissionalmente o futebol e que a partir dos seus clubes podem experimentar essas disputas e esses embates, entre outras questões, pensando no argumento do geógrafo Paulo César da Costa Gomes (2006, p. 234), no qual afirma que “um dos elementos fundamentais que cria a grandeza, a popularidade e a sedução do espetáculo de uma partida de futebol se situa na capacidade de metaforizar um combate territorial”. Argumento esse que reforça nossa ideia de que a filiação à escudos do interior, sobretudo

quando essa ligação ao clube se dá em uma segunda camada de escolhas clubísticas, se dá como uma opção em defesa da cidade e de uma ideia de cidade.

Dessa feita recordamos de Pierre Félix Bourdieu, o conhecido sociólogo francês, e de uma charge publicada no Jornal de Piracicaba a respeito do time da cidade, o XV de Novembro de Piracicaba. Falamos da afirmação de Bourdieu (2007 p. 185), na qual o mesmo defende que “o real é um campo em disputa para definir o que é o real”. Já a charge que presenciei publicada nas páginas do Jornal de Piracicaba, o JP, no ano de 2016, consistia em uma imagem em que apareciam três senhores, um desses homens era desenhado trajando uma camisa do time de futebol da cidade, o XV de Piracicaba, e as outras duas pessoas apareciam conversando. Um senhor pergunta ao outro se o terceiro, o que farda a camisa do time local, o *Nhô Quim* (o mascote do time), tinha comprovante de residência e eis que o senhor interpelado responde que sim, apontando seu dedo para a camisa do XV. A charge assim tentava expressar e propagar que a cidade se orgulha de algo, nesse caso o sentimento local de apreço pelo time da cidade. É algo bastante comum encontrarmos pelas ruas da cidade pessoas de diversas idades trajando a camisa do “XVzão”, como é carinhosamente apelidado. Incluso posso relatar aqui minha experiência pessoal, tendo, na condição de professor de filosofia em diversas escolas da redes estadual paulista de educação, vivido na cidade por três anos e conhecido e convivido com muitas pessoas, incluso jovens alunos dessas escolas, que se apresentavam como torcedores do, e apenas do, Esporte Clube XV de Piracicaba. Como, publicações como essa charge, partindo de uma entendimento apoiado em Bourdieu, podem contribuir para incentivar um sentimento de localidade, a partir da prática do torcer pelo clube local?

Fato é que esse sentimento de cidade que torce pelo seu clube, que comentamos que de alguma forma ainda se descortina com maior força em Piracicaba, distante 150 km da capital São Paulo, é compartilhado com nomes importantes da crônica esportiva brasileira. Um desses nomes, e que nos referimos aqui, é o do cineasta Ugo Giorgetti. O cineasta paulistano, diretor de inúmeros filmes, alguns deles sobre o esporte aqui tratado, como por exemplo *Boleiros – Era uma vez o futebol* (1998) e *Boleiros 2 – Vencedores e vencidos* (2004), é também colunista do jornal Estado de São Paulo, o *Estadão*, onde escreve majoritariamente sobre futebol. Em uma de suas colunas, no começo do mês de abril de 2014, Giorgetti escreve: “Contam-se nos dedos os que permanecem fiéis a seus times, como Piracicaba – com o seu XV – ou então o bravo Linense e também em Sorocaba com o tradicional São Bento”. Nesse texto em específico o cineasta defende a ideia de que no “*interland* brasileiro” o futebol dos times locais havia sido abandonado. Nas palavras do

próprio: “ninguém mais torce pelos times do interior, a começar, principalmente, pelos próprios habitantes da cidade. A cidade, seja de qualquer porte, é a primeira a abandonar o clube quando ele entra numa fase particularmente ruim e começa a desmoronar”. Mas observamos que no próprio texto do autor e cineasta existem algumas exceções, times e cidades do interior do estado em que vive, a saber São Paulo.

Com essa ilustração queremos observar que o que muitos se referem quando falam da melancolia do futebol no interior passa nesses últimos anos possa estar ligado as camadas do torcer. O tempo em que, pelo imaginário compartilhado por muitos, torcer pelo time da cidade com exclusividade era a tônica já não existe mais, o que não quer necessariamente dizer que as pessoas dessa cidade não se importem com o futebol local e nem que nele não depositem desejos e esperanças. Como falamos em muitos momentos aqui, acreditamos que, assim como fora do futebol, na sociedade de forma alargada, citado Stuart Hall (1992, p. 07), “as velhas identidades” [...] “estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”, o próprio torcer se encontra de forma mais fragmentada. Incluso, quem vive de perto do universo do futebol sabe que até mesmo os grandes clubes brasileiros estão ameaçados em termos de exclusivismo clubístico. Não raro novas gerações de torcedores se afirmam, e consomem amplamente artigos que estejam ligados, aos clubes europeus de maior sucesso e vitória no momento.

Mas esses clubes do interior, assim como quaisquer outros, contam com seus torcedores. Afinal, como afirma o título de uma reportagem no caderno de esportes do Jornal Vale dos Sinos no sábado 21 de abril de 2018: “Aimoré conta com a torcida para reencontrar a vitória”.

5.3.1 A “primeira” Geração De Leopoldenses Nascidos Em São Leopoldo

“Um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais” (SEVCENKO, 1994, p. 35). A cidade de São Leopoldo contava com aproximadamente 90 mil almas capilés no início dos anos de 1980. Hoje em 2020 é de aproximadamente 240 mil, segundo dados do IBGE⁴⁴. Não era incomum, na minha geração, encontrar pessoas, amigos e colegas de colégio, por exemplo,

⁴⁴ Segundo dados do censo do IBGE em 1970 em São Leopoldo existia uma população residente de 64433 pessoas. Já em 1980 eram 98588 almas capilés. No censo de 2010 o IBGE registrou 214.087 pessoas e em 2020 a população estimada era de 238.648 pessoas (SÃO LEOPOLDO, [20--]).

que seus pais eram de fora da cidade. Incluso brincávamos entre nós, meus companheiros e eu, nos quais se inclui o filho do Senhor Bolzan, meu contemporâneo Claudio Júnior Bolzan, que éramos a primeira geração de leopoldenses. Meus pais, assim como os dele, eram nascidos em outras cidades e aportaram na cidade do Vale do Rio dos Sinos em busca de uma nova vida. No caso da minha família, meus pais chegaram ainda crianças, quando as suas famílias deixaram suas cidades de origem, a saber: meu pai de Maquiné e minha mãe de Três Forquilhas, ambos municípios integrantes da região do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul, em busca de melhores condições de sobrevivência, leia-se empregos nas indústrias da cidade. Cabe destacar que São Leopoldo desde aquela época era morada de empresas importantes no cenário estadual, grande parte delas dedicadas a metalurgia, incluso meu pai, que veio a se formar no curso de mecânica na escola do SENAI Lindolfo Collor de São Leopoldo e teve a vida toda dedicada a indústria metalúrgica comentava que recordava ainda de muito *piá* (menino), nas ruas de terra na sua cidade natal rodarem carros de som anunciando vagas de emprego nas fábricas situadas na cidade leopoldense, acreditando ele que essa era um dos motivos de seus irmãos mais velhos terem optado pela cidade. A história relatada por minha mãe e meus tios maternos é bastante similar.

No caso específico do senhor Claudio Bolzan sua chegada em São Leopoldo passou antes pela cidade de Guaíba. Conta seu filho, a partir de relato narrado por sua mãe e por ele transmitido em entrevista *on-line* pela ferramenta do *Google Meet*, que seu pai, o Sr. Bolzan, recebeu o convite, após ser desligado da empresa fumageira Souza Cruz, para que fosse a cidade onde seu irmão mais velho estava morando e trabalhando em uma grande indústria local. A cidade em questão é a a pouco, por nós, comentada Guaíba. Município que fica afastado da capital gaúcha "apenas" pelas águas do, chamado por uns de rio e por outros de lago, complexo Guaíba. Hoje a cidade conta com uma ligação por água, a partir do serviço de barcos no modelo catamarã operados pela empresa *CatSul - Travessia Porto Alegre Guaíba Transportes*, trajeto que dura aproximadamente 30 minutos. Serviço esse que teve início em 2011. No período de alguns meses, em que o Senhor Bolzan esteve na cidade de Guaíba procurando emprego, o trajeto só podia ser feito por terra, de carro ou de ônibus. Lembrando que entre os dois municípios a travessia é servida pela *Ponte do Guaíba*, cujo nome oficial é *Ponte Getúlio Vargas*, e se constitui em uma ponte móvel, a qual pode ser içada dependendo do horário e assim acarretar uma demora de até aproximadamente 30 minutos entre toda a operação de içamento. Comentamos tudo isso para se ter noção que no final dos anos de 1970 e início da década de 1980 a relação de trânsito, e mesmo de trocas variadas, entre as muitas cidades da região metropolitana da chamada grande Porto Alegre se constituía de forma bem

mais complicada e demorada do que hoje. A já citada *Trensurb - Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre*, conhecido como o metrô da capital, por exemplo, começou a operar no dia 2 de março de 1985 entre as estações do centro de Porto Alegre até a cidade de Sapucaia do Sul, chegando a Estação Unisinos em São Leopoldo apenas em 1997, ao centro da cidade capitã em novembro do ano de 2000 e a vizinha Novo Hamburgo, hoje seu ponto final, somente no ano de 2013.

Essas questões de deslocamento que comentamos aqui, sobretudo a existência atual dos trens suburbanos da empresa estatal *Trensurb*, são interessantes para pensarmos as relações entre o viver a cidade e o relacionar-se com o futebol local. A saber a tarifa unitária da passagem dos trens aqui tratados é de quatro reais e vinte centavos, valor conferido em novembro de 2020 no site da empresa. Valor que é pela maioria da população, por nós questionada formal e informalmente, considerado como razoavelmente baixo, em comparação com os coletivos urbanos que rodam trechos bem menores e com valores de tarifa maiores. Exemplo: São Leopoldo opera desde janeiro de 2020 uma tarifa municipal de R\$ 4,30. Esse argumento é muito levantando em discussões entre os torcedores militantes e aficionados pelo Aimoré. Nessa toada é possível escutarmos, e lermos nas redes sociais dos torcedores, os argumentos de que os times das cidades de Pelotas e de Caxias do Sul teriam maior público em seus jogos pela distância dessas cidades até a capital do estado, bem como o custo que isso representaria para o bolso desses torcedores, quando pensamos no deslocamento. Lembrando que Caxias do Sul, na serra, dista aproximadamente 100 km da capital e a cidade do extremo sul, Pelotas, algo como 350 km. Já em São Leopoldo, ou mesmo em Novo Hamburgo, é possível pegar um trem no centro da cidade por quatro reais e alguns poucos centavos e desembarcar na Estação Anchieta, a poucos minutos a pé da nova casa do Grêmio de Porto Alegre. A Arena do Grêmio, atual praça esportiva do clube, foi fundada em dezembro de 2012. Cabe recordar que nos anos de 1980 e de 1990, abordados por nós em relação ao senhor Claudio, o tricolor da capital enfrentava seus adversários no gramado do Estádio Olímpico, o qual se situava no bairro da Azenha ficando para quem chega de São Leopoldo após o centro, ao contrário da Arena, a qual se atinge antes do que a região central porto alegreense. Com a nova Arena, e com a ajuda dos serviços da *Trensurb*, o Grêmio se reposicionou, fisicamente, consideravelmente mais próximo ao Vale do Rio dos Sinos. Claro que, no argumento levantado pelos torcedores do Aimoré, em relação a influência que a (pequena) distância de São Leopoldo até a capital opera em muitos casos de baixa comparação ao Monumental do Cristo Rei leva em consideração também o time do Internacional. Clube que manda seus jogos no Estádio Beira Rio, no bairro Praia de Belas, distante mais ou menos uns dois

quilômetros da Estação Mercado do Trensurb, no centro de Porto Alegre. Resolvemos aqui ressaltar o *time do mosqueteiro*⁴⁵ pelo simples motivo da biografia do aimoresista por nós destacada nesta pesquisa ter esse trânsito tanto entre as cidades de São Leopoldo e Porto Alegre quanto entres os times do CE Aimoré e do Grêmio FBPA.

5.4 O FUTEBOL MENOR E A RELAÇÃO ENTRE OS GRANDES DA CAPITAL (DUPLA GRE-NAL): ESCALA E CAMADAS DE FILIAÇÃO CLUBÍSTICA

Começamos invocando Sevcenko (1944, p. 36): “quem é empolgado por futebol sabe disso: torcida é crucial”. Vale lembrar que dentro do espaço do estado do Rio Grande do Sul, e de seu futebol profissional, poderíamos estabelecer a seguinte escala de tamanho e de penetração, na mídia e em números de torcedores, dos clubes gaúchos. No topo do posto, de forma disparada a dupla da capital, falamos aqui do Grêmio FBPA e do SC Internacional, bastando para isso, caso se queira constatar tal envergadura, se dedicar a leitura da mídia local por alguns minutos, para verificar o tamanho de tais clubes no estado. São os dois clubes da dupla GreNal que disputam os campeonatos nacionais e internacionais mais importantes, como o Brasileirão e a Libertadores da América, que de alguma forma, com apoio da mídia local, e mesmo nacional, dividem o estado pelas cores azul e vermelho. Os principais títulos do estado também pertencem a estes dois clubes. Falamos de conquistas nacionais, como Copa do Brasil e Série A do Brasileiro, e de internacionais como Sul-Americana, Libertadores da América e Mundial de Clube. Decididamente são os clubes hegemônicos do futebol gaúcho, aqueles que iniciam o Campeonato Gaúcho da Série A com a obrigação de lograrem o título. Incluso com algumas poucas exceções o título não é disputado com exclusividade entre esses dois.

Após a dupla capitalina temos outros duas duplas importantes no futebol do Rio Grande do Sul. Falamos dos times da cidade de Caxias do Sul e de Pelotas. Caxias do Sul na serra gaúcha é a segunda maior cidade do estado, e é a morada da dupla CaJu, ou seja, dos times do Caxias e do Juventude. Já Pelotas, no extremo sul do estado, distante pouco menos de 100 km da fronteira do Brasil com o Uruguai e pouco mais de 350 km da capital Porto Alegre, é o terreno do clássico BraPel, disputa entre os times do Brasil de Pelotas e do EC Pelotas. Essas outras duas duplas estão em uma camada acima de times como o Aimoré e Novo Hamburgo e abaixo dos dois “gigantes” (termo usado amplamente pela mídia local) da capital de todos os gaúchos. Podemos considerar as duplas CaJu e BraPel em uma escala

⁴⁵O time do Grêmio tem como seu mascote um Mosqueteiro, o qual foi criado pelo clube no ano de 1946.

acima do Aimoré, por exemplo, por jogarem assiduamente importantes disputas nacionais. Já citamos no corpo desse trabalho o caso do Juventude, por exemplo, com importantes conquistas e uma série de participações na Série A do brasileirão. Mas poderíamos aqui abordar também o Brasil de Pelotas que conta em seu currículo com importantes participações na principal liga do campeonato nacional e atualmente disputa, já há oito temporadas seguidas, a Série B do Campeonato Brasileiro.

Outro fato interessante de lembrarmos no que se trata dos times das cidades de Caxias do Sul e de Pelotas, e que muitos torcedores militantes do Aimoré lembram em discussões sobre a realidade do clube e da dificuldade em constatar algum crescimento no número de torcedores índios, é a distância de ambos municípios da capital. Caxias, na serra, dista 100 km do Portinho, já Pelotas, no extremo sul, 350 km. Muitos torcedores aimoresistas que conversamos comentavam que nesse quesito São Leopoldo era desprivilegiada, uma vez que se encontrava muito próxima de Porto Alegre. São aproximadamente 35 quilômetros que separam as duas cidades, trajeto que pode ser percorrido em uma linha de trem suburbano, o metrô de superfície gaúcho, em aproximadamente 42 minutos entre as estações São Leopoldo, no centro capilé, e Mercado, no centro da capital. Torcedores também especulam como o maior afastamento geográfico das cidades da serra e do extremo sul do estado em relação a capital pode contribuir para uma cultura local mais acentuada. Afinal, é comum que uma pessoa resida em São Leopoldo, trabalhe em Porto Alegre e estude em Novo Hamburgo, ou trabalhe na cidade do calçado, Nóia, e estude na capital. Toda essa conurbação, essas cidades grudadas e apinhadas, que os integrantes da Grande Porto Alegre, e alguns municípios do Vale do Rio dos Sinos, estão submetidos cria de algum forma, como podemos ler na literatura especializada em urbanismo (ROLNIK, 1988), um fenômeno particular. Afinal, podemos ter assim muitos municípios e apenas uma cidade.

Assim que não é nada anormal o Aimoré e o Novo Hamburgo, para ficar nesses dois exemplos, tenham que disputar torcedores com os grandes times de Porto Alegre. Mesmo que esses times midiáticos da capital olhem para outra direção, na qual não consta nenhum dos times do porte do Índio e do Nóia.

5.5 SR. CLAUDIO BOLZAN: UM GREMISTA RECÉM CHEGADO A TERRA DO AIMORÉ

Adeus, adeus meu Porto Alegre ingrato
 Vou me embora desta terra morar no meio do mato
 Eu vou me embora por que eu disse que vou
 Eu aqui não sou querido, lá na minha terra eu sou
 Lá em Porto Alegre se trabalha e se forceja
 Com esforço ou sem esforço não consegue o que se almeja
 Eu vou me embora por que eu disse que vou
 Eu aqui não sou querido, lá na minha terra eu sou (GUARANY, 1988).

Adicionamos que “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 2012, p. 223). Vamos aqui tratar acerca da chegada em São Leopoldo de um gremista, oriundo do centro do estado, que logo vai se converter em um defensor da premissa que segue: “eu sou capilé e por isso tenho que torcer em primeiro lugar para o Aimoré”. O Aimoré assim, é colocado por Claudio Bolzan, acima do Grêmio. Mas antes, vamos aqui nessa última seção do terceiro capítulo deste trabalho recordar de uma canção de autoria de Noel Fabricio Borges do Canto da Siva, mais conhecido como Noel Guarany. São três os motivos que o músico nativista aparece aqui. O primeiro deles é que, se hoje sou um atento ouvinte da obra desse cantar e *guitarrero* do pampa, da campanha e das fronteiras do Rio Grande do Sul, nosso Guarany, isso se deve ao senhor Claudio Bolzan. Foi por intermédio de seus discos e de seu sempre atento interessa na música do *tronco missioneiro* que travei conhecimento com esse estilo musical. O segundo motivo se deve a própria letra da canção, que narra um adeus da cidade grande, uma volta “pro meio do mato”, um sentimento de frustração pelos sonhos e conquistas não alcançadas, e mesmo um retorno a terra natal, afinal, como canta a letra “aqui”, na cidade grande, “não sou querido”. Parece que essa música de alguma forma toca em temas que são sempre muito presentes na vida daqueles que deixam o interior, das pequenas cidades sobretudo, e rumam a capital, e as metrópoles, em busca de uma vida mais guarnecida de bens básicos a subsistência e maiores possibilidades de crescimento pessoal. Lembrando que tratamos aqui de uma biografia, de um cidadão e torcedor, completamente atravessada pelas idas e vindas entre um bom número de cidades do Rio Grande do Sul. E por fim, em uma recente entrevista com seu filho, Claudio Júnior, em uma conversa que travávamos sobre os motivos indígenas do time de São Leopoldo, a começar pelo nome, Aimoré, pelo gentílico da cidade e do seu torcedor, capilé, e ainda o próprio distintivo do clube que recebe a estampa do perfil de um índio, Claudio acreditava que esses motivos poderiam de alguma forma ter aproxima seu pai do Clube

Esportivo Aimoré. Foi quando nos lembrou da predileção de seu pai pelos cantores nativistas, sobretudo os conhecidos como *payadores*, que com sua voz e violão, cantavam o Rio Grande do Sul.

Desses cantores o que figurava como o mais cativado pelo seu pai, Claudio Bolzan, era o aqui mencionado Noel Guarany. Músico nascido na cidade de São Luiz Gonzaga no ano de 1941 e vindo a óbito na cidade de Santa Maria em 1998. Guarany foi um músico, compositor e interprete da chamada música campeira, e ou nativista, do estado dos gaúchos. Suas letras versavam sobre a vida do campo, o cotidiano dos gaúchos, com destaque para a parcela mais pobre da população, e ainda sobre a liberdade e a valentia do peão.

Dito isso, falaremos com mais detalhes sobre alguns aspectos da biografia do senhor Claudio Bolzan. Começamos com a sua chegada ao município de São Leopoldo. Tratamos aqui do ano de 1980, quando um jovem senhor, recém-casado, tornado a pouco pai de família, se desloca da cidade de Formigueiro em busca de novas oportunidades de emprego. Antes de chegar em São Leopoldo passa por um pequeno período na cidade de Guaíba, onde residia e trabalhava seu irmão mais velho. O mesmo havia lhe oferecido poso para poder buscar trabalho pela região.

O senhor Claudio Bolzan acabou sendo admitido na época na empresa *STIHL Ferramentas Motorizadas*⁴⁶, fábrica sediada na que viria a ser a sua nova cidade, onde chega primeiro sem a família. E, segundo relatos do filho, de mesmo nome que o pai, nascido poucos meses antes desse novo e transformador rearranjo geográfico na família, o Senhor Claudio permaneceu um período inicial de quase um ano nesse interregno entre cidades. Logo depois, aí sim, se fixando com a família na nova cidade.

Ainda segundo relatos de seu filho, o pai, mesmo na época anterior a mudança, já era bastante ligado ao futebol. Tanto na prática diletante do esporte quando na postura de fanático torcedor. Como praticante do esporte jogava no time da localidade de Ijucapirama⁴⁷, distrito

⁴⁶. Podemos afirmar acerca da importância da empresa multinacional *STIHL Ferramentas Motorizadas* na cidade tendo em vista o papel que a mesma ocupava no imaginário social local. O autor mesmo, lembra que no decorrer de sua infância e adolescência passados na cidade capilé era muito comum ouvir o relato de pessoas que “sonhavam” com um emprego na empresa de motosserras. Era considerado um emprego estável e com salários elevados em relação as demais fábricas da região. Sem contar, todo o *fetichismo* envolto em trabalhar para uma multinacional. O autor lembra que inúmeras vezes foi incentivados por familiares a enviar um currículo para a empresa e aguardar uma oferta de uma vaga. Era fato também que estar empregado em uma multinacional como a *Stihl* era motivo de prestígio social na cidade e na região.

⁴⁷ O seu filho, Claudio Júnior Bolzan, guarda um *short* – e algumas memórias – do time de futebol amador de Ijucapirama, calção (como chamamos *short* no Rio Grande do Sul) este herdado de seu pai e que não era é raro, na época de infância e adolescência, o vemos usando. Recentemente Júnior nos enviou por mensagem de celular por meio do aplicativo WhastApp uma série de fotos de seu pai fardado com os trajes do time de várzea do Ijucapirama, imagens que estão no álbum de família de sua mãe.

da sua cidade natal Jaguari, e como torcedor levava culto as três cores do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense.

Mas, parece que ao chegar em São Leopoldo, Claudio começou a se reposicionar em relação as suas escolhas clubísticas. O seu filho levante a hipótese, após conversa com sua mãe, e viuvá do senhor Bolzan, que de seu pai teve no início uma especie de busca pelo futebol local. Incluso tendo algumas incursões no futebol amador da cidade.

Segundo relato de seus familiares algumas idas aos jogos do time de várzea da Sociedade Esportiva Avaí (1955)⁴⁸ – o qual é conhecido popularmente no bairro e nas adjacências apenas por Avaí – no Rio Branco, bairro vizinho ao Pinheiro, onde residia. Nesses jogos ia acompanhado inicialmente de sua esposa, a Senhora Maju Lamar Poser Bolzan, e posteriormente de um amigo e vizinho, conhecido como “Zé” ou, internamente na família Bolzan, como o “Zé da Mara”, em referência a sua esposa, e amiga da Senhora Maju, a Senhora Mara. Sem contar também algumas entradas nas disputas do Esporte Clube Pinheiros (1976), time também da várzea leopoldense, com sede na rua onde residia na época o senhor Claudio. Fato é que ambos, Avaí e Pinheiros, eram times amadores que disputavam a LIMFA, a liga municipal de futebol amador de São Leopoldo, mas com uma notória vantagem, em termos de estrutura e de história, pendendo para o lado do time do bairro Rio Branco.

Não tardou para o Senhor Claudio conhecer e começar a frequentar os jogos do C.E. Aimoré. Parece que nesse momento o sentimento de exclusividade clubística pelo Grêmio começou a ser colocado a prova, segundo relatos de familiares. O Avaí por ser um time amador, infinitamente distante da realidade do tricolor da capital gaúcha, colocava a experiência em acompanhar ambos os times em escalas muito desproporcionais. Afinal, as pessoas que frequentavam os jogos do Avaí não necessariamente criavam uma responsabilidade torcedora para com o time e ou para com a localidade (no caso, pela escala do modesto clube, o bairro). Mesmo que como citado anteriormente, o Avaí se colocasse acima do Pinheiros. Todos ali eram, e são, pois o time de várzea segue vivo, ou tricolores e ou colorados. Essa era a regra. Incluso basta vermos, hoje, fotos e ou vídeos dos jogos e das atividades sociais do time do Avaí para presenciarmos que o normal é os envolvidos com o Avaí – e ou seus familiares – fardarem roupas da dupla GreNal em tais espaços. A novidade hoje, anos após a morte do senhor Cláudio Bolzan é que o C.E. Aimoré também foi ganhando algum corpo (desde seu retorno ao futebol profissional no ano de 2006) de presença na vida

⁴⁸A Sociedade Esportiva Avaí é um time de futebol amador em atividade da cidade de São Leopoldo. A S.E. Avaí foi fundada no ano de 1955 e segue disputando o campeonato amador de São Leopoldo. O time do Avaí é filiado a LIMFA, que é Liga Interna Municipal de Futebol Amador, fundada em 20 de março de 1970 e responsável por organizar os campeonatos e torneios amadores da cidade.

cotidiana do clube do Avaí. Até mesmo a escolinha do Avaí, é “hoje” em 2019, ano que escrevo essas observações sobre a pesquisa, representante oficial do único clube de futebol profissional em atividade da cidade.

Os familiares do senhor Claudio Bolzan também davam conta de idas, inicialmente a sua chegada, a jogos no campo do Pinheiros. Campo esse que fica a menos de uma quadra de distancia do endereço onde na época residia. O Pinheiros parece ser um time amador irregular, não encontramos registros do ano de sua filiação a LIMFA e nem mesmo apontamentos de que esteja em atividade. Apesar de no seu distintivo constar como ano de fundação 1976. O campo existe até hoje e inicialmente se percebe que uma série de outras pequenas equipes amadoras, muitas delas chamadas de times de final de semana, fazem uso da *cancha* para realizarem seus jogos. Parece assim, que esse movimento por campos/estádios – Pinheiros, Avaí, Aimoré – revela uma busca por alguma regularidade e profissionalismo que pudesse reverter também em uma prática torcedora mais comprometida.

Outro relato, no que tange as disputas de futebol, as rivalidades e as topografias de interesse, que podem atingir distintas relações sociais, e que acreditamos ser interessante ao nosso trabalho, diz respeito a convivência entre o senhor Claudio Bolzan e seu cunhado. Sabendo que grande parte de sua carreira profissional se deu como *cacheiro viajante*, representante comercial de implementos agrícolas, não era incomum estar na estrada, deslizando por inúmeros municípios do interior dos estados da região sul. Entretanto, geralmente os finais de semana eram vividos em sua casa no bairro Pinheiro ao lado de seus familiares. Um desses apaniguados era seu cunhado, o qual além de ocupar um quarto da casa tinha uma forte ligação com o futebol do *colorado*. Ou seja: era torcedor do Internacional, time de Porto Alegre e rival do seu Grêmio.

Claudio Júnior, o filho, nos relata de que tem vivo em sua memória dois quadros na sua casa. Um era no quarto do seu tio: do Internacional Tricampeão Brasileiro (1979, 1980 e 1981), o outro: na sala, e pertencente ao seu pai, do Grêmio Campeão Mundial de 1983. Ainda segundo Júnior esses dois quadros eram motivos de muitas contendas em sua casa. Não era raro um dos dois tomarem posse de um dos quadros e ter início um longo e crespo debate. O que demonstra, que mesmo Claudio Bolzan estivesse muito ligado ao Aimoré, a rivalidade GreNal seguia firma em sua casa.

Nesse relato acerca do seu tio, o cunhado de seu pai e irmão de sua mãe, Júnior faz questão de frisar que, mesmo seu tio sendo muito afeito ao futebol, tendo suas preferencias clubísticas fortemente marcadas pelo *Inter* e ainda mantendo uma regularidade de idas aos jogos do time de várzea do Avaí, no bairro Rio Branco, não mantinha nenhuma ligação com o

Aimoré. Lembrando que assim como seu pai, seu tio também não era originário de São Leopoldo. Tendo ido a cidade a convite do cunhado em busca de novas oportunidades de emprego.

Nos apoiamos aqui mais uma vez no texto *O futebol e sua dimensão estética*, do geógrafo Paulo César Gomes (2006, p. 236) onde afirma que “temos que admitir que esportes sempre foram elementos fundamentais nos jogos de identidade e na construção de referências territoriais”. Dito isso podemos observar que ambos, Claudio e seu cunhado, de alguma maneira se apoiavam no esporte, e nas suas práticas torcedora, na construção de uma identidade, a qual muitas vezes se colocava em choque uma com a outra. Mas, nos parece que cada qual fez uso de suas opções. Podemos assim pensar que, mesmo não atingindo todos, os pequenos clubes locais, como o Aimoré, ou quem sabe mesmo o futebol da várzea do Avaí, podem contribuir nesse movimento. Lembrando que “o poder simbólico do futebol também se expressa nessa combinação, uma vez que o fato de se filiar a uma torcida e ou um time exprime uma afinidade que de certa forma rompe com as categorias hierárquicas que organizam o resto da vida social” (GOMES, 2006. p. 237).

Finalizamos invocando agora um outro nome da música gauchesca apreciada pelo senhor Claudio Bolzan. Nos referimos aqui a Cenair Maicá e um pequeno trecho da sua música o Canto dos Livres, presente no álbum de mesmo nome, lançado em 1983. O músico em questão é um nome lendário do cenário da música regional sul rio-grandense. É de origem de Tucunduva, pequena cidade no noroeste do estado, na região de fronteira com a Argentina, e junto ao citado anteriormente Noel Guarany, estava sempre presente nas falas e no rádio do senhor Claudio. Afirma Maicá: “Meu mundo é mais que chorar, não choro. A vida é mais do que pranto, é um sonho”. Acreditamos que, pelos relatos escutados, pela bibliografia por nós consultada, sem contar por todas as nossas experiências e observações, o futebol e o universo complexo dos seus clubes profissionais e amadores é um amplo espaço de sonho e de elaborações da própria vida dos sujeitos que ali depositam grande parte do tempo de suas existências.

6 PONDERAÇÕES FINAIS

Não teve flores nunca o teu caminho,
E nem teu céu foi sempre todo azul,
Mas foi sincero, sempre, o teu carinho,
Com a terra virgem dos rincões do sul

(Estrofe do hino do município de São Leopoldo, denominado como “A Marcha do Imigrante”)

No trabalho aqui apresentado tivemos a oportunidade de nos focarmos no futebol praticado profissionalmente na cidade de São Leopoldo (RS), pela história e pelo presente construído pelo Clube Esportivo Aimoré (1936), com a participação ativa, e muitas vezes criativa, dos torcedores e das torcedoras do índio capilé. Partimos do intento de observar quais as ideias e as idealizações de cidade circulavam pelas subjetividades e pelas práticas dos torcedores índios nos jogos em que o C.E. Aimoré representa a cidade do Vale do Rio dos Sinos aqui abordada. Esse início se deu por logo de cara, ao começarmos a pensar no projeto que viria a se tornar a pesquisa, e conseqüentemente essa dissertação, nos deparamos com várias afirmações (de torcedores e torcedoras) que davam conta de que o Aimoré era o time que representava o município de São Leopoldo, que o Aimoré era uma forma de tornar São Léo mais conhecida ou ainda que o futebol índio serviria como uma vitrine na mídia regional e estadual para a cidade que abriga a casa do alviázul, o Monumental do Cristo Rei.

Frases e afirmações essas já apresentadas e comentadas no corpo do texto anteriormente em tela. Assim chegamos a conclusão de que seria importante nos determos em buscar observar a relação da comunidade leopoldense para com o clube índio em diversos momentos da história do Aimoré. E foi isso que intentamos fazer, ao inicialmente buscar nas páginas do periódico Correio de São Leopoldo, em nossas idas ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, no centro da cidade e as margens das águas sinuosas do Rio dos Sinos, entender um pouco melhor o contexto em que nasce o clube leopoldense no dia 26 do mês de março do ano de 1936, vislumbrando dessa forma que entre diversas equipes destinadas a prática do futebol na época o C.E. Aimoré foi o único que se manteve vivo e ativo até hoje no futebol profissional do estado mais ao sul no mapa de nosso país.

Comentamos o momento tido como o mais difícil da história do índio, pela narrativa de antigos dirigentes e torcedores históricos, que foi o espaço de um bom número de anos, entre 1996 e 2006, afastado das competições profissionais. Como afirma o Senhor Cardoso, torcedor há mais de seis décadas e vizinho do clube, além de ex-diretor de futebol do C.E.

Aimoré, “chegar um domingo e não ter o azulão para ver entrar em campo” era algo, para todos ligados ao alviazul, muito triste.

Figura 16 – Rivalidade no Vale



RONALDO BAROSI: torcedor que vencer e ver o Noia sofrer

Fonte: BECK, Matheus. A paixão em qualquer divisão e fanaticamente dedicada ao Aimoré. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 8, 21 fev. 2019c.

Entretanto, em 2006 o Clube Esportivo Aimoré retorna aos gramados gaúchos para novamente disputar jogos profissionais de futebol. Esse, de 2006 até 2018 (momento que iniciamos formalmente essa pesquisa como aluno regular do Programa de Pós-Graduação em História na UEPG), era nosso recorte temporal inicial, o qual logo fomos incentivados por nosso orientador Professor Doutor Niltonci Batista Chaves a perder, ou, ao menos deixar um pouco de lado, para nos aventurarmos nos arquivos de jornais antigos, como foi o caso relatado da experiência que tivemos com o antigo diário capilé que circulou pela cidade nos anos das décadas de 1930, 1940 e 1950. Por mais que essa pesquisa não tenha chego a deter-se por um longo período nesses jornais, aprofundando mais no período posterior ao retorno do time aos gramados, após o licenciamento, e ainda ao período de experimentações de um torcedor em específico nos anos de 1980, esse ler, fotografar, manusear jornais antigos, se deparar com as adversidades de um museu no Brasil, com a simpatia de funcionários e com nossas enormes limitações de entender o processo de manuseio de um número muito grande de informações temporalmente distantes se fez muito importante, se não singular, para minha formação como um pesquisador em história. Sobretudo para alguém vindo da filosofia, com passagens pela pesquisa nas cercanias do que entendemos e chamamos de antropologia, sociologia e educação.

De 2006 até 2018 muitas coisas aconteceram com o time de futebol do Aimoré, acessos e descensos narrados pela mídia e por nós reproduzido e comentado na dissertação, o

primeiro título do clube, a primeira participação em uma competição profissional de envergadura nacional etc. Mas para nós o que fez maior sentido foi nos determos em observar, e refletir sobre, as diversas maquinações (para lembrar de Deleuze) que muitos torcedores empreendem para seguir o índio, seja “apenas” para assistir aos jogos e alentar o clube ou mesmo para fazer o papel de mídia e divulgar (e exibir) os jogos, seus resultados, o antes e depois da partida. Usamos aqui o termo maquinação pois esses torcedores, sem ligação com a direção do clube, se jogam a cumprir um papel que segundo os mesmos a mídia local não logra vencer. Falamos aqui do pessoal ligado ao, inicialmente blog, agora redes sociais e mesmo uma Web Rádio, grupo de mídia alternativa e “totalmente apaixonado”, como gostam de frisar, Índio Capilé. Além, claro, de também falarmos e tentarmos refletir sobre o surgimento dos torcedores organizados, que ganhou maior destaque na história recente do clube com a barra-brava Los Reyes del Barrio. Mostrando como o estado do Rio Grande do Sul vem desempenhando, desde os meados dos anos da primeira década do presente século, um papel ativo nessa forma organizada de torcer oriunda, sobretudo, dos países vizinhos Argentina e Uruguai.

No último capítulo voltamos, há alguns anos, para o início da década de 1980, para pensar, a partir dos mecanismos de pesquisa em história oral, da relação específica de um torcedor oriundo do interior do estado e recém chegado à cidade leopoldense da grande Porto Alegre e o C.E. Aimoré, o qual foi, segundo relato de seus familiares, o filho que leva o nome emprestado do pai e da viúva Maju, aparentemente fundamental para se inserir e se sentir irmanado a vida ordinária de São Leopoldo. Falamos do Senhor Claudio Bolzan, o qual chegou em São Léo, vindo da região central do estado gaúcho, da zona de influência da cidade de Santa Maria, “fanaticamente” ligado ao time de futebol do Grêmio Porto Alegrense, e logo se envolvendo de corpo e alma com o índio, sem antes, claro, se aventurar pela descoberta e de experimentações com alguns dos times de várzea da cidade, sobretudo os quais circundam a sua casa no bairro Pinheiro.

Essa relação de ligação com a cidade, entrecruzada pelo futebol profissional do Aimoré, transparece no relato de seu filho a pouco citado, o Senhor Cláudio Júnior Bolzan, que conta que quando era criança, por volta do início dos anos de 1990, da realização de um jogo em São Leopoldo, entre o Aimoré e o Grêmio, pelo campeonato gaúcho da primeira divisão, seu pai lhe infere por qual dos clubes iria torcer, uma vez que o Grêmio era o time dos campeonatos nacionais e internacionais e o Aimoré o time local dos estaduais. O filho, no relato do próprio, sem saber muito bem o que responder, sem ter ideia de qual seria a resposta apropriada para agradar o pai, solta que deveria torcer pelo time da capital. Entretanto, o pai

engata e entrega o seu desejo e indicação: que, segundo ele, é preciso torcer pelo Aimoré, afinal de contas o time das cores azul e branco e que carrega um índio no peito era a equipe que representava a cidade em que ambos viviam as suas existências.

Momento esse da pesquisa que foi fundamental para dar nome, rosto e biografia aos homens e mulheres que vivem o futebol. E nesse caso específico vive o esporte como a vida: cheia das suas contradições e conflitos. Afinal, não é o futebol o lugar em que não se pode trocar de time? Que na linguagem dos entendidos esse sujeito é chamado depreciativamente de vira-casacas. Ou ainda, o universo em que não se pode – ou melhor: não se deve – ostentar mais que uma filiação clubista, pois caso contrário, de forma também jocosa, seria chamado de bandeirinha.

Buscamos entender o Aimoré, a sua prática esportiva profissional e a produção das formas de torcer e de viver o clube e o município que o time representa, bem como de ideias e idealizações de cidade e de cidadão, que se constroem ao seu redor e por seu motivo a partir do que chamamos de futebol menor, em uma clara alusão aos pensadores europeus Félix Guattari e Gilles Deleuze (1977) e a sua formulação acerca de uma literatura menor, ou minoridade, no que se refere a obra do escritor Franz Kafka. Entendendo que o Aimoré caminha, de forma muitas vezes imprecisa, em um jogo de escalas dentro do universo do futebol que é bastante complexo e amplo. Falamos desde o espaço do esporte diletante, do futebol semi-profissional da várzea, aos jogos das primeiras divisões. O Aimoré é o time, entre centenas desses pelo país, que vive entre o devir do amadorismo e dos portões fechados e a possibilidade de voos mais altos, afinal, sempre existe a possibilidade de em um ano ter um bom desempenho em uma série a da competição estadual, por exemplo, e galgar algum posto ao lado dos grandes times midiáticos em alguma competição nacional, economicamente mais privilegiada etc. O time índio costuma operar entre altos e baixos na gangorra do esporte.

Observamos na pesquisa um sentimento partilhado entre um bom número de torcedores do índio leopoldense que é o da necessidade de eleger um rival ao clube do Aimoré. Mesmo que esse sentimento seja razoavelmente difuso e em alguns períodos da história do Aimoré o time do Novo Hamburgo, o antigo Florianópolis, seja quem se destaque esse espaço e em outros, mais recentes, o time do Sapucaense, seja o dono do sentimento de rivalidade dos capilés. A situação se complexifica pelo fato de São Leopoldo estar dentro do perímetro urbano, da a pouco citada, região da Grande Porto Alegre, conurbada com suas cidades vizinhas Nóia e Sapuca. Esse espaço, atravessado literalmente pela linha férrea do Trensurb, o trem suburbano que liga Novo Hamburgo até Porto Alegre, cortando o centro de

São Léo de ponta a ponta. Território fortemente ocupado/atravessado pela força, já abordada, econômica e consequentemente esportiva (em termos competitivos) do Grêmio e do Internacional, ambos times da capital do estado do Rio Grande do Sul e que disputam o coração dos torcedores gaúchos de ponta a ponta do estado. É nesse contexto que os torcedores do Aimoré lançam mão de um bom número de estratégias e de jocosidades para tornar evidente a sua rivalidade de turno. E ainda, entendendo, a partir de uma afirmação do antropólogo gaúcho, e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arlei Sander Damo (2002) que “torcer é uma forma de participação política bastante peculiar”. Buscamos assim refletir sobre como esse universo de filiar-se a um time e torcer por ele contribui para sentimentos de identidade e de localidade.

Escrever esse trabalho foi importante para observarmos com mais acuidade a relação que existe entre uma parte da comunidade leopoldense para com o clube de futebol profissional da cidade, o C.E. Aimoré, e vice-versa. Relacionamento este, que transcende o futebol e, que sabemos que é recheado com suas particularidades e suas especificidades, por questões ligadas às histórias, subjetividades e geografias envolvidas, para dizer o mínimo. Entretanto, acreditamos residir aí uma importância maior, sabemos que não é único. Situações similares, de ligações afetivas e de projeções, bem como de buscas por visibilidade, de uma comunidade do interior ou suburbana, de pequenas e ou médias cidades ou ainda de bairros, de recortes geográficos característicos, de uma grande metrópole, com seus clubes locais, de bairro (como o caso de maior destaque do time Juventus do bairro da Mooca em São Paulo), sobretudo os destinados a prática profissional do esporte de bola jogado com os pés, acontecem por este nosso Brasil afora, para nos focarmos apenas na questão nacional. Mas, não seríamos exagerados se pensássemos – exemplos não faltam – nessas relações, ou similares, em diversos outros países espalhados pelo globo (como os pequenos clubes de *barrio* na vizinha Argentina). Não por acaso buscamos usar o artifício de, sabendo se tratar de um trabalho destinado a uma localidade bastante específica e o seu clube futebolista, usar e abusar de exemplos e ilustrações de diferentes lugares, sobretudo de diversas outras cidades do estado do Rio Grande do Sul, mas não só, tentando ir de cidades e times do sudeste aos campos e estádios do nordeste brasileiro.

Por fim, sabendo que todo trabalho acadêmico, sobretudo os das áreas das ciências humanas, por mais que caminhe na direção de um inapelável rigor científico e de alguma forma se sinta seduzido pelo discurso da, e mesmo assuma uma postura de, imparcialidade, na prática temos percepção que tudo isso é sempre uma marca de intenção. Mesmo que tenhamos assumido que essa intenção é fundamental, ainda assim é da ordem do devir. Dito isto,

queremos destacar que para nós falarmos do time índio do Aimoré e da cidade “colona” de São Leopoldo é algo que tem um sabor bastante especial. E, esse modesto trabalho, sabendo de todas as suas limitações e provisoriedades, tem como intento de alguma forma poder somar aos que se dedicam a pensar não só o futebol e a relação de uma determinada comunidade (torcedoras e torcedores) com o clube de sua região mas aos que tentam pensar a própria cidade de São Leopoldo. O autor deste texto, como um leopoldense, mesmo que há mais de uma década desgarrado do pago, como dizem os gaúchos, tem como algo muito especial em termos pessoais poder colaborar, mesmo que de forma sempre muito modesta, com a bibliografia sobre alguns aspectos sociais, culturais e até esportivos da nossa cidade. Afinal, estamos falando, como se diz na famosa canção nativista “Canto Alegretense”, de autoria de Nico Fagundes e Bagre Fagundes, e conhecida e cantada por centenas de milhares de almas que compartilham o Rio Grande do Sul como morada: “desta terra que eu amei desde guri”. Sabendo que amar o seu torrão não é fechar os olhos para os problemas e nem para as contradições que estão ali atravessados e nem mesmo cair no engodo da obra laudatória, disso sim passamos todas as páginas fugindo.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA da rua grande. Direção: Fábio Nagel, Produção FNagel Monóculo Amarelo, São Leopoldo:[s.n.], 2012. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/sao-leopoldoanossahistoria/videos/doc-rua-grande/1912511328793423/> Acesso em: 01 setembro 2018.
- A LINHA fria do horizonte. Direção: Luciano Coelho. Documentário, DVD, 97 minutos, Brasil, 2014.
- AIMORÉ. Institucional. Disponível em: www.ceaimore.com.br. Acesso em: 27 dez. 2019.
- AIMORÉ 1x0 Pelotas - Sou de Índio - Los Reyes. São Leopoldo: [s.n.], 16 fev. 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Los Reyes TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W8T8MgrS50s&ab_channel=LosReyesTV. Acesso em: 15 fev. 2020.
- AIMORÉ – 259 dias – O Filme. Direção: Chico Pereira. São Leopoldo: AmpliFilmes; Documentário, 2013. 1 DVD (47 minutos).
- AIMORÉ – Família Cardoso uma paixão. [S.l.:s.n.], [20--]. 1 vídeo, (8 min). Publicado pelo canal Digue Cardoso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OHSnedkQuGw&ab_channel=DigueCardoso Acesso em: 20 jan. 2019.
- AIMORÉ inaugura novo pórtico no Estádio Cristo Rei. **Copero Futchêbol Clube**. 24 ago. 2011. Disponível em: <http://coperofutchebolclube.blogspot.com/2011/08/aimore-inaugura-novo-portico-no-estadio.html> Acesso em: 20 jan. 2021
- AIMORÉ vs Grêmio - Los Reyes / Atirei o pau no Nóia. São Leopoldo: Torcida Los Reyes, 24 jan. 2019. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Torcida Los Reyes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n7TW4Y8Wcvo&ab_channel=TORCIDALOSREYES Acesso em: 10 fev. 2019.
- AIMORÉ vs Juventude - Los Reyes / Vamos lutar até morrer. São Leopoldo: Torcida Los Reyes, 2019. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Torcida Los Reyes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ap6f3XYu6vw&ab_channel=TORCIDALOSREYES Acesso em: 20 abril 2020.
- AIMORÉ vs Novo Hamburgo - Los Reyes / Quero que legalize o Baseado. São Leopoldo: Torcida Los Reyes, 21 ago. 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Torcida Los Reyes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1OugiRq1xo>. Acesso em: 03 fev. 2020.
- ALABARCES, Pablo Alejandro. **Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- ANTIDUPLAGRENAL. Faixa antigrenal na torcida Xavante. 2007. Disponível em: <http://antiduplagrenal.blogspot.com/2007/12/faixa-brasil-de-pelotas.html> acesso em: 10 de out. 2020

ANTROPÓLIS, 6. Os sons das culturas viajantes. [Entrevistado]: Rafael José De Menezes Bastos. Pelotas: UFPel, 13 jul. 2020. Podcast. Spotify. Acesso em: 20 jul. 2020.

APOIO Incondicional ao clube do coração. São Leopoldo: Beta Redação, 2019. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Beta Redação. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=shJq_wgBE3M&feature=emb_title. Acesso em: 20 dez. 2020.

APPADURAI, Arjun. Jogar com a modernidade: descolonização do críquete indiano. In: **Dimensões Culturais da Globalização: A modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004.

ARCHETTI, Eduardo. El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Nueva Sociedad**, Caracas, n. 154, p.101-119, 1998.

ATRÁS do gol Guarda Popular, a Barra do Internacional. Direção: Ronaldo Fontana de Faria. Produção: UFSC. Documentário, DVD, 15 minutos, Brasil, 2019.

BAHÊA Minha Vida. Direção: Márcio Cavalcante. Documentário, DVD, 100 minutos, Brasil, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Matheus. Vento forte e chuva provocam estragos. **Jornal VS**, São Leopoldo, 26 jan. 2016, Capa.

BECK, Matheus. Felipão visita o Aimoré, relembra o passado e conversa com o grupo. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 15, 02 mai. 2018a.

BECK, Matheus. Sessão solene em homenagem ao Aimoré. **Jornal VS**. São Leopoldo, 24 abr. 2018b. VS Especial, p. 25.

BECK, Matheus. Aimoré perde para o Juventude em casa. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 8, 04 fev. 2019a.

BECK, Matheus. Expectativa pela recuperação do Índio. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 16-17, 20 fev. 2019b.

BECK, Matheus. A paixão em qualquer divisão e fanaticamente dedicada ao Aimoré. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 8, 21 fev. 2019c.

BECK, Matheus. Construção do muro em andamento. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 23, 19 fev. 2019d.

BECK, Matheus. Histórica virada do Índio no clássico. **Jornal VS**, São Leopoldo, 25 fev. 2019e. Esporte, p. 11.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. 2. Ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

BEIGUELMAN, Gisele. Admirável Mundo Cíbrido. In: André Brasil; Geane Alzamora; Carlos Henrique Falci; Eduardo de Jesus. (Org.). **Cultura em Fluxo** (Novas mediações em Rede). 1ed. Belo Horizonte: PucMinas, 2004, v. 1, p. 264-282.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo : Brasiliense, 2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLZAN, Claudio J. **Time do Ijucapirama**. 1970. 1 fotografia, color., digitalizada.

BONIN, Ana Paula Cabral et al. A transmissão radiofônica de jogos de futebol: a incoerente gratuidade de um espetáculo esportivo? **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 186-193, jun. 2016. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892016000200186&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2020.

CAMPANHA universitário – GreNal. [S.l.:s.n.], [20--]. 1 vídeo, (1 min). Publicado pelo canal Taíze Souza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKGHtDfng58> Acesso em: 10 de ago. 2020.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. Vinculações entre mídia, cidades e seus times e torcedores: territórios e fãs em jogo. **Lecturas: Educación Física y Deportes** v.23 (241), p. 2-14, 2018.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o Caminhar Como Prática Estética**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2003.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz & Terra, 1982.

CE AIMORÉ. Torcedores no barranco. São Leopoldo, [20--]. Facebook: ceaimore. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/ceaimore>. Acesso em: 08 mar. 2019.

CE AIMORÉ. Poster: o Aimoré voltou. São Leopoldo, 2012. Facebook: ceaimore. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/ceaimore>. Acesso em: 08 mar. 2019.

CE_AIMORÉ_Índio Capilé. São Leopoldo. 18 fev. 2016. Instagram: ceaimore. Disponível em: <https://www.instagram.com/ceaimore/> Acesso em: 01 fev. 2018.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. A história: a leitura do tempo. In. Schuler, F. et. al. **Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo complexo**. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. p. 163-178.

CIDADE, Everton Luiz. A Babilônia ficará pela cyber Periferia (entrevista com MACEDUSSS). **Rádio Armazém**. Santa Mária, 2018. Disponível em: http://radioarmazem.net/default.php?pagina=blog.php&site_id=7817&pagina_id=136357&tipo=post&post_id=454. Acesso em: 02 jun. 2019.

CLÁSSICO DO VALE Noia vs Aimore compacto. Novo Hamburgo: [s.n.], 17 set. 2019. 1 vídeo (7min). Publicado pelo canal Canal Bola na Rede Tá ligado Esportes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aXG2FO_dBBM&ab_channel=CanalBolanaRedeT%C3%A1ligadoEsportes. Acesso em: 19 fev. 2020.

COELHO, Paulo Vinícius. Não é necessário ficar constrangido ao ver seu time do coração. **Folha de São Paulo**. 23 jul. 2020 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pvc/2020/07/nao-e-necessario-ficar-constrangido-ao-ver-seu-time-do-coracao.shtml?origin=uol> Acesso em: 24 jul. 2020.

COUTINHO, Eduardo. **Sangue Latino**. [Entrevista concedida a] Eric Nepomuceno. Canal Brasil. Temp. 1. Ep. 45. 1 vídeo (20 min), 08 ago. 2012.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana** [online]. 2004, vol.10, n.2, pp.287-322.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. In: **Revista USP**, nº 22, 1994, p. 10 a 17.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. **São Paulo em Perspectiva**, nº 15, 2001.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DE CAMPOS, F.; DE TOLEDO, L. H. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, n. 99, p. 123-138, 9 nov. 2013.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 169 a 191.

DELEUZE, Giles. Carta a um crítico severo. In: Deleuze, Giles. **Conversações**. Tradução por Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 11-22.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: Kkym, 2012.

ESPERANDO TELÊ. Direção: Rubens Rewald e Tales Ab'Saber. Documentário esportivo, DVD, 94 minutos, Brasil.

ESTEIENSE é premiado ao obter camisa do Aimoré. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 17, 25 jan. 2019.

FERREIRA, Thales Renato. Desfile do Carnaval de São Leopoldo 2019 será dia 9 de março. **Jornal NH**. Novo Hamburgo. 17 jan. 2019. Disponível em: https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/noticias/regiao/2019/01/2364752-desfile-do-carnaval-de-sao-leopoldo-2019-sera-dia-9-de-marco.html Acesso em: 06 jan. 2020.

FETTER, Marjorie. Noite de homenagens. **Jornal VS**. São Leopoldo, p. 19, 26 mai. 2015.

FGF – Federação Gaúcha de Futebol. *Institucional*. Disponível em: <https://fgf.com.br/competicoes/profissional>. Acesso em: mai. 2019

FLEISCHER, S. e BONETTI, A. Etnografia Arriscada: Dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. In. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**. Vol, 19. 2010.

FLORES, M. B. R.. Olhar para as imagens como arquivos de histórias. **Territórios e Fronteiras (Online)**, v. 8, p. 239-255, 2015.

FLORES, M. B. R.; CAMPOS, E. C. de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). **Rev. Bras. Hist.**, Jun 2007, vol.27, no.53, p.267-296.

FLUSSER, Vilém. **A Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora, a fotografi@ depois da fotografia**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

FONTES, Virgínia. Determinação, história e materialidade. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 209-229, out. 2009.

FORA de campo. Direção: Adirley Queirós e Tiago Mendonça. Documentário, DVD, 52 minutos, Brasil, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GALEANO, Eduardo. **Dia e noites de amor e guerra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995.

GASTALDO, Édison. A arquibancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. **XIII COMPÓS: SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP**, 2004.

GAUCHÃO DA ZUERA NO INTERIOR - PASSO FUNDO x INTER. Passo Fundo: [s.n.], 2017. 1 vídeo (14min). Publicado pelo canal Sandro Sotilli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuqILrAJnr4>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GAÚCHOS ANTI GRE-NAL. Pelotas, 2007. Facebook: gauchosantigrenal. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/GauchosAntiGrenal/>. Acesso em: 08 mar. 2019.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. P. 3-21.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

GOLDMAN, Márcio. **Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GONCALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 83-92, 2007.

GRÊMIO Esportivo Nacional. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/GREMIOESPORTIVONACIONAL/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90**. Porto Alegre, v.08, n.13, p.21-50, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/> Acesso em: 15 nov. 2020.

INIMIGOS íntimos no Clássico do Vale. **Jornal NH**. Novo Hamburgo. 19 jan. 2014. Disponível em: <https://www.jornalnh.com.br/conteudo/2014/01/esportes/8877-inimigos-intimos-no-classico-do-vale.html> Acesso em: 20 jan. 21.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 5, n. 26, out. 2000.

JOGO duro em São Leopoldo MTV Brasil. [S.l:s.n.], [2008]. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal pedro paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRS9GrmN-SI> Acessado em: 01 mar. 2019.

JORNAL Lê aí Notícias. Igrejinha. 4 jun. 2019. Disponível em: <https://www.leai.com.br/esporte/antes-de-tudo-o-futebol-o-esporte-clube-igrejinha-e-testemunha-da-historia-da-cidade-1703> . Acesso em: 15 jan. 2020.

KERSCHNER, Juliane. Paixão pelo Aimoré passa de pai para filho. **Beta redação**. 26 ago. 2019. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/paix%C3%A3o-que-passa-de-pai-para-filho-eb25f8e78bf4> Acesso em: 20 set. 2019.

LEOPOLDENSE Felipe Becker é o novo diretor do sub 20 do internacional. **Revista Mundo Esportivo**. São Leopoldo. 26 jan. 2021. Disponível em: <https://revistamundoesportivo.com.br/noticia/leopoldense-felipe-becker-e-o-novo-diretor-do-sub-20-do-internacional> Acesso em: 30 jan. 2021).

LINS, D. CsO e Futebol. In: **Juízo e verdade em Deleuze**. São Paulo: Annablume, 2004.

LOS REYES del Barrio. **Infelizmente a classificação não veio, mas estamos juntos até o fim!!! Tudo pelo Clube Esportivo AIMORÉ!!** São Leopoldo. 2019. Instagram: lrdb_oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/lrdb_oficial/ Acesso em: 20 jan. 2020.

MACHADO, Francisco José Eboli. Reflexões sobre futebol: da sociedade dos meios à sociedade em vias de midiaticização. Trabalho apresentado ao II **Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais**. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, Clãs e Nação. **Dados**, Vol. 43, nº 1, 2000, p. 183 a 198.

MAGNANI, J. Guilherme. C. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana. **RBCS**, vol. 17, nº 49, junho de 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, coleção Os Pensadores, 1978.

MARINGÁ Futebol Clube, mais que um time, uma cidade! Maringá: MFC. 10 jan. 2019. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal MFC TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e8dRVL2OqHU&ab_channel=MFCTV Acesso em: 10 mar. 2019.

MARINGÁ Futebol Clube. Site Oficial. Disponível em: <https://www.maringafc.com/clube/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan/dez, 2005.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado Eletrônico: Notas Sobre História Digital. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 2016.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzano L. Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar:** a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. Etc, espaço, tempo e crítica. N. 1(3), vol. 1, 2007.

NABINGER, Felipe; PILZ, Jonas. E.C. Aimoré: a glória e a queda do índio capilé. **Babélica na web.** São Leopoldo. 9 jun. 2011a. Disponível em: <https://babelianaweb.wordpress.com/tag/indio-capile/> Acesso em: 19 out. 2019.

NABINGER, Felipe; PILZ, Jonas. Terceirona: a crônica de uma morte anunciada. **Babélica na web.** São Leopoldo. 16 jun. 2011b. Disponível em: <https://babelianaweb.wordpress.com/2011/06/16/terceirona-a-chronica-de-uma-morte-anunciada/>. Acesso em: 20 out. 2019.

NEVES, Tiago. Surrealismo e Etnografia, relações antigas, debates actuais. In. **Trabalhos de antropologia e etnologia.** Vol 38. Lisboa, 1997.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia.** Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012.

O AIMORÉ voltou. **Jornal VS.** VS Especial, São Leopoldo, p. 2-8, 26 jun. 2018.

O VINHO e a Pedra que Trago na mente. São Paulo: Setor 2. 10. abr. 2019. 1 vídeo, (1 min). Publicado pelo canal Alento BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJRKb86aOxw>. Acesso em:

ORICCHIO, Luiz Zainin. A dança dos deuses. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, Cultura, 7 ago. 2015. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,a-danca-dos-deuses,40995>. Acesso em: 01 dez. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTO Alegre ingrato. [Compositor e intérprete]: Noel Guarany. Porto Alegre: USA Records, 1988. 1 LP (2 min).

PREFEITURA de São Leopoldo. **Vote na dona Alaídes para a cara do gauchão!** São Leopoldo, 20 mar. 2019. Facebook: Prefeitura de São Leopoldo. Disponível em: <https://www.facebook.com/saoleopoldo/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FERNANDES, Luiz Fernando Framil. Foot-Ball Club Esperança, Esporte Clube Novo Hamburgo e a rivalidade futebolística na cidade industrial. **The FIEP Bulletin**, v. 81, p. 100-120, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FERNANDES, Luiz Fernando Framil. O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História** – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

RODRIGUES, Natan Dalprá. **Ninguém é normal quando decide torcer pelo Aimoré**. São Leopoldo. 29 set. 2019. Instagram: usuário. Disponível em: <https://www.instagram.com/Natan.Dalprarodrigues/>. Acesso em: 30 set. 2019.

RODRIGUES, Natan Dalprá. **Sobre Pensar Pequeno**. Site Toda Cancha. 2013. Disponível em: <http://www.todacancha.com.br/2013/07/23/sobre-pensar-pequeno/> Acesso em: 21 set. 2017.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ROSA, Diego. Homenagem: antes do início da partida, um minuto de silêncio pelo Zico. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 23, 21 jan. 2019.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTOS 3x1 atletico-pr - Melhores Momentos - Brasileirão 2020 (16/08) [S.l.:s.n], 2020. 1 vídeo (4 min) Publicado pelo canal TNT Sports Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X56OxRNaOkc>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SÃO LEOPOLDO. **IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-leopoldo/historico> Acesso em: 20 jan. 2021.

SÃO LEOPOLDO recebe a 1ª Corrida do Aimoré em março. **SESC-RS**. São Leopoldo. 06 mar. 2019. <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/sao-leopoldo-recebe-1a-corrida-do-aimore-em-marco/> Acesso em 06 jan. 2020.

SCOTT, J. **A invisibilidade da experiência**. São Paulo: Revista Projeto História 16, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desatinos. In: **Revista USP**, nº 22, 1994, p. 30 a 37.

SILVEIRA, Abel; PIRES, Ribeiro. **Aimoré – Um clube guerreiro**. São Leopoldo: Rua Grande Gráfica e Editora, 1993.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SOUSA, Ruth. A fotografia como paradoxo da superfície. **Revista-Valise**, v.2, n.3, ano 2. Porto Alegre: 2012.

STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da (orgs). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

SURF em ônibus - você acha certo ??? #Vlog. [S.l.:s.n.], 20 jul. 2014. 1 vídeo, (6 min). Publicado pelo canal Papo de mineiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_hLdNiMh6c Acesso em: 05 dez. 2019.

TACHO. Cheiro estranho... alguém queimou uma bota. **Jornal VS**, São Leopoldo, p.2, 25 fev. 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e Violência Entre Torcedores de Futebol. In: **Revista USP**, nº 22, 1994, p. 92-101.

TORCIDA do Fortaleza faz mosaico alfinetando “mistos” contra o flamengo! Fortaleza: TUF. 16 out. 2019. 1 vídeo, (5 min). Publicado pelo canal Bora Leão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSGOSlxFBuG> Acesso em: 10 nov. 2020.

UPP - Unidos Por uma Paixão. *Unidos Por Uma Paixão*. Pelotas, [s.d]. Facebook: Página UPP. Disponível em: <https://www.facebook.com/UPP-Unidos-Por-Uma-Paix%C3%A3o-212428682267279/> Acesso em: 15 fev. 2020

VIANNA, Hermano. Der leone have sept cabeças. **Hermano Vianna**. 18 jul. 2020. Disponível em: <https://hermanovianna.wordpress.com/2020/07/18/der-leone-have-sept-cabeças/> Acessado em: 20 ago. 2020.

VILLAS BOAS, Lúcia. História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. **Cad. Pesqui.** [online]. 2015, vol.45, n.156, pp.244-258.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.5, p. 69-93, 1997.

VIRILIO, Paul. **A Máquina de Visão**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2002.

WAGNER, Nicolás. Jornadas de aprendizado, esquizofrenia e acesso. Julho, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@ncolaswagner/jornadas-de-aprendizado-esquizofrenia-e-acesso-6f7ca2c39c2f> Acesso: 15 fev. 2020.

WEBER, Daniela Maria. Metodologia Para Pesquisa em Imprensa: Experiências Através D'O Paladino. **Signos**, ano 33, n. 1, p. 9-21, 2012.

ZICMAN, Renée B. Historia através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, v.4, p.89-102, 1985.

ZIZEK, Slavoj. **O superego pós-moderno**. 1999. Acesso: em 1 de maio, 2019. Disponível: em <http://www.scribd.com/doc/19133295/Zizek-O-superego-posmoderno>

APÊNDICE A – POPULAÇÃO

A título de curiosidade apresentamos aos leitores algumas informações acerca da população dos municípios por nós tratados na presente pesquisa. Para tanto consultamos o site do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([20--]), onde constam os dados referentes ao último censo, realizado no ano de 2010, bem como a projeção da população em cada município no presente ano de 2020. Todas as cidades abaixo tratadas pertencem ao estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – População das cidades citadas

Cidade	2010	2020
Caxias do Sul	435.564	517.451
Formigueiro	7.014	6.616
Guaíba	95.204	98.239
Jaguari	11.473	10.765
Novo Hamburgo	238.940	247.032
Pelotas	328.275	343.132
Santa Cruz do Sul	118.374	131.365
Santa Maria	261.031	283.677
São Leopoldo	214.087	238.648
Sapucaia do Sul	130.957	141.808
Viamão	239.031	256.302

Fonte: O autor

APÊNDICE B – CLÁSSICO DO VALE

Como trabalhado na dissertação, o Clássico do Vale, jogo entre os dois principais times do Vale do Rio dos Sinos, o Aimoré e o Novo Hamburgo, vem se constituindo como o importante jogo do Índio, em termos de rivalidade, no decorrer do ano. Apresentamos, então, alguns números desse clássico, bem como ilustramos um pouco a cobertura da mídia acerca desse embate esportivo.

Tabela 2 – Números do clássico do Vale

Aimoré x Novo Hamburgo	
89	Total de partidas disputadas
39	Vitórias do Novo Hamburgo
17	Vitórias do Aimoré
33	Empates
Mando de partidas	
44	Estádio do Cristo Rei – Aimoré
36	Estádio Santa Rosa (extinto) – Novo Hamburgo
8	Estádio do Vale – Novo Hamburgo

Fonte: O autor

Figura 17 – Caderno de esporte especial sobre o clássico do Vale



Fonte: BECK, Matheus. Histórica virada do Índio no clássico. **Jornal VS**, São Leopoldo, 25 fev. 2019e. Esporte, p. 11.

APÊNDICE C – A HISTÓRIA DO MURO

A atual casa do Aimoré, o Estádio João Correia da Silveira, mais conhecido como o Monumental do Cristo Rei, tem em sua história recente uma série de registros de quedas de um dos seus muros. Estamos falando aqui do anteparo de tijolo e concreto que divide o Monumental da Rua Santo Inácio. Abaixo publicamos alguns *prints* de matérias do jornal VS de diferentes datas a cerca do muro, sua queda e reconstrução.

Figura 18 – Queda do muro na capa do VS



Fonte: BECK, Matheus. Vento forte e chuva provocam estragos **Jornal VS**, São Leopoldo, 26 jan. 2016, Capa.

Figura 19 – Reconstrução



Figura 20 – Ao fundo, o muro que insiste em cair



HOMENAGEM: antes do início da partida, um minuto de silêncio pelo Zico

Fonte: ROSA, Diego. Homenagem: antes do início da partida, um minuto de silêncio pelo Zico. **Jornal VS**, São Leopoldo, p. 23, 21 jan. 2019.

ANEXO A – IMAGENS

Figura 21 – Aimoré vs Novo Hamburgo: “quero que legalize o baseado”



Fonte: AIMORÉ vs Novo Hamburgo - Los Reyes / Quero que legalize o Baseado. São Leopoldo: Torcida Los Reyes, 21 ago. 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Torcida Los Reyes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1OugiRq1xo>. Acesso em: 03 fev. 2020.

Figura 22 – Charge sobre o clássico do Vale



Fonte: TACHO. Cheiro estranho... alguém queimou uma bota. Jornal VS, São Leopoldo, p.2, 25 fev. 2019.

Figura 23 – O Aimoré voltou



Fonte: CE AIMORÉ. Poster: o Aimoré voltou. São Leopoldo, 2012. Facebook: ceaimore. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/ceaimore>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Figura 24 – Torcedores acompanham jogo do Aimoré no Barranco



Fonte: CE AIMORÉ. Torcedores no barranco. São Leopoldo, [20--]. Facebook: ceaimore. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/ceaimore>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Figura 25 – Macedusss & As Desajustados Bando vestindo roupas do Aimoré



Fonte: O autor

Figura 26 – Foto de divulgação da Macedusss & Banda



Fonte: O autor